

DAS
HISTÓRIAS
VADIAS
E OUTRAS
LEVITAÇÕES

Antônio Paulo
de Moraes Rezende





DAS HISTÓRIAS VADIAS E OUTRAS LEVITAÇÕES

Antonio Paulo de Moraes Rezende


Editora
UFPE
Recife
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

EDITORA ASSOCIADA À



EDITORA UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

CONSELHO EDITORIAL (CONED)

Alex Sandro Gomes (CIn)

Carlos Newton Júnior (CAC)

Katharine Raquel Pereira dos Santos (CAV)

Marília de Azambuja Ribeiro Machel (CFCH)

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (CE)

EDITORAÇÃO

Revisão de texto: Gilberto Clementino de Oliveira Neto e Rodrigo Acioli

Projeto gráfico: Pedro Henrique Gomes

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-1408

R467d Rezende, Antonio Paulo, 1952-.

Das histórias vadias e outras levitações [recurso eletrônico] / Antonio Paulo de Moraes Rezende. – Recife : Ed. UFPE, 2025.
1 recurso online (209 p.)

ISBN 978-65-5962-312-9 (online)

1. Rezende, Antonio Paulo, 1952-. 2. Historiadores – Brasil – Biografia.
3. Crônicas. 4. Ensaaios. 5. Historiografia. I. Título.

920.99072

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2025-016)

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



Por que foi que deixamos de ver os outros como uma parte de nós mesmos? Porque aprendemos a olhar demais para nós. Há uma anulação de nós mesmos que temos de aprender. No fundo, o escritor é um escutador. Aprendeu a ouvir os outros. E percebendo, no fim, que quem está ali é ele.

Mas tem de começar por fora.

Mia Couto

Sumário

10 **Antes de tudo**

12 **Prefácio**

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

PARTE I MEMÓRIAS DO HISTORIADOR

22 Os sinais das histórias

27 Os primeiros tempos

35 A pós-graduação na Unicamp

43 O primeiro retorno

59 O doutorado na USP

71 Os saberes compartilhados

79 O pós-doutorado

84 O encontro com Freyre e Paz

91 Redefinições aprofundadas

101 Impasses marcantes: um intervalo do inesperado

105 Nas curvas finais

PARTE II ESCRITAS DO COTIDIANO (CRÔNICAS)

Narrativas e histórias

- 114 As escritas das histórias, os ritmos do impossível
- 116 A sociedade vive tensões programadas?
- 119 As travessias históricas do poder: diversidades
- 121 O inferno são os outros?
- 123 As utopias se arruinam ou se reinventam?
- 126 A palavra: seus enganos e suas cortinas
- 128 O peso das utopias revolucionárias
- 131 A história constrói o inesperado
- 134 Somos aprendizes da história e do mistério
- 137 O descaso com a história
- 139 As celebrações da vida: o aqui e o agora
- 141 Não desconheça a história nem a mentira
- 143 Você se lembra da história ou ela não existe?

Levitações afetivas e memórias

- 146 Dos amores e das paixões: o mundo se desenha
- 148 Não se compra o afeto nem se corta o corpo
- 150 Construir as histórias, inventar as culturas,
costurar a dignidade
- 153 A memória não se aquieta
- 155 As memórias assanham dores ou escondem
trapaças?
- 158 A memória manipulada: a perda do amanhã?
- 161 Memórias políticas, redefinições históricas
- 164 O fogo da memória, a memória do fogo
- 166 Desfazeres avulsos
- 168 Galeano: a memória companheira da história
- 170 Quem compra a vida e não mede a dor?
- 173 As “origens” do mundo: o caminho de Adão e Eva
- 176 E a memória de Deus: morreu ou descansa?
- 178 Mandela: as experiências ensinam e desenhavam
memórias

Poderes políticos e cotidiano

- 182 Invente-se: a competição afasta e oprime
- 185 As informações moram nas ordens dos poderes
- 188 A luta anarquista, a desigualdade histórica, o livro de Hans Magnus
- 191 O trabalho: a exploração desmonta a vida
- 193 Incertezas contemporâneas: o lixo e o luxo se completam
- 196 Quem aposta na política?
- 198 Ocupar as ruas, refazer o lúdico, entender a diversidade
- 201 O fascismo marca a política
- 203 A rebeldia e a repetição não se largam do cotidiano
- 206 Esquisitos poderes

208 Sobre o autor

Antes de tudo

Se a escrita nos faz olhar o mundo, não devemos nunca esquecer-la. É inegável que o mundo tem muitas cores, permite ou pede muitas leituras. Cada vida se apresenta respondendo a escolhas. As respostas não afirmam certezas, pois os malabarismos acompanham todos os momentos. Também é confuso acreditar no monoteísmo, quando existe uma multiplicidade de coisas, sentimentos, corpos. Os deuses viajam com as nuvens. O historiador mais do que pensa, ele imagina. Seus temas dançam e não negam as mudanças, porém estão juntos com as escritas, falam de si, tatuam desenhos inesperados. Nem tudo cabe no texto. Não custa voar com os pássaros e sonhar com o infinito. A escrita é um ensaio. Chama para reflexão e não deve esconder o outro. Estou no barco. Se ele navega rápido, não sei. As tempestades metem medo. No barco, mora minha escrita. Ela dorme, quando cansa, porém é espelho, meu e

seu. Converse com a geometria que assanha cada palavra. Antes de tudo, estamos e somos a história.

O importante é não deixar de lado as controvérsias. Não acredito na uniformidade. A vida não se cansa de virar e correr, quando tudo parecia um sossego interminável. Escrever ajuda, mostra imagens, empurra desejos. Estou aqui, inquietando, trazendo passados, envolvido com a nostalgia. Se a verdade derruba preconceitos, então vamos buscá-la. Não sei quando tudo termina, mas coloco traços do que vivi. Há repetições, talvez esperanças. Não comungo com a rigidez. Não me calo. Os ruídos fazem o coração esticar os sentimentos preguiçosos. Os labirintos conhecem seus monstros e tentam decifrá-los. O escritor não é um espelho riscado. Dialoga e foge para semear significados. Não se nega a expandir as travessuras. Posso linhas nas suas mãos abertas como um cigano generoso. Descontinua-se sem abandonar a memória do circo e a lágrima de quem perdeu o azul. Na conversa entre Ulisses e Prometeu, está o diálogo que esclarece a história. Difícil é escutá-lo com cuidado e sem emoção.

Da delicadeza, ou enfrentando o labirinto das solidões

Leve o livro ao colo, leia em fogo brando. Com delicadeza, deguste cada página. Ao final do repasto, talvez saibas por qual motivo escrevemos. Talvez entendas o risco e o prazer de embalar palavras em nossas mãos cansadas. Talvez aprendas que é para dar sentido à própria existência que afrontamos os perigos do espaço em branco. Traga o livro de encontro ao peito, à região limítrofe entre a cabeça e o tronco, pois foi daí que ele nasceu, da dobradura entre o pensamento e a voz, do encontro entre idéias e palavras. Ele é parente de coisas como colar, colarinho, coleira, torcicolo, tiracolo e cachecol. Ele tem com cada uma dessas coisas de colo seu parentesco. Ele é belo e brilha como um colar. Por vezes, sufoca e tira o fôlego como um colarinho. Ele tem o condão de nos arrastar e nos prender como uma coleira. Ele fala de dores e torsões, de giros como um torcicolo. Ele nos mantém suspensos, enganchados a tiracolo. Ele tem a maciez,

o calor e a delicadeza do cachecol, preservando e aquecendo nossa fala, a protegendo do gelo do mundo que está lá fora.

Este livro é, sobretudo, sobre o próprio ato de escrever. Sobre a relação existencial com as palavras ditas, ouvidas, escritas. É sobre uma vida dedicada às palavras lidas, sentidas, memorizadas, reproduzidas. É sobre a descoberta de que as palavras nos servem de abrigo, de refúgio e de morada. Que suas delicadas existências são, por vezes, o único abrigo contra as intempéries da vida. Se elas, algumas vezes, nos ferem, nos machucam, nos fazem sofrer, mesmo nesses momentos, somente elas podem nos trazer o bálsamo e a cura. Elas são nosso regaço, elas nos sustêm, nos acolhem, nos dão segurança e sentido para nosso deambular pela existência.

O autor desses escritos se inventa, se veste e se reveste com e de palavras. Ele se conserva na conversa, se autoriza na autoria, se despe e se despede com esses dizeres por escrito. Ele nos oferece o colo das palavras, no qual, muitas vezes, chorou, se lastimou, se lamentou, mas também no qual foi muito feliz. No colo das palavras, ele brincou, fez muita arte e muito artimanha. Com as palavras, ele seduziu e cedo viu, nelas, a possibilidade de fazer a vida, de refazer a vida. Com as palavras, descobriu que podia narrar, podia contar, podia cantar, podia catar as pérolas do existir. Com as palavras, ele descobriu o fazer história, o inventar tempos, o inventariar passados, para submetê-los à lâmina afiada da crítica, mas também para acolhê-los na banha da imaginação, da imagem, da ficção. O autor, ator que se

reinventa a cada escrito, aqui comparece em retalhos de existência e de experiência, experimentando os perigos de se expor, por vezes, em carne viva, mesmo que ela viva no túmulo ou no cristal das palavras.

Neste livro, que você traz ao colo, você vai saber que escrever é uma forma de enfrentarmos os labirintos da solidão. Ao Antonio que escreve esses textos, apavora o estar só. Sua existência e sua escrita foram uma luta constante contra essa condição ontológica do ser humano: o ser solitário. Somos seres únicos, lançados na existência, vidas individuais que, no entanto, não se bastam, não conseguem sobreviver e existir sozinhas. Precisamos do outro, do coletivo, daqueles que nunca controlaremos completamente, daqueles que, mesmo que os escravizemos, lutarão por afirmar seu ser singular. O inferno e o inverno são os outros, mas, sem eles, não haveria primaveras ou verões. O livro do Antonio e do Paulo, ser nominalmente dúplice e duplicado, nos fala – o tempo inteiro – da necessária relação com o outro, da empatia, da comunicação, da convivência, da partilha, da participação, do aprendizado com a presença do outro. Do outro como o único refúgio contra a solidão, do outro como cúmplice na luta contra a solidão e contra a saudade.

Escrevemos, muitas vezes em momentos de solidão, para nos endereçarmos aos outros, para com eles ou com elas nos comunicarmos. Na solidão, encontramos as condições do dizer por escrito; na solidão se funda o ato de escrever,

embora possamos escrever a muitas mãos. Mas escrevemos para afrontar e enfrentar os labirintos da solidão, os medos, temores e tremores do estar sozinho. Quando Rezende encontrou Paz, descobriu por que a paz nunca encontrou, por que ela sempre lhe fugiu, por que ela nos persegue como um monstro, nos enredando e nos arredando de encontrar um fio para a existência. Desfiamos a escrita, puxamos pelas palavras, em busca de enredarmos, de darmos enredo para nossas histórias, para as nossas existências, sob pena de não encontrarmos o caminho, o discurso que nos leve até os outros, que nos afaste do temido labirinto das ausências eternas e sem saída.

Moraís foi um nome e um homem de encontros, mas também de desencontros e desencantos, modernos e tradicionais. Continua sendo um homem encantador, naquilo que conta e naquilo que faz. Este livro é mais uma busca de encontro, é mais uma forma de estar junto, de ser ajuntado, de viver em comunhão. Antonio, nome de gente valiosa, de valor inestimável, digna de apreço e, também, curiosamente, o nome daqueles que se alimentam de flores. Antonio não só se alimentou de, como nos alimentou com belas flores do verbo, mesmo quando lhe faltaram verba e verve. Esse livro é mais um conjunto de pétalas que desabrocham em seu colo, esperando que ele seja solo fértil para seu germinar. Antonio sempre buscou e fez um buquê ou uma penca de amigos e amigas, na vida e no pensamento. Carinhoso e curioso, Paulo – nome de gente pequena, de gente baixa, no caso seria mais

de gente mirrada, mas cuja mirada vai muito além – sempre esteve à frente, em busca do fora, do horizonte para além do labirinto das perdas e das impossibilidades, dos limites e das fronteiras, do tudo que diz não, como os poderes e saberes instituídos e instituintes. António Paulo nos lança mais um apelo ao encontro, ao fazer e ao estar coletivos, ao viver juntos e misturados, agarradinhos nas redes, mesmo aquela mundial de computadores. Aqui há muito do historiador do cotidiano, do presente, navegador do labirinto dos encontros e das perdições das redes sociais. Menino de rede, maduro das redes, cedo descobriu que estar plugado e navegar no emaranhado digital era mais uma forma de enfrentar os labirintos da solidão. Quando a dor de amor se fez, quando a perda colocou o companheiro dedicado, perceptivo, melindroso, leal, inseguro, sensível, solidário, ligado à família, em estado de solidão e depressão, quando veio pôr o amante possessivo em xeque, eis que se abriu a porta dos blogs para encontrar companhia, para dizer da vida e da história para outro público. Fazer história pública nunca foi novidade para esse ser sob o signo de câncer, que sempre esconde, por sob uma carapaça protetora, um coração mole, carente por afetos e afecções vindas dos outros. Comunicar e comunicar-se sempre foi, nele, ofício e talento, prazer e exercício.

Este é o livro de um professor que – por muitos méritos – é, agora, emérito. Tal como na Roma antiga, o autor deste livro é um veterano em seu ofício, um homem que – após muitas lutas e batalhas – resolveu se aposentar, mas

é, sobretudo, um vitorioso, um conquistador de mentes e corações, um desbravador de campos e de rotas inusuais, um comandante de tropa que soube orientar por sendas ainda não trilhadas e percorridas. Muitos, por vezes, o viram como um ser meio perdido, sem rumo e sem rota, absorto em seus devaneios e na sua fértil imaginação. Mas esse veterano nos mostra, com este livro, que seu regaço ainda pode acolher muitos outros, que ainda pode carregar muitos nas costas, que ainda pode ser a tipoia a amparar e a aparar muitos que ainda engatinham no ofício de escrever e ensinar a história.

Esse homem que sempre fugiu das leis rígidas e rigorosas, do direito e da direita, nos apresenta outros modos de ser de esquerda. Nestes tempos de fascismo redivivo e militante, este livro traz profundas reflexões sobre a política em sua historicidade, sobre os equívocos e crimes cometidos em nome das utopias mais generosas. A partir de um profundo amor pelo outro, pelos seres humanos, a partir do afeto e da compaixão mais autêntica pelos trabalhadores, desvalidos, explorados, injustiçados, este livro reflete sobre os desafios de imaginarmos novas utopias, o compromisso que devemos ter com a espera e com a esperança, pois – sem horizontes de futuro – levamos uma vida de emparedamento e sufocamento no presente. Este livro nos chama atenção para os perigos e poderes, para a geometria que assedia cada palavra. Cada palavra pronunciada é um projétil e um projeto de sentido e, portanto, de

domínio sobre as entidades que compõem o que nomeamos de real. Há um risco em cada enunciado, pois há política e polícia em cada um deles, nem que seja a polícia da gramática. A pólis, desde sempre, está na origem da política, mas também do policiamento. Há quem prefira a mudez e a solidão para não afrontar os riscos do dizer, notadamente, do falar em público. Sair do labirinto da solidão tem custos, seguir Ariadne e seu fio pode nos livrar, mas pode também nos fazer dar de cara com o Minotauro, com a violência, a rudeza e a brutalidade da palavra fascista, do linchamento e trucidamento público. Buscar o outro é sempre perigoso, ir ao encontro do estranho, daquele e daquela que de ti difere, é sempre uma aventura e um risco, mas essa é a única possibilidade de haver encontro, de se fazer a dois.

Delicado, *delicatus*, que significa atraente, agradável, também luxuoso, atraído pelo prazer, de origem incerta. Por vezes, a etimologia diz muito mais do ser que usa a palavra do que sobre ela mesma. Abra este livro com delicadeza, pois você pode vir a machucar o seu autor. Como um ser de tinta e papel, o escritor, historiador, poeta, professor que aí se apresenta é um ser delicado, embora não seja nada frágil. A delicadeza é uma marca da escrita e do ser de Antonio Paulo de Moraes Rezende. Ele é um ser sedutor também ao escrever, ao escrevinhar no papel ou na tela seus arabescos reflexivos e poéticos. Sua escrita é atraente e agradável, perigosa, diriam muitos, pois nos captura pela leveza e pela beleza. Somos levados por esse regato de palavras que

discorre em teu regaço nesse momento. Atraídos pelo prazer do texto, da leitura, nos damos ao luxo de experimentar-mos sensações, sentimentos e emoções de origem incerta. Este não é um livro apenas para refletir, mas para sentir, se deixar afetar, submergir em seus encantos e sair dele transformado por sua travessia, que é a travessia mesma de uma subjetividade perplexa diante da vida, do caráter solitário e solidário do existir, se perguntando sempre: “existirmos, a que será que se destina?”. Pergunta a que a escrita da história e os historiadores vêm tentando dar resposta há alguns séculos. Aqui vocês encontrarão tentativas de resposta, mas sobretudo perguntas e indagações delicadas e sutis sobre como encararmos a espantosa dádiva da existência, fadada à finitude, fadada à morte, que se ensaia e mostra seu rosto em cada ser que se vai, em cada ausência que se faz, em cada perda que se vive, que ganha um dos seus mais assustadores rostos na solidão, afinal a morte é solitária, é a entrada definitiva no labirinto da solidão, de onde não mais se encontrará saída. Por isso, enquanto experimentarmos a delicada situação de estarmos vivos, escrevamos, afrontemos a solidão, essa outra máscara da morte, fazendo das palavras pontes para o encontro com o outro, pois é a partir dele, de cada um que de nós se aproxima, que testemunha que estamos vivos, que somos alguém, que existimos. É no cristalino do olhar do outro que cristalizamos nossa existência. Antonio, como fez tantas vezes na vida, com seus amores, com seus filhos, com seus parentes, com seus

amigos, mais uma vez nos oferece colo, nos põe num colo de palavras para que possamos sentir o calor e o amor de uma de suas vidas.

Natal, 7 de agosto de 2023,
a dois dias de António se tornar professor emérito.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

The background of the entire page is a close-up photograph of water with numerous small, overlapping ripples. The water is a deep blue color, and the light reflects off the crests of the ripples, creating a shimmering effect.

PARTE I

MEMÓRIAS
DO HISTORIADOR

Os sinais das histórias

O historiador anda sempre atrás das origens. Mesmo que negue, se considere pós-moderno, os escorregões acontecem e denunciam as ambivalências. Como tudo começou? Quem é o criador? As criaturas sofrem mesmo no paraíso? Quem fundou e determinou as margens mais profundas do mundo? Há, nos trabalhos acadêmicos, as considerações finais buscando fechar as portas e garantir as certezas. As polêmicas não cessam. Muitos esquecem que há enigmas, o reino da razão possui imensas lacunas, e os labirintos assemelham as dúvidas. As narrativas se desmontam ou mesmo buscam testemunhar verdades. Tergiversamos no meio de conceitos abertos para desafios.

Os cenários da vida são construídos entre ruídos e silêncios. Conflitos, diálogos, sussurros, silêncios e ruídos nos acompanham sem sossego. Não há um sentido anterior

para o que fazemos. Isso nos incomoda. Há quem adore mistérios e nem ligue. Especulamos sobre o destino, mergulhamos nos melhores dramas das tragédias gregas, mas a vida é feita de arquiteturas surpreendentes e inacabadas. Inventamos sentidos para não nos perdemos diante de tantas perplexidades. O sentido nos dá uma dimensão do cosmos, nos livra do caos extremo e do aparente absurdo que nos cerca. A arte maior da nossa existência está em articular o viver e o narrar sempre presentes em qualquer momento. Vivemos a vida para contá-la e a contamos para vivê-la. Ninguém escapa. Não é apenas o historiador que domina a arte de contar. Todos nós contamos nossas vidas, elaboramos narrativas cotidianas. Há frustrações; no entanto, conviver é viver. Estamos buscando compreender, com isso, nosso ser e estar no mundo. As narrativas são como espelhos que nos revelam identidades complexas, onde não faltam máscaras e olhares atentos aos menores sinais de mudanças inesperadas ou de quietudes permanentes. Não custa lembrar que não somos profetas, apesar das pretensões e dos tapetes mágicos.

Presente, passado e futuro se misturam nas tentativas de construir nossas narrativas. Não há um tempo linear, progressivo, absoluto, mas um profundo diálogo entre os três tempos, numa simultaneidade, muitas vezes, avassaladora. O presente é quase soberano. A partir dele, formulamos nossas questões sobre o passado, entrelaçamos esquecimentos e lembranças, sacudimos o que foi vivido e verificamos que

a vida muda, quando as questões e as expectativas mudam. As turbulências provocadas pelas instabilidades do presente trazem releituras do passado. Não é um devaneio afirmar que o passado é uma invenção do presente. Estamos longe de acreditar que podemos contar o fato tal como ele aconteceu. Nossos relatos do vívido navegam em mares cheios de assombrações, e terminamos por nos comportar como os marinheiros do início dos tempos modernos, contraditoriamente medrosos e ousados. Ulisses nos colocaria num deserto como raros oásis. Riria confortavelmente. Lidar com o tempo se torna uma tarefa fundamental para quem procura se equilibrar nos desafios da sua história, mesmo sabendo que o equilíbrio é sempre provisório e as certezas não fazem parte do humano. Para que o absoluto?

A memória é tecida com fios delicados. Somos artesãos ou, quem sabe, seguidores das travessuras de Penélope na sua espera por Ulisses, enganando e preservando, desenhando com suas linhas o sentido maior dos seus desejos. Há, nas artimanhas de Penélope, mistérios indecifráveis, porém muitos a consideram um exemplo de fidelidade e amor indiscutível. O difícil mesmo é ter clareza no julgamento ou até vislumbrar a possibilidade do julgamento. Não podemos, no entanto, dispensar esse diálogo entre passado e presente. Ele é a base da vida, da narrativa e da constituição de memória. Sem ele, sepultaríamos qualquer reflexão sobre a história, ficaríamos trôpegos. A memória fortalece a relação entre as experiências e as sensibilidades construídas,

sempre fazendo a ponte com o que representam os outros, para seguirmos adiante com os nossos projetos e as nossas afetividades. A memória dá significado ao que nos cerca, enraíza sentimentos e esclarece a repetição de certos desejos.

O ofício do historiador assume, portanto, uma conexão constante com a vida, nas singularidades individuais e no esforço de criar trilhas que alimentem a solidariedade e o social. Diante do que foi vivido, resta sempre localizar as possibilidades abertas para que a vida não cesse. A história é a construção da possibilidade. Quando encarceramos a esperança e nos desfazemos do futuro, praticamente fechamos todas as travessias do sonho, tiramos o fôlego da vida, desmontamos o nosso ser e estar no mundo. Ao narrar a vida, buscamos encontros, e não mortes. O querer narrar e o não desistir de narrar asseguram a continuidade dos tempos históricos. Podemos manter-nos vivos por meio da narrativa dos outros, como também reinventamos o mundo na medida em que percebemos que a solidão é apenas um disfarce ou um recolhimento, mas nunca uma ausência definitiva do território da história. A existência do social não é uma especulação vazia, mas a garantia da nossa permanência, mesmo confusa ou trágica, na cartografia maior de um mundo imaginado para ser vivido. Cada instante é uma peça de um quebra-cabeça interminável. Cada relato é uma tentativa de decifrar os significados do que foi vivido. O ofício do historiador não se encerra na intimidade dos seus textos, mas se multiplica na sua comunicação com os

outros, na intertextualidade das suas metáforas, que nunca falam só de si, pois precisam ser entendidas pelos outros para se tornarem culturalmente legítimas. O coletivo existe com remendos e bordados nada sutis.

Nestas páginas me coloco diante de muitas histórias. A memória se alarga a cada busca, é um magma incomensurável. Tantas cores e formas correm pela imaginação, que fica difícil apontar por onde começar essa longa travessia. Sempre as reviravoltas nos aprisionando, e as visões de abismos nos assustando. Volto a lembrar que os cenários da vida são construídos entre silêncios e ruídos. Escutá-los como toques de intensidades diferentes é uma alternativa. A vida tem ritmos. Cabe nas sinfonias mais dissonantes, nos tangos mais nostálgicos, nos cânticos religiosos mais sublimes, nos adágios mais lentos. Não há como restringi-la a fórmulas musicais únicas. O mesmo ocorre com seus relatos. Ora nos lembram Bach, ora Astor Piazzolla, ora a serenidade clássica, ora o arrebatamento apaixonado, enfim, somos criaturas de Prometeu. As acrobacias inquietam a vida, e as pedras formam caminhos.

A ordem e a transgressão nos acompanham na aventura da história. Transgredimos para produzir a possibilidade, ordenamos para evitar a perda de sentido. Talvez sejamos os mesmos seres de sempre, com os desesperos, as ansiedades e a vontade de poder dos deuses gregos. Não podemos esquecer que foi por amor que Prometeu nos ensinou a usar o fogo, desobedecendo à hierarquia do Olimpo, e

transformando a monotonia de um mundo sem futuro no desafio de vivermos a inquietude de nossos desejos infatigáveis. Prometeu, silenciosa e ardilosamente, fundou a cultura. Os ruídos da sua ousadia ainda repercutem, mantendo e agitando a história. A narrativa ajuda-nos a correr por entre os labirintos da vida, a desarmar desencantos, a reavivar cenas perdidas, a testemunhar a multiplicidade que tece cada um de nós e a compreender que a vida se refaz soltando pássaros.

No meio do mundo, o historiador esculpe suas imagens, tergiversa nas escolhas das fontes, desenha a lucidez e as sombras. A verdade e a mentira, o depoimento e a fonte, se transformam nas idas e vindas do tempo. O historiador não se cerca de certezas rígidas. Seu ofício é escorregadio, seus astros abraçam estrelas que enganam com luzes extravagantes. Portanto, as travessias variam, não estamos nas epidemias da Idade Média, porém enfrentamos um vírus que explode garantias e globaliza os sofrimentos. Não há como se retrair ou acreditar em profecias antigas para redigir textos que tracem cronologias infalíveis. Há tatuagens na memória que desafiam e inventam cores.

Os primeiros tempos

Nasci no Recife, em 1952. Sou o primeiro de uma geração da minha família materna: o filho mais velho, o neto mais velho, o bisneto mais velho. Para estes, geralmente, reserva-se

um destino, a responsabilidade de seguir as tradições e de honrar os chamados compromissos históricos das gerações anteriores. Sucumbir ao destino desejado pela hierarquia familiar significa, muitas vezes, se anular para sempre. Perder de vista a possibilidade, fazer da vida uma reprodução cansativa, desconhecer as aventuras e as ousadias. Tive que me envolver com isso desde o início. Minha formação foi construída num diálogo constante entre um passado fortemente destacado e a busca de alternativas que afirmassem outros valores. Quem sabe o espírito de Nietzsche estivesse tramando por perto? Tudo isso sem querer desprezar a riqueza das relações afetivas, tão importantes para que a vida suspire com mais leveza. Vivi intensamente a dualidade do tradicional e do moderno, do rural e do urbano, com suas fronteiras, muitas vezes, frágeis. Para mim, as diferenças eram incertas, e caminhava procurando localizar-me para evitar as ambiguidades mais profundas. Ninguém escapa das dúvidas nem formula um projeto esvaziado de contradições. O trapézio se movimentava sozinho, zombando do perigo.

Morava no Recife, filho de pais de classe média, mas passava minhas férias em Timbaúba, cidade da Mata Norte de Pernambuco, onde imperava o domínio da cana-de-açúcar, junto com meus avós maternos e a maior parte da família, que ali trabalhava e se dedicava à mesma atividade econômica havia muito tempo. Portanto, minha paisagem eram os canaviais, e passava bons tempos convivendo com as assombrações das casas-grandes, ao mesmo tempo que

desfrutava do cotidiano de uma cidade onde todo mundo se conhecia, sentindo-me muito protegido. Era o contraponto à vida que tinha no Recife. Foi um tempo expressivo e fundante das minhas experiências. Mergulhado nas diferenças, buscava equilíbrio e fazia escolhas, algumas inexplicáveis diante das muitas facilidades que se apresentavam e que recusava aceitar. São recordações instaladas no meu coração e fundamentais para minha vida afetiva. Nunca consegui me desfazer delas. Os divãs fracassaram, e as teses de Freud mingüaram, assim respondo como solucionei impasses e costurei meu mal-estar. Desculpem o atrevimento.

No Recife, convivia mais com os limites, sem os poderes da tradição, cercado de outros valores. Durante quase 20 anos, foi esse o ritmo da minha vida, com territórios de formação diversos, montando os quebra-cabeças do existir. No Recife, os estudos, as descobertas intelectuais, o asfalto, a agitação urbana; em Timbaúba, as férias, a natureza, as amizades mais próximas, o andar solto pela cidade, o fascínio do poder, as frutas deliciosas. Quando li García Márquez, me firmei em algumas interpretações. Ia me definindo diante de realidades e imaginários tão distintos, não sem confusões, rebeldias, medo de perder certas seguranças, porém avaliando tudo sem a marca do radicalismo. A questão não era trocar uma coisa pela outra, mas pensar a possibilidade de vivê-las nos seus encontros mais valiosos e mais estimulantes. Foi uma aprendizagem inesquecível e definidora das minhas identidades. Construí muitas rupturas, todavia não

me excluí dos laços afetivos e tampouco fiz dos preconceitos uma armadura para me defender ou justificar minhas escolhas. Desenhei princípios que me acompanham. Eles estão presentes nas minhas experiências, nas minhas conversas com as dissonâncias do mundo. Lá estavam os acordes de Glass, o grande compositor contemporâneo. Por fim, resolvi ser professor, para a surpresa e decepção de muita gente, mas, sem dogmatismo, para minha felicidade. Na profissão, sedimentei, talvez, o maior encontro da minha vida. Uma escolha em que não cabem arrependimentos, porém certezas, descobertas e alegrias. Os cortes e as mágoas submergem diante dos achados e das invenções.

Uma pessoa foi fundamental para minha definição pela vida intelectual: o professor Jorge Cahú, vizinho da Rua Miranda Cúrio, na Encruzilhada, no Recife, e que frequentava a minha casa quase cotidianamente. Havia se aposentado, muito antes do que desejava, devido a um problema que tivera nos olhos – ficara cego. Era um professor renomado, polêmico, crítico. Tinha uma memória fabulosa. Desfazia mitos, desconfiava dos heróis tradicionais e reclamava sempre dos desmantelos políticos existentes no Brasil. Cresci ouvindo suas conversas. Agitavam-me. Elas me faziam ver coisas que estavam fora da convivência familiar. Como eu gostava de ler e era muito curioso, as conversas com o sábio professor me encantavam. Entusiasmado, ele comentava que minha vocação estava determinada, e fazia previsões

de que seria uma pessoa ousada, acolhida pelas aventuras dos saberes. Imaginava-me como político importante.

Dr. Jorge Cahú – era como todos o chamavam, pois fizera bacharelado em Direito – morreu quando eu estava terminando meu mestrado na Universidade de Campinas. Não pude me despedir dele, que, pouco antes, me havia presenteado com um livro de Marcuse. Recebi a notícia abalado e triste, invadido por uma saudade que se estendeu pela vida afora. Escrevo tudo isso tomado por uma forte emoção que me aponta para os momentos de fundação da vida. Dedi-quei a ele minha dissertação, e sua lembrança é permanente quando vivo meus embates profissionais. Recordo-me que, como ele não podia ler, pagava a estudantes para lerem em voz alta, escutando-os com atenção, preocupado em não perder seu contato com um mundo que as armadilhas da vida queriam roubar-lhe. Continuava a exercer sua paixão pela literatura. As adversidades não eliminaram sua vontade de conhecer. Um dos seus grandes heróis era Lima Barreto, citava sempre *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Seu exemplo e sua obstinação superaram todos os outros encantamentos, e assim abri um caminho que nunca fechei e que embalava boa parte dos meus sonhos. Nunca separei meus devaneios intelectuais das minhas construções afetivas, talvez motivado por essa convivência marcante, numa fase em que nosso diálogo com o mundo é mais direto, e os exemplos se constituem como base na memória que nos acompanhará.

Tive uma formação escolar que passou, no início, pela escola pública. Depois, vivi uma experiência atualmente rara e de grande importância para minha formação. Uma professora, amiga da família, montou uma escola na sua casa, com poucos alunos e de séries diferentes. Aprendi muito. Foi um alicerce que sustentou minha formação escolar, facilitando minha aprendizagem e meu interesse pelo estudo e, sobretudo, pela leitura. Os cinco anos que passei no Colégio São Luís, da ordem Marista, foram também fundamentais. Sedimentaram saberes e princípios de vida, firmaram boas amizades. Existiam, ainda, dúvidas sobre qual seria minha profissão. Pensei em ser engenheiro, mas meus fracassos frequentes em matemática e meu apego pela literatura me levaram para outras escolhas. A carreira diplomática exerceu certo fascínio, sem, contudo, fincar raízes firmes.

Quando comecei o curso médio, parecia fadado a estudar Direito, seguindo a tradição. Era uma escolha pela qual não sentia paixão, feita por comodidade. Gostava mesmo era de literatura, filosofia e história. Meus professores eram excelentes. Estudava no Curso Torres, muito conhecido pela quantidade de pessoas qualificadas que haviam se formado na área de humanas, sobretudo bacharéis em Direito. Não me via, porém, nas entranhas dos tribunais, envolvido nas astúcias jurídicas. Não me pensava também como professor. Havia indefinições e tempo para que tudo se resolvesse. Acaso e necessidade tramavam seus golpes, sempre parceiros das nossas escolhas, embora pareçam tão incompatíveis.

Fiz vestibular e entrei na Universidade Federal de Pernambuco, seguindo o rumo esperado pela família, mas com o coração cheio de hesitações, desconfiado, sem coragem de transgredir, buscando acolhida na literatura ou na filosofia, pois a história não me havia ainda mostrado todo seu fascínio. São os contratempos, as dúvidas, as pontes perigosas.

Na Faculdade de Direito, tive muitos desencantamentos. Não conseguia motivação suficiente para aprofundar minhas leituras na área e ficava também perplexo com a arrogância de alguns professores, acostumado com os do Curso Torres, com destaque para Walteir Silva, Manuel Torres e Humberto Vasconcelos, atentos aos alunos e às suas indagações, com simplicidade e clareza. Compensava esses infortúnios com minha dedicação à leitura do que me interessava e me atraía. Minha paixão era a literatura latino-americana. Estava seduzido por García Márquez, Vargas Llosa, Jorge Luís Borges, Pablo Neruda, Julio Cortázar, Manuel Scorza. Viajava nas suas obras, que foram decisivas para minha formação literária. Nessa fase, mergulhei também nos textos de Guimarães Rosa, José J. Veiga; nos poemas de Drummond, Vinícius, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo; numa coleção com a publicação de autores que ganharam o Nobel de Literatura; e noutra d'Abril Cultural trazendo obras literárias clássicas e modernas. Gostava de escrever e exercitava, vez por outra, essa vontade, prazerosamente. Tempos de muitas descobertas e de abertura para outros mundos que me afastavam dos saberes jurídicos, tornando

meu curso de bacharel em Direito cada vez mais espinhoso. Adágios silenciosos prometiam anúncios inesperados.

Estava um pouco aflito com as incertezas e a pressão da família, que se faziam presentes. Inscrevi-me num concurso, não me lembro para quê, mas terminei confundindo os prazos e perdi a oportunidade de lutar pelo meu primeiro emprego, pois, naquele tempo, havia outras exigências – era preciso começar a trabalhar cedo, seguindo os mandamentos da época. Apareceu, então, um outro caminho, aparentemente provisório, mas que iria se tornar definitivo. Fui convidado pela minha ex-professora de história Nadir Assis a substituí-la em algumas aulas. Era um considerável desafio, pois ela ensinava num grande cursinho que preparava para o vestibular. Cada sala de aula comportava cerca de 150 estudantes, e faltava-me experiência para enfrentar um público tão exigente e heterogêneo. Além disso, não tinha formação acadêmica em História, era autodidata. Contudo, não vacilei. Era um teste, podia aproveitar para decidir minha profissão. A experiência valeu, apesar das dificuldades.

Mínhas primeiras quatro aulas foram um desastre. Não conseguia ter ritmo; numa rapidez assustadora, explicava, em 30 minutos, assuntos com extensos conteúdos. Os alunos ficavam insatisfeitos e nada entendiam. Mas fui percebendo minha ansiedade e dominando meus impulsos. Nas quatro últimas aulas, diminuí o ritmo, e os alunos acompanharam as exposições com atenção. Como incentivo, na última aula me aplaudiram. Fiquei satisfeito, mas terminei

não sendo contratado, por motivos que, até hoje, não são muitos claros. Abri espaço profissional, fui trabalhar no Curso Torres e, logo depois, no Colégio São Luís, para minha alegria. Havia sido aluno nessas duas escolas. Fiquei à vontade, consolidando minha escolha e sendo bem-aceito como professor. Sentí que, efetivamente, estava me distanciando da advocacia.

A pós-graduação na Unicamp

Depois de quatro anos de magistério no ensino médio, resolvi definir mais ainda a vida profissional. No ano de 1976, fui a São Paulo para fazer a seleção para o curso de mestrado em História da Unicamp, na época começando sua trajetória. Não estava ligado a nenhuma instituição de ensino superior, mas contava com a ajuda da família, já convencida de que meu título de bacharel em Direito era um ornamento. Foi uma seleção muito concorrida, com estudantes de várias regiões e poucas vagas. Não tinha formação de historiador, nunca havia escrito um projeto de pesquisa, mas decidi que iria estudar o movimento operário em Pernambuco, nas três primeiras décadas republicanas, sem saber se, efetivamente, existiam fontes para construir minha dissertação. Li bastante sobre o tema, enfrentei as provas com muito ânimo e, sobretudo, na entrevista tive um desempenho marcado pela sinceridade e clareza na justificativa da minha escolha para pesquisa. Terminei sendo

aprovado, juntamente com outro pernambucano, amigo de muitas travessias, Antonio Montenegro. Mudei-me para Campinas. Deixei a sala de aula, com muita saudade, fui para outro *vasto mundo*, sem esquecer, como o poeta, que *mais vasto era meu coração*. Meu *anjo torto* tinha razão. Nada como *ser gauche na vida*, não se intimidar com o inesperado, ser tomado pela alegria e pela serenidade de saber que *a vida vem em ondas, como o mar*.

Meu mestrado foi composto de momentos de grandes descobertas, um ritual de passagem intelectual surpreendente, para quem estava adormecido nos encantos do ensino médio, cercado pela afetividade dos alunos e pela generosidade dos amigos. Caminhava pelo desconhecido: as cidades, as pessoas, os textos, os professores, as expectativas, as tramas do poder. Anos intensamente vívidos: casamento, nascimento de duas lindas filhas, a batalha para decifrar novos códigos intelectuais e viver em São Paulo, cidade para a qual me mudei em 1978, administrando a saudade e os poucos recursos financeiros de estudante. Uma verdadeira revolução, muitas turbulências, muitos encontros e muitas despedidas. Sobrevivi. A Unicamp era uma universidade privilegiada e de resistência política aos desmandos do autoritarismo dominante. Não havia ainda conhecido o cotidiano da vida universitária, pois minha empatia com o curso de Direito tinha sido pequena. Portanto, as discussões intelectuais eram acompanhadas de experiências afetivas que traziam outros significados e uma outra compreensão

do mundo. Não se podem separar as experiências, elas se distinguem, mas se comunicam e se complementam.

Havia uma reflexão que ataçava todos: a formação da sociedade no Brasil e as suas singularidades. Era uma reflexão muito polêmica, presente nas diversas áreas das ciências humanas. Os temas políticos e econômicos ainda eram os dominantes. Estávamos longe de pensar o cotidiano e de valorizar a importância dos depoimentos orais. O marxismo vivia momento crítico, embora houvesse uma atenção especial para a leitura das obras de Marx; entre elas, *O capital*. Como já disse, havia optado por fazer uma dissertação de mestrado sobre o movimento operário em Pernambuco nos primórdios da República. Era tema instigante, pois não existia trabalho acadêmico sobre ele. Nos anos 1970 e 1980 houve um grande interesse pela história do movimento operário no Brasil, e a Unicamp se destacava por lá existir um acervo documental expressivo e uma linha de pesquisa dedicada ao tema.

Os intelectuais continuavam perplexos com a permanência do governo autoritário desde 1964. Questionavam-se por que os caminhos políticos escolhidos levaram ao declínio das práticas democráticas e montagem de um violento sistema de controle social. Muitas lideranças foram perseguidas, presas, torturadas, mortas pelo aparelho repressivo, não sem resistência, representando perdas traumatizantes para aqueles que defendiam as liberdades políticas. A perspectiva de uma revolução socialista fracassara. Os militares, com a ajuda significativa da população civil, tomaram conta do

Estado, evitando, segundo eles, a anarquia e o caos social. Consagrara-se um discurso nacionalista-desenvolvimentista, apoiado pela censura e por uma sofisticada estrutura de propaganda. As previsões otimistas dos defensores do socialismo não aconteceram. A sociedade se modernizara com a entrada de tecnologias consideradas de ponta e muito capital estrangeiro; porém, as lideranças políticas mais combativas foram silenciadas. As prisões se abriram com acusações aos subversivos. Os laços diplomáticos com os Estados Unidos se tornavam cada vez mais estreitos, e a clandestinidade passara a ser um espaço de luta para muitos grupos políticos considerados de esquerda. Tensões se agudizavam rapidamente.

Nas universidades, os cursos de pós-graduação procuravam respostas para o chamado fracasso das utopias democráticas. Os estudos buscavam novas elaborações teóricas. Eram significativos, pois revelavam momentos da luta política, da atuação de figuras legendárias do sindicalismo brasileiro, da montagem do Estado populista e das especificidades da industrialização no Brasil. Havia uma grande curiosidade em pesquisar sobre os inícios do movimento operário, na procura também de desfazer uma verdade dominante, na Primeira República, de que apenas merecia destaque o coronelismo e suas manipulações, diante de uma sociedade silenciada e desorganizada politicamente. Os poucos ruídos de oposição se localizavam nas ações do tenentismo na década de 1920. Os resultados das pesquisas

surpreenderam. Uma antes intocada documentação foi lida, e os registros ganharam espaço nas análises de uma historiografia que se renovava, acompanhada das chamadas releituras dos textos de Caio Prado, Sérgio Buarque, Celso Furtado, entre tantos outros. Nas primeiras décadas do século xx, não houve apenas cenários autoritários ou povoados pelas articulações políticas exclusivas dos coronéis. Organizações operárias lutaram contra a falta de leis sociais dignas e o desrespeito constante à cidadania. Nas capitais mais populosas, com mais atividades econômicas e pequenas manufaturas, anarquistas, socialistas, comunistas criaram espaços de resistência. As condições de trabalho eram péssimas, ganhava-se quase nada, os trabalhadores naufragavam em incertezas. O descuido com a questão social não era absoluto, mas bastante visível, lembrando os tempos obscuros da escravização, e havia uma imprensa operária que denunciava a exploração, propondo alternativas e desfazerres radicais.

A minha pesquisa tinha um ponto fundamental, sem o qual não vingaria: localizar a documentação sobre o tema. E o ponto de partida foi o acervo do Arquivo Público do Estado de Pernambuco. Lá consegui encontrar, para minha alegria, jornais operários praticamente inexplorados pela historiografia, já em estado de deterioração. Acredito que, hoje, já se esfarelaram. Fico com receio de saber notícias do estado dessa documentação. Ela foi preciosa. Jornais como *A Aurora Social* tiveram oito anos de circulação, divulgando

ideias socialistas. Pude reconstituir a história do movimento operário pernambucano desde 1900 até 1922, com lacunas, mas nada que criasse um vazio incontornável. Foi um trabalho de detetive, que se estendeu aos acervos da Biblioteca Nacional e da Biblioteca do Estado de Pernambuco, por uma leitura exaustiva da bibliografia existente, sem, é claro, deixar de lado as análises teóricas e as polémicas sobre os limites da interpretação marxista.

Leituras dos clássicos marxistas e anarquistas, dos chamados heterodoxos, um aprofundamento apaixonado nos escritos fecundos de Antonio Gramsci e dos seus intérpretes; de historiadores brasileiros como Boris Fausto, Edgar de Decca, Maria de Lourdes Janotti, Ângela Gomes; além de uma atenta escuta aos debates em sala de aula, muitas vezes acirrados, revelando as opções políticas de cada um e os seus ressentimentos que animavam o trabalho. Tempo sempre vivo, de uma aprendizagem sedutora e básica para minha formação de historiador, acompanhada de tantas outras aventuras num mundo que não me neguei a conhecer. O conhecimento intelectual apenas não bastava, para quem não esquecia seu apego com a educação e com as construções afetivas da vida, constituintes de uma sabedoria que não dispensa a emoção, o olhar permanente para aqueles que moram nos nossos corações. Os tremores políticos aconteciam, e o futuro era um enigma.

Tive bons mestres, que me ajudaram na decifração dos códigos da vida intelectual: Déa Fenelon, Ítalo Tronca,

Edgard de Decca, Stela Bresciani, Michael Hall foram os mais próximos. Naquela época, as hierarquias não eram muito rígidas. Nas aulas e nas conversas, fui firmando meus propósitos, fazendo as conexões teóricas, formulando minha problemática. Meu objetivo central era analisar historicamente o movimento operário em Pernambuco, no período 1900-1922, destacando a cooptação e as resistências, suas relações com a classe dominante e suas propostas de ação e reivindicação políticas. Foram cinco anos de trabalho acadêmico. Era aluno da segunda turma de mestrado em História da Universidade de Campinas. Naquela época, não havia muita pressão sobre os prazos – tanto que fui o primeiro da turma a defender a dissertação –, mas tinha pressa, pois precisava voltar para o Recife e organizar minha vida familiar. Na minha banca, estavam os professores Ítalo Tronca, meu orientador; Edgard de Decca, na sua primeira participação em rituais acadêmicos de defesa; e o saudoso Maurício Tratemberg, com seu vasto conhecimento e sua formação singular. Quando a defendi, em 1981, Maria, minha filha mais velha, já tinha mais de 2 anos, e Marina havia acabado de nascer. Estava sobrevivendo em São Paulo com o salário que recebia de uma escola de ensino médio e a boa vontade da minha família, nos apertos mais sufocantes.

Com a minha dissertação, consegui visualizar a luta política em Pernambuco, incorporando um outro sujeito, a classe trabalhadora, ausente da historiografia. Usei uma documentação praticamente desconhecida, aprendi a conviver

com o inesperado. Fiz a narrativa das grandes greves operárias de 1917 e 1919, quando o Recife ficou paralisado; da atuação do intelectual militante e professor da faculdade de Direito Joaquim Pimenta; das articulações dos sindicalistas com o poder público e dos momentos de radicalização da luta política. Havia uma conexão nacional, não sendo o movimento operário o reflexo da vontade mais destemida de alguns líderes. Quebravam-se os mitos da subordinação, da sujeição e da apatia da população diante da dominação das elites, da existência de manifestações operárias apenas na região Sudeste, onde houve a presença marcante de imigrantes europeus. Essa memória de lutas anima e amplia a complexidade da análise histórica, enfraquece verdades consagradas e testemunha o significado da pesquisa para a releitura do passado. O cenário das primeiras décadas republicanas, em Pernambuco, incorporava novas cores, os contrapontos da dissonância desafiavam a monotonia das narrativas propagadoras do poder inabalável das elites açucareiras. Voltava ao Recife sabendo que sua história não era aquela que pensara ser durante tantos anos. Sentia-me motivado para travessias mais longas. Uma parte da minha dissertação foi publicada na *Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro*, pela Livraria Editora Ciências Humanas, de São Paulo, em 1982, no número que fazia homenagem a Cristiano Cordeiro, um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Estava, agora, mais consciente dos significados do ofício do historiador.

O primeiro retorno

Voltava com a promessa de emprego na Universidade Federal de Pernambuco. Seria professor visitante do Departamento de História. Era o que mais queria. As energias, entretanto, não fluíram como pensava, as dificuldades foram se sucedendo de forma confusa, obscurecendo o otimismo e o encantamento com as novas possibilidades profissionais. Estava ansioso para entrar no magistério superior. Tinha minhas inseguranças, mas o entusiasmo era grande. O tempo das aventuras maiores se redefinía. Com duas filhas e uma companheira, Roseana, para dividir a vida, não podia esperar que as coisas caíssem do céu. Queria mais espaço para aprofundar meus estudos e socializá-los de forma mais efetiva. A universidade era um lugar atraente para construir minha trajetória profissional, depois da passagem pela Unicamp. O Brasil vivia um rico período de lutas políticas, tentando abrir os espaços para a democracia e quebrar com a monotonia autoritária dos governos militares. Participei de muitas manifestações em São Paulo a favor da democracia, nos embalos dos versos de Vandrê: *quem sabe faz a hora, não espera acontecer*.

Na época, não ficou muito claro para mim por que tanta demora e tantos obstáculos para ser admitido na UFPE. Terminei trabalhando um ano, quase sem remuneração, sem que minha contratação saísse. Dei aulas na graduação (Teoria da História) e na pós-graduação, sobre a temática da

minha dissertação. Mesmo com as instabilidades, tendo que continuar dando aulas no ensino médio, consegui um bom espaço na vida acadêmica. Terminei sendo professor homenageado pelos concluintes da graduação e participei nas atividades acadêmicas de orientação e na composição de bancas, importantes para viver outras experiências e amadurecer. Aproveitei para aprofundar meus estudos na história política das primeiras décadas do século xx, que foi assunto de muitos cursos que ministrei na universidade antes de entrar no doutorado.

Assim, fui construindo a trilha da minha área de pesquisa, escrevendo artigos, sendo bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e me firmando como estudioso de Teoria da História. Não deixava de participar de outra atividade: a organização dos movimentos grevistas que reclamavam dos descasos dos governos com a universidade e da falta de liberdade política no país. Um aprendizado para todos, que se estendeu até os tempos atuais. Fazíamos grandes passeatas no centro da cidade, com chuva de papéis picados, aplausos, um deslumbramento com um novo tempo que poderia estar surgindo. As greves eram longas, não faltava motivação. Fiz muitos amigos, pois circulavam nas assembleias e manifestações de rua professores de várias áreas. Era a prática da interdisciplinaridade na ação política.

Meu segundo ano na UFPE trouxe-me estabilidade. Fui contratado como professor visitante do Departamento de

Ciências Sociais, para um período de dois anos. Continuei trabalhando na pós-graduação de História, mas tive que dar aulas na graduação de Ciências Sociais. Estudei Teoria Sociológica e Ciência Política, para poder dar conta das solicitações do departamento. Ampliei meus conhecimentos, nos debates e nos eventos para os quais fui convidado. Cultivei a interdisciplinaridade, fundamental até hoje para as minhas pesquisas e minhas reflexões teóricas. Fui convidado também para fazer parte do Colegiado da Pós-Graduação em Serviço Social, orientando e ministrando uma disciplina sobre relações sociais de poder. Portanto, apesar dos desencontros burocráticos, lá estava eu realizando-me como docente. Sabia que meu contrato era provisório e havia impedimentos para renová-lo. Não surgia oportunidade para fazer concurso, mas houve mobilização de meus colegas para que continuasse no departamento. Infelizmente, não se concretizara o retorno esperado, e, mais uma vez, parecia que a possibilidade de desemprego me ameaçava.

Fui salvo pela pressão dos alunos, ou melhor, das alunas de Serviço Social. Um abaixo-assinado, por elas organizado, destacava minha trajetória de professor dedicado e responsável e sugeria a prorrogação do meu contrato. A pressão funcionou, junto com a de alguns professores, e terminei tendo meu contrato renovado, depois de uma conversa que mantive com o reitor da época, George Browne. Logo depois, tornei-me bolsista do CNPq, podendo então me transferir para História, renunciando ao cargo de professor

visitante, na espera de um concurso que me efetivasse de vez e acabasse com as incertezas tão negativas para a afirmação profissional. A bolsa garantia-me um rendimento um pouco maior do que o de professor visitante, trazendo-me para minha área de conhecimento e facilitando minha preparação para as aventuras acadêmicas de maneira mais sólida. Preparei cursos sobre a revolução burguesa no Brasil e as interpretações sobre o movimento político de 1930, temas polêmicos para a época, ainda mergulhada na busca de explicações para os caminhos políticos seguidos pela sociedade brasileira que levaram ao autoritarismo e à frustração das experiências democráticas. Mas, ao mesmo tempo, procurava outras leituras, referenciais teóricos diferentes. Busquei autores – entre eles, Castoriadis e Guattari – que iriam trazer novas questões e deslocamentos dos interesses, abrindo as portas para outro campo de pesquisa.

Castoriadis começava a ser traduzido no Brasil. Impressionavam-me suas críticas demolidoras, sobretudo ao tão celebrado marxismo. Suas elaborações teóricas eram difíceis, exigiam persistência na reflexão e quebra dos paradigmas já conquistados. O livro *A instituição imaginária da sociedade* passou a ser leitura quase cotidiana. Muitas dúvidas, mas paciência para administrá-las. Precisava de algo que alterasse minha forma de pensar e reencantasse minha trajetória. Estava querendo fugir das discussões centradas na política, e me aticava o debate que se instalava sobre a modernidade e o modernismo, além dos novos trabalhos

historiográficos sobre a cidade. Tudo era ainda muito incipiente, porém Cornelius Castoriadis, com a sua proposta ousada de rever as bases do pensamento ocidental, me atraía e me instigava. A história não se resumia aos mecanismos complexos do modo de produção. Desde a década de 1920, a Escola dos Annales já sugería alternativas de pesquisa que demandavam outras dimensões teóricas. Mudando o presente, mudavam também as questões sobre o passado, embora o presente não deixasse de estar contaminado pelas lembranças do passado.

Guattari marcava-me pela leitura que fazia da dominação capitalista, do fascismo cotidiano, não percebido pela maior parte das pessoas. Seu inconformismo com a manipulação existente abria espaços para pensar a importância do desejo e da afetividade na sociedade. Era um alerta, pois suas ideias denunciavam a dificuldade de se romper com o circuito de poder, montado numa cartografia complexa e labiríntica. No meio dessas leituras teóricas, fui construindo meu projeto visando o doutorado. Nunca deixei de ler, nesse período, os anarquistas e quase todos os escritos de Rosa Luxemburgo. O marxismo tinha uma presença indiscutível na minha formação, e não me furtava a compreender a sua importância. Tomava, porém, outros rumos, aproximando-me da filosofia, da psicanálise e mais ainda da literatura. Deixava o território da história política, sem nunca desprezar os impasses sobre as relações de poder, sobretudo dentro da perspectiva foucaultiana. Na minha

vida pessoal, mudanças aconteceram com turbulências afetivas inesquecíveis. Havia sido pai pela terceira vez, nasceu Gabriel, aumentando minha família. Logo depois, ainda em 1985, vivi uma separação matrimonial, acompanhada de uma grande paixão. Era preciso muito fôlego para tantos mergulhos nos oceanos da vida: desencontros, encantos, indefinições, surpresas. Ser pai era um grande prazer, os filhos são cristais, amores definitivos. Foi o que ficou, para sempre. Gabriel tem, hoje, 35 anos, e temos muitos pontos em comum, além de um afeto imenso.

Finalmente, em 1986, apareceu a oportunidade de fazer concurso para professor assistente, na área de Teoria da História. Preparei-me para enfrentar as dificuldades, com muita expectativa. Trabalhava também, nessa época, como assessor na Secretaria de Educação da Prefeitura da Cidade do Recife. Uma experiência direta com o poder público e suas vinculações com o ensino, que tanto queria conhecer. Foi um aprendizado inesquecível. Havia muito entusiasmo político, com a queda dos governos militares. As utopias continuavam vivas, apesar das dúvidas e das controvérsias sobre as práticas socialistas. De qualquer maneira, os espaços democráticos se alargavam, não se podiam ignorar as esperanças, tampouco reforçar as incredulidades. Tudo isso era resultado de muita luta e mobilização social. Não vacilei. Ajudava nas reflexões sobre as propostas pedagógicas gerais, mas depois fui para a área de História, trabalhar diretamente com a formação dos professores, no início

resistentes a qualquer forma de intervenção. Era trabalho que exigia persistência e definição política para melhorar a qualidade de ensino, fortalecendo a escola pública.

Minha inserção no serviço público deu um ritmo importante a minhas escolhas éticas. Penso, com clareza, a construção do conhecimento relacionada com sua socialização. Isso me marca e me motiva muito, inclusive a minha pedagogia. Acostumei-me com o ensino público e a ele dedico-me com entusiasmo e prazer. Faltam investimentos e projetos políticos para torná-lo mais eficiente. Infelizmente, apesar dos protestos e das lamentações, quase nada vem sendo feito para evitar o aprofundamento do desmonte e da desqualificação do ensino público. Há, ainda, muita luta, porém acompanhada de um desânimo e de uma apatia crescentes. É fundamental resistir. À medida que os movimentos de solidariedade se esvaziavam, se esvazia também a ideia da história enquanto construção da possibilidade. Como pensar uma sociedade sem privilegiar a formação da cidadania e a arquitetura de um projeto social que alimente as práticas democráticas?

Mantendo minha trajetória e minha esperança, mergulhei no concurso com a força que me pedia o momento. Havia muita expectativa. Os concursos avivam as competições e, com elas, muitos fantasmas, medos e intrigas. Ninguém escapa das especulações, pois o concurso é público. Criam-se os regulamentos, forma-se a banca, e estabelece-se o programa temático. A ansiedade toma conta de quem está no meio do

caminho, aguardando o desfecho final. Para mim, era decisivo. Fazia tempo que buscava uma estabilidade, para garantir meu projeto profissional, e a vida universitária seria o grande eixo. Como sempre, três etapas: o julgamento do *curriculum*, uma prova escrita e uma aula. Lembro-me dos temas: a historiografia renascentista e a Escola dos Annales. Fiz uma boa prova escrita e, na aula, consegui organizar didaticamente um assunto com o qual não tinha muita intimidade. Não me recordo com precisão das notas. Dois examinadores me contemplaram com notas excelentes, que me deixavam numa situação confortável, mas outro me deu 6 na aula, o que foi decisivo para a minha pontuação, pois tinha desvantagens com relação ao *curriculum* do outro concorrente mais forte, o professor Michel Zaidan, com quem tinha uma relação muito amistosa. No dia do resultado – naquela época, havia a contagem dos pontos feita em público –, estava tenso, pois sabia que a decisão encontrava-se nos detalhes. Tinha razão: Michel ficou com 9,10; e eu, com 9,08. Realmente, o 6 foi a pedra no meio do caminho. A diferença era mínima, porém restava lamentar, pois havia apenas uma vaga. Meu desempenho mobilizou amigos e alunos, e houve uma solidariedade que me comoveu.

Foram momentos difíceis. Uma comissão de alunos e de professores foi até a reitoria para solicitar outra vaga. O concurso repercutiu, positivamente, pela qualidade e pelo empenho dos candidatos. A disputa cria incômodo. No fundo, gostaríamos de ver todos no mesmo ninho, já que

o merecimento existe, e tudo aconteceu sem manipulações. Portanto, ficamos à espera da solução, sabendo das dificuldades burocráticas; no entanto, havia um clima de boa vontade e interesse de ampliar o número de vagas. Continuei dando minhas aulas, ainda sob o patrocínio da bolsa do CNPq, torcendo para escapar dessa encruzilhada e seguir adiante pisando em chão firme. A ajuda dos amigos foi o grande conforto. As luzes foram se acendendo; os impedimentos, superando-se; e, finalmente, assinei meu contrato com a UFPE, em agosto de 1986, como professor assistente, com 40 horas, sem dedicação exclusiva, lotado no Departamento de História, como sempre desejei. Minha bolsa do CNPq foi modificada para a categoria de pesquisador, e pude suspirar com alívio. No ano de 1986, os ruídos e os silêncios foram muitos. Definiram novos encontros para minha vida. Restava vivê-los com cuidado, mas não com medo, sempre atento para não deixar que o afeto fosse substituído pela sede de ver em tudo a profissionalização. É preciso sempre procurar aquele equilíbrio instável de que Freud tanto fala.

Estabilizado na universidade, mantive minhas atividades na prefeitura. Era um campo amplo de experiência e de contato com o ensino. Apareceu a oportunidade de produzir meu primeiro livro didático, destinado aos alunos do ensino básico. Sentia-me contemplado em expandir minhas ações pedagógicas, sem me restringir à universidade. Muitos debates acompanharam a feita. Foi um trabalho difícil, com as idas e vindas, mas não desisti. Intitulei o livro de

Todos contam sua história e procurei ousar, colocar nos textos uma concepção teórica que quebrassem a linearidade. Estava numa fase de mudanças e não devia reproduzir o já consagrado. Dei relevância ao cotidiano, ao tempo múltiplo e à possibilidade de cada um contar a sua história, valorizando a experiência, a imaginação e a fantasia das crianças. Tive a parceria de Laílson Holanda, autor, com grande maestria, dos desenhos que acompanhavam os textos. O livro causou polêmica, quase não se conseguiu financiamento do Ministério da Educação, mas a persistência da então secretária de Educação do Recife, Edla Soares, prevaleceu. Foi distribuído na rede municipal, o que me deixou emocionado. Desde o início, havia pensado em escrever algo em que afirmasse meu ofício na sala de aula e minhas ousadias com clareza. É, até hoje, o trabalho que mais me satisfaz, e acho que não fiz outro com tanta energia e criatividade.

Antes do livro da prefeitura, havia trabalhado, em 1985, nos originais de outro, intitulado *História do movimento operário no Brasil*, feito para a editora Ática, na coleção Princípios. Seu lançamento se deu no segundo semestre de 1986, em um dia de muita alegria, numa livraria que era um verdadeiro templo da cultura – a Livro Sete. A base do livro era minha dissertação de mestrado, mas acrescida de uma ampla pesquisa bibliográfica. Era um trabalho de síntese, com a adição de um vocabulário crítico e uma bibliografia comentada. Escolhi uma epígrafe de Paul Veyne, descrevendo a complexidade do fazer histórico e a dificuldade de compreendê-lo. Nela,

desenhava-se uma ideia marcante, que nunca abandonei nas minhas reflexões: a história como construção de um labirinto. Distanciava-me, cada vez mais, das leituras tradicionais, procurando outras cartografias. A minha narrativa se estendia de 1892 a 1968, atenta aos primórdios das organizações operárias, às lutas contra as arbitrariedades dos governos republicanos nas primeiras décadas do século xx. As manifestações foram significativas, como disse há pouco; não houve a passividade de que tanto se falou por muito tempo.

Havia certa preocupação do governo com as organizações operárias e muitas greves aconteceram, paralisando serviços públicos e atividades fabris. Socialistas, anarquistas, comunistas buscavam construir contrapontos políticos, porém sobreviviam tendências, consideradas reformistas, que faziam alianças com o governo ou mesmo cultivavam o assistencialismo. As lutas operárias nos trazem uma outra dimensão da história política brasileira. Ela nunca foi feita de silêncios permanentes, embora se procurasse fabricá-los, para esvaziar o conteúdo da resistência, das redes de contrapoder, pois os trabalhadores se articulavam, realizavam congressos nacionais, editavam jornais, se sintonizavam com o movimento internacional, construía teorias para explicar o Brasil.

Na sequência, dediquei-me à análise dos anos em que a tutela estatal prevaleceu, sufocando a autonomia do movimento, formulando políticas claras de cooptação, tão enaltecidas em seus projetos populistas. Os tempos do getulismo,

da modernização traçada com um forte discurso nacionalista, num mundo onde o totalitarismo se expandia e frustrava os ideais democráticos. Stalinismo, franquismo, salazarismo, fascismo, nazismo, tantas formas de oprimir, de censurar, de violentar a liberdade, com seus adeptos ocupando importantes e decisivos lugares nas relações de poder. A sociedade brasileira não estava indiferente aos trânsitos autoritários da política. Vargas oscilava, sentia a necessidade de dialogar com a classe trabalhadora, mas também o perigo que podia representar a sua autonomia. Optava, portanto, pelo controle. Na minha análise, traçava esse quadro de fechamento político, mostrando o cerco autoritário, construído com forte esquema de propaganda e a tutela de uma legislação social para administrar os conflitos entre o capital e o trabalho. O movimento político de 1930 é significativo para se pensar essas definições nas relações de poder, entretanto não pode ser visto como um movimento revolucionário. A República tomava outros rumos, sem, contudo, abandonar práticas de favorecimento que lembravam os tempos da escravidão ou mesmo a arrogância dos coronéis.

A modernização criava condições para o agitar das cidades, o aumento do parque fabril alargava as possibilidades de emprego. O contingente da classe operária e sua complexidade se firmavam. Em 1945, quebrou-se o Estado Novo, sem pôr fim ao getulismo. Getúlio retomaria o poder, com uma votação expressiva e, novamente, construindo sua ponte com os trabalhadores, retomando o nacionalismo com uma ousadia

que incomodava as forças mais conservadoras. Era importante ter clareza das dissidências entre os dominantes, para se visualizar as possibilidades políticas que se abriam para os dominados. Foi assim que arquitetei minha interpretação da luta política no Brasil, vivendo momentos de mudança cultural significativa, acompanhados de instabilidades que anulavam projeções otimistas, tão presentes no discurso do governo de Juscelino, os cinquenta anos em cinco.

Os anos de chumbo vieram com o golpe político-militar de 1964, interrompendo o fortalecimento das práticas democráticas, inibindo as tentativas de refazer a política, sem a perspectiva da censura e da violência. A repressão não poupou os sindicatos e as suas lideranças, mas as greves de Contagem e Osasco, de 1968, mostravam sinais de rebeldia, constituindo marcos políticos, sinais de que não há dominação que dure para sempre. Meu mergulho na história do movimento operário significou um trabalho de fôlego, importante para minha formação de historiador, sempre na busca de construir um texto leve e claro, mesmo quando a síntese seja exigida. Era uma volta aos tempos de mestrado, abrangendo aprendizagens mais recentes.

Além do trabalho na UFPE, participei de muitos eventos – entre eles os encontros da ANPUH, regionais e nacionais –, ministrei vários cursos sobre Gramsci, em universidades da região, e realizei trabalhos de consultoria. A discussão política fervia, depois de vários anos de fechamento, e as instituições promoviam debates. Havia, efetivamente, esperanças, ânimo

para seguir adiante e tornar sólidas as práticas democráticas. Nessas horas, o trabalho intelectual ganha uma dimensão inusitada e a reflexão é uma porta aberta para se descobrirem novos mundos. Ainda na minha estada na Secretaria de Educação tive oportunidade de coordenar um trabalho de revisão historiográfica que trouxe maior conhecimento sobre a história da cidade do Recife. Reuni historiadores chamados da nova geração, todos encarregados de produzir textos com base em seus trabalhos anteriores que possibilitassem novos olhares e novos contrapontos para quem estava interessado em pesquisar sobre o Recife.

O título do livro: *O Recife: que história é essa?* Foram escritos artigos sobre os mais diferentes períodos da história da cidade, muitos tendo como base pesquisas recentes ou dissertações de mestrado defendidas na pós-graduação da UFPE. O livro encontra-se esgotado, mas os seus autores estão quase todos ativos na vida intelectual, muitos como professores universitários, participando da formação de outros historiadores e contribuindo com outras temáticas. Há muitas lacunas; infelizmente, as oportunidades de publicação continuam escassas, inclusive para exercício de um diálogo entre as produções historiográficas consideradas tradicionais e as que estão incorporando novos conceitos, preocupadas com a interdisciplinaridade e em cultivar os ensinamentos difundidos pela Escola dos Annales e seus desdobramentos. O diálogo da universidade com o ensino público me dava fôlego e renovava bastante as metodologias,

com participação dos professores interessados em ultrapassar limites didáticos.

As publicações deram-me experiência intelectual e aproximaram-me, mais ainda, da história da cidade do Recife. Surgiram, então, caminhos que, aos poucos, me levavam para outros campos da história. Meu interesse pela trajetória da modernidade aumentava à medida que as leituras iam-se modificando e transpondo o território da política. Não conseguia ainda formular uma proposta de trabalho sobre o tema. Pretendia pesquisar sobre a década de 1920. Uma questão me perseguia e me atiçava: como se dão as relações entre o antigo e o moderno? Mais ainda: é uma relação de conflito ou existem sutis mascaramentos que disfarçam os seus conteúdos e os significados históricos? Lembrava-me das construções teóricas de Castoriadis sobre o instituinte e o instituído, de sua crítica radical à lógica identitária, do seu rico conceito de imaginário social. A (re)leitura do seu livro *A instituição imaginária da sociedade* se tornou frequente, como também dos seus escritos sobre movimento operário, sempre pontuados pela defesa da democracia e da denúncia dos desmandos autoritários. Castoriadis tecia seu pensamento entrelaçado com os ensinamentos da Grécia Antiga, embora não dispensasse crítica ao platonismo. Para ele, a autonomia era base para que uma sociedade exercesse a cidadania e assumisse a responsabilidade política dos seus projetos. Nas suas reflexões, há constante reafirmação

da importância da socialização para que os indivíduos não abdicuem das suas histórias.

Outra experiência foi importante para minha vida intelectual: as orientações dos mestrandos. Durante meus primeiros tempos de UFPE, pude exercer a orientação, pois naquela época havia uma carência enorme de doutores e os mestres trabalhavam na pós, sem impedimentos. Ministravam disciplinas, participavam de bancas e acompanhavam os alunos na construção das suas pesquisas. Orientei trabalhos em História e em Serviço Social. Em 1986, quando decidi rumar para o doutorado, já tinha um bom conhecimento de como articular as questões teóricas com a pesquisa das fontes. Meus orientandos conseguiram resultados expressivos, defendendo suas dissertações na área de História Política ou direcionadas, no caso de Serviço Social, para o entendimento das relações de poder e as propostas de política pública. Foi uma experiência de amadurecimento intelectual que valeu muito para o meu doutorado.

Havia uma estreita relação com a graduação. Não descuidava de atualizar a bibliografia e me contrapor a uma pesquisa positivista. Era preciso reinventar os estudos sobre as dificuldades do marxismo e as divagações sobre a pós-modernidade. A cultura e o relativismo, as cidades e os costumes, firmavam referências. O historiador ampliava seu olhar, valorizava outras metodologias e dialogava com outros saberes. O movimento exigia uma escrita mais leve, próxima da literatura. A pós-graduação crescia e os eventos

assanhavam a construção de roteiros de pesquisa vinculados com a arte. Estetizar era um conceito que mostrava outros sinais.

O doutorado na USP

De início, minha opção era fazê-lo na Unicamp, retomando uma convivência tão fértil na minha vida intelectual. Escrevi um pequeno projeto, com proposta de estudar os anos 1920, tendo como eixo a análise da relação entre o antigo e o moderno. Não tinha ainda muita clareza do que queria. Minha trajetória nessa área estava sendo construída, faltavam leituras mais consistentes e maior familiaridade com os conceitos. Mas sobravam ânimo e vontade de rever um lugar tão significativo na minha formação. Segui para a entrevista com muito otimismo, sem me dar conta das dificuldades e dos limites. A frustração foi grande. A entrevista foi tensa, meu projeto não foi aceito. Meu mundo caiu, fiquei perplexo. Iria voltar com meus planos desmontados. A vida, porém, tem suas surpresas. Lembrei-me da professora Maria de Lourdes Janotti. Havia estabelecido contatos com ela, sempre muito amáveis, nos quais se mostrara interessada pelas minhas pesquisas. Foi uma luz. Imediatamente, marcamos um encontro no Museu da Casa Brasileira, do qual era diretora, e ela me acolheu com afeto. Não hesitou em me aceitar como orientando e, sentindo que minha autoestima estava abalada, procurou me animar. Era começo de uma

amizade que se estende até os dias de hoje. Com Dilu, como seus amigos costumam chamá-la, aprendi muito. Sua afetividade e solidariedade me encantaram, me ajudando de forma decisiva a me recuperar das decepções. Novos caminhos abertos, novas relações afetivas e volta para São Paulo, agora para morar na rua Capote Valente, no bairro de Pinheiros, distante dos meus filhos, que foram morar na Espanha, por um ano, deixando em mim uma saudade indescritível deles, mas sabendo da importância profissional da minha escolha. Havia dois anos que vivia com Maria Thereza, um grande amor que aquecia meu coração, com seus encontros e inquietudes. Como canceriano, a afetividade me alimenta radicalmente, sem ela fico perdido. Seu toque mágico me ilumina.

No meu primeiro ano de doutorado, armei uma estratégia para firmar as opções teóricas. Selecionei uma vasta bibliografia que dava conta da preocupação básica: compreender os conceitos de modernidade, modernização e modernismo. Foram muitas leituras: Foucault, Berman, Lefebvre, Jacques Le Goff, Walter Benjamin, Sérgio Paulo Rouanet, Frederick Karl, Freud, Marx, Habermas e tantos outros. Era preciso sentir-me seguro na questão teórica, para não fazer uma pesquisa superficial, sem uma problemática clara e profunda. Não fiz curso, no primeiro ano, porém mantive um diálogo frequente com a orientadora e estreitava meus laços com a cidade de São Paulo, acompanhando sua intensa vida cultural. Mais do que isso, São

Paulo já se havia instalado no meu coração. A cidade me acolhia, caminhava pelas suas ruas com tranquilidade, descobrindo seus segredos. Tornou-se minha grande moradia. Crescia uma aproximação que havia começado quando da época do mestrado. Por vezes, pensava em me mudar de vez para São Paulo, mas minha ligação com o Recife é forte. Tentações não faltaram. Os afetos mais antigos terminaram predominando. A memória se constrói e se aviva quando entramos nos cenários dos nossos grandes encontros. Retomo essas lembranças, que são tantas e impossíveis de caberem na cartografia de um texto. Sobrevivências do tempo, do *sucedido desgovernado*, como dizia Guimarães Rosa. Os ruídos da memória provocam suspiros, interrompem o fôlego da escrita e afirmam a certeza de que o passado não volta nunca, mas seus significados permanecem desafiando, mobilizando, dando sentido à nossa narrativa, nos envolvendo com saudades, desenhando imagens. O passado é um espelho que tem vida.

As investidas teóricas trouxeram mais segurança para redefinir o projeto. Optei, então, por fazer duas disciplinas: uma na área de cultura, ministrada pelo professor Marcos Silva, e outra em Filosofia, com Olgária Matos. Ambas tinham uma dimensão teórica importante. Na disciplina de Marcos Silva havia uma rica discussão sobre as representações em diversos campos da arte e da literatura. Na de Olgária Matos, aproximei-me das reflexões benjaminianas e de outros temas que desconhecia. As aulas da professora

foram tão atraentes e estimulantes que repeti o curso no outro semestre, como ouvinte. Além disso, tinha longas conversas nos intervalos das aulas com meus colegas e a professora. A metodologia e a simplicidade de Olgária deixavam todos à vontade. Terminei por convidá-la para fazer parte da minha banca. De Marcos Silva também iria me aproximar mais tarde, participando, conjuntamente, de atividades acadêmicas e das reuniões do Conselho Editorial da *Revista Brasileira de História*. A Universidade de São Paulo (USP) ia-se tornando familiar e os abalos sofridos com a não classificação na Unicamp se diluíam. O tempo, com sua soberana sabedoria, vai regendo as turbulências da nossa vida. De tudo fica um pouco, é claro, mas nada permanece imobilizado para sempre. Nós, historiadores, temos ciência das aventuras do tempo, quando nos entretemos com as pesquisas, embora esqueçamos das suas tramas quando percorremos os labirintos da nossa vida. O efêmero é sempre uma ameaça aos devaneios de eternidade e de permanência.

Os instrumentos da análise estavam sendo construídos com a profundidade que um doutorado exige. A modernidade é um projeto histórico que remonta ao final do medievo, no choque e nos diálogos do antigo com o moderno. Território de consolidação dos ideais de liberdade e de igualdade, a modernidade anuncia rupturas, nega valores do passado, consolida a secularização da cultura. Não surge, portanto, repentinamente, nas especulações dos iluministas ou nos gritos dos revolucionários franceses. Cria a fantasia de que

aparece do nada, mas se funda em tradições, dialoga com princípios das culturas clássica, judaica e cristã. O novo se desentende com o velho, mas também estabelece entrelaçamentos. As descontinuidades históricas não são absolutas. Há uma reinvenção e não uma morte das práticas sociais e das reflexões sobre elas. Como analisar o pensamento político de Voltaire, Hobbes, Rousseau, Montesquieu, Maquiavel, os argumentos filosóficos de Descartes, Montaigne, Pascal, Kant, Hegel, a estética dos neoclássicos, os escritos de Cervantes, Rabelais, Shakespeare, Dante, e tantos outros artistas e pensadores, soltos historicamente?

A modernidade traz o novo, mas, na sua nudez, revela que o passado não se desfez, embora haja muitas mistificações e esconderijos que não são revelados. Voltam discussões, se ampliam desejos, conceitos são ressignificados, a memória realimenta seus jogos dialéticos. Segundo Octavio Paz, a modernidade inventa a tradição da ruptura, inquietações com as frequentes quebras dos modelos, com seus inconformismos, tão diferentes de uma sociedade na qual reinava o teocentrismo. Razão, utopia, ciência, progresso, técnica, autonomia, revolução são palavras que invadem as cartografias da modernidade ocidental, eurocêntrica, com promessas de libertação que mascaram discursos de ambição política nada democrática. Mas isso é o que pensamos hoje, muito tempo depois, concretizando um outro discurso, o da desconstrução. O meu objetivo era analisar uma sociedade, o Recife dos anos 1920, buscando compreender

como ela representava o antigo e o moderno, destacando sua produção intelectual e sua relação com as invenções anunciadoras da modernização. As cidades foram cenários importantes e emblemáticos da mobilização pelos ideais de progresso, onde se exaltavam a técnica e a produção de bens materiais. A sociedade do espetáculo estava se delineando, com seus feitiços e seduições. Minha tese contaria parte dessa história, ainda desconhecida, pois a historiografia existente sobre o Recife estava mais ligada aos cenários políticos e econômicos.

A pesquisa centralizou-se na leitura da imprensa da época. Havia jornais e revistas que me davam importantes pistas para construir meus textos, sempre preocupado com a diversidade e os contrapontos. Eram tempos de modernismo também no Recife. É um erro pensar que essas invenções são monopólio do Rio e de São Paulo. Havia um rico material nas revistas que circulavam, na época, nas quais o debate era frequente entre os defensores das tradições e outros, que se denominavam futuristas. Intelectuais como Joaquim Inojosa e Gilberto Freyre tinham espaço destacado na imprensa. A revista *A Pilhéria* conseguiu resistir durante toda a década de 1920, com uma concepção gráfica moderna e um humor refinado. Os jornais me davam notícias do cotidiano, das perplexidades diante das invenções modernas e da presença constante de propaganda comercial, mostrando novos produtos que traziam novos hábitos sociais. As iniciativas do poder público para modernizar a cidade

também eram alvo de polêmicas acirradas, registradas nos artigos ou nas memórias de intelectuais que viveram a época.

O cinema, os esportes, o rádio, o teatro e o jazz expressavam leituras e convivências com o mundo, muito diferentes dos tempos da escravização e da vida reclusa nos casarões. Mudanças na vida privada, nos divertimentos públicos, nas conversas cotidianas, registros da modernidade que começavam a atrair os historiadores e fazer parte do interesse do trabalho acadêmico, de linhas de pesquisa, da montagem de seminários e debates na maior parte das universidades brasileiras. A chamada historiografia tradicional passava por uma ampla revisão, sem negar suas contribuições. Cronistas, memorialistas, obras literárias, antes pouco lidos ou considerados não significativos para pesquisa, se tornaram fontes indispensáveis para o conhecimento da formação dos cenários urbanos.

Era um trabalho de reinvenção que me fascinava e exigia a construção de desafiantes paradigmas. O campo da interdisciplinaridade se ampliava, dinamizando os diálogos da História com a antropologia, a sociologia, a psicanálise e a literatura. Novos conceitos ou trilhas teóricas redefinidas, um território onde cresciam espaços com arquiteturas surpreendentes para os que ainda defendiam a linearidade e o factual. Um novo olhar sobre o tempo, as relações de poder, o real, o imaginário, as representações; enfim, o ofício do historiador com outros referenciais para firmar sua análise e sua interpretação, pois novas fontes são incorporadas e

o conceito de verdade sofre abalos constantes. Meu trabalho de tese estava inserido nesse contexto. Portanto, dirigi minhas leituras para aproximar-me dos debates, mergulhei mais ainda na literatura, convicto da necessidade de cuidar bem da forma do texto. Era a época em que os escritos de Italo Calvino estavam começando a ser traduzidos. Fiz deles, depois, uma leitura quase cotidiana, seduzido pela sua beleza exemplar. O livro *As cidades invisíveis* me trouxe uma concepção de cidade que não havia antes encontrado e me salvou do lugar-comum. Não sei quantas vezes o li, quantas vezes o citei. É inesgotável o poder de encantamento das suas imagens e a sabedoria dos seus diálogos, nos quais Marco Polo tece, com suas palavras, uma magia dionisíaca. Nunca deixo de voltar a caminhar pelas suas páginas. É exercício contínuo de levitação.

Quando fiz meu exame de qualificação, estava com a tese praticamente pronta. Ouvi com atenção as sugestões da banca formada por Maria de Lourdes, Laura de Mello e Souza e Nicolau Sevcenko, e procurei fazer algumas modificações para dar mais consistência ao trabalho, me preparando para a defesa final, em dezembro de 1991. A escrita da tese não obedeceu a uma ordem linear. Comecei pelo último capítulo, o quarto. Nele, fazia uma leitura da produção de Gilberto Freyre dos anos 1920, acompanhando seus artigos nos jornais e nas revistas, seu diário de adolescência e outros escritos, vendo seus primeiros passos como intelectual de prestígio e polêmico, já na época.

Destacava como ele se via, sua busca de identidade e o registro das suas ambiguidades. O homem dos paradoxos, como ele mesmo se aut nomeava, no qual o confronto do tradicional com o moderno estava sempre presente com um fôlego inquestionável. No mesmo capítulo, construí um contraponto. Um outro intelectual da época, Joaquim Inojosa, teve também sua obra analisada. Inojosa era um crítico persistente e demolidor das concepções de Freyre. Colocava-se como modernista, admirador de Mário de Andrade, adepto das mudanças, se atrelando ao ritmo do progresso e não ao da tradição. Escrevia com frequência na imprensa, redigia crônicas, artigos de opinião, poemas, usando artifícios do modernismo, renovando na forma. Freyre e Inojosa aparecem como uma dissonância, nunca absoluta, entretanto importante, para entender por onde andavam os devaneios do seu tempo, seus encontros com o passado e suas especulações sobre o futuro.

O terceiro capítulo era teórico, havia sido escrito quando fazia os cursos e as chamadas atividades programadas. Centrava-se numa reflexão sobre os conceitos de modernidade, modernismo e modernização citados acima. Acrescentei os debates dos modernistas nos anos 1920, no Brasil, utilizando-me também de obras críticas mais recentes que contam a trajetória do modernismo. Tinha como propósito articular as diversas concepções, afirmando seus contrapontos, mas ressaltando as possibilidades de diálogo entre elas, seus pontos comuns e, mais ainda, as proximidades que existem

entre o antigo e o moderno. Verdade, saber e poder estão entrelaçados. As concepções de mundo são provisórias; suas fronteiras, sutis; seu mapeamento, complexo. É impossível esgotá-las, porém é possível construir seus percursos históricos e as práticas sociais que procuram justificá-las. Foi o capítulo mais denso, resultado de um grande esforço que media, para mim, o quanto havia conseguido seguir adiante. Os significados que tinham, nas minhas descobertas, nem sempre eram aceitos pelos seus leitores; alguns os julgavam desnecessários ou excessivamente filosóficos. São os riscos. Escrevemos para nós e para os outros.

O primeiro e o segundo capítulos foram centrados nas narrativas, tendo como fontes básicas a imprensa e a literatura. Construí um diálogo inicial com Calvino para pensar a cidade como moradia dos homens, ressaltando a dimensão invisível e não material da história como fundamental para decifrar os significados da cultura. Visitei o passado mais remoto da cidade, antes de chegar à década de 1920. Defini, então, uma forma de texto ágil, sempre preocupada em dialogar com as fontes, sem perder a clareza, registrando, no primeiro capítulo, os embates do antigo com o moderno nos projetos de modernização dos governos da época, destacando as investidas de Amaury de Medeiros na saúde pública e as querelas políticas em torno das mudanças na cidade. No segundo capítulo, analisei o impacto das invenções modernas no cotidiano do Recife. Fiz uso de anúncios de propaganda e de crônicas publicadas na imprensa. Muito

importante foi o famoso ciclo de cinema com produções locais que fizeram sucesso junto ao público. Os ares de modernidade favoreciam as mudanças nos hábitos sociais, suscitavam polêmicas e traziam saudades dos tempos sem a agitação das novidades. Sentimentos diversos, de animação e de nostalgia, de medo e de aventura, tomavam conta dos corações e das mentes da população. Tudo isso conectava o Recife com um processo mais amplo vivido por outras cidades, com intensidades diferentes. O título da minha tese é *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Participaram da banca os professores Michel Hall, Márcia D'Alésio, Laura de Mello e Souza, Olgária Matos e a minha orientadora, Maria de Lourdes Janotti. O trabalho foi recebido pela banca com elogios pela sua forma de dialogar com a documentação e pela leveza do texto, mas também com críticas direcionadas a algumas ousadias, chamadas de pós-modernas. Minha tese foi publicada pela Fundarpe, Recife, em 1997, cinco anos depois de ter sido defendida.

Terminei meu doutorado satisfeito com os aprendizados de vida e acadêmico. Voltei para a UFPE bastante entusiasmado, com a renovação teórica e com os sinais evidentes de que teria muito que navegar; no entanto, isso não me inibia. Em São Paulo, tive outras experiências de trabalho valiosas. No contato com editoras, fui convidado para escrever livros paradidáticos. Publiquei *A Revolução Praieira*, pela Ática; e *O Tenentismo e a Revolução de Trinta*, pela Atual. Havia um mercado emergente que visava mudanças na

forma de ensinar História, articulando as concepções que valorizavam o trabalho de pesquisa e a construção de textos mais leves, fugindo do apego excessivo ao acontecimento, mais preocupados em retomar a narrativa. O historiador passava por desafios, convidado a abordar temas antes desconhecidos e monopolizados por outras áreas do saber, e não podia deixar de lado as repercussões dessas mudanças no ensino da História.

Com esse propósito, junto com Maria Thereza Didier, iniciei uma trajetória mais árdua, com o objetivo de escrever uma coleção para o ensino médio, englobando as histórias moderna e contemporânea, para a Atual Editora. Foram cinco anos de idas e vindas, muitas leituras e pesquisas, para que os livros, 2 volumes, ficassem prontos e fossem lançados em 1996. Era uma tentativa de trazer subsídios para contribuir com a renovação do ensino e das concepções pedagógicas dos professores, dentro das expectativas que estavam sendo vividas com os debates sobre os conteúdos da corrente da Nova História. Sempre havia sonhado com essa possibilidade, evitando ficar adormecido no saber acadêmico. Antes, havia publicado a coleção para o chamado primeiro grau maior intitulada *Todos contam sua história*, pela Inojosa Editores, no ano de 1994, em quatro volumes, com os desenhos e caricaturas de Laílson. Infelizmente, esta coleção não conseguiu ter a repercussão esperada, mas fiquei satisfeito, pois foi um produto planejado e executado no Recife, dentro de um mercado editorial de grande

concorrência e em forte renovação. Me sentia comprometido com o ensino, e, até hoje, participo de atividades em escolas da rede pública e privada, me atualizando e debatendo sobre as dificuldades encontradas para a divulgação e a aceitação do conhecimento histórico. Tudo isso me ajudou a ser cuidadoso com a didática e a estar sempre preocupado com a clareza, sem esquecer a profundidade e a ousadia que devem permear o trabalho nas universidades e a importância de estar próximo dos alunos para escutar e compreender suas inquietações, numa interação afetiva e estimulante. Lições de vida que dão uma singularidade ao ofício de professor e que são os cristais mais preciosos da nossa profissão.

Os saberes compartilhados

Havia mudado meu foco de pesquisa, como também as vertentes teóricas e o conteúdo dos cursos na graduação e na pós-graduação. Na graduação, era professor de Introdução aos Estudos Históricos I e II; portanto, ficava dois semestres com as turmas. Mais do que isso, ensinava nos dois primeiros períodos do curso, sendo responsável pela formação inicial do aluno. Era o que mais queria. Fui procurando, aos poucos, reestruturar o programa, caminhando numa direção que atendesse às reformulações dos conceitos de História, com um olhar crítico sobre o positivismo ou os exageros das ortodoxias marxistas, tão comuns naquela

época. Trouxe para discussão as propostas da Escola dos Annales, enfatizei a importância do cotidiano, das temáticas relacionadas com a cultura, da interdisciplinaridade, da pesquisa com uma base teórica para aprofundar a capacidade de problematizar, não apenas para ser medida pela quantidade de documentos colecionados. Aproveitei para discutir minha tese, meus encaminhamentos, meus diálogos com outros campos do saber. Tive excelentes turmas, com boa parte dos alunos investindo depois na pós-graduação. Entrei no programa de iniciação científica, e com os bolsistas de graduação aprofundei minhas pesquisas sobre os anos 1920, aproveitando outras fontes e construindo subsídios para as discussões em sala de aula.

Cada vez mais, sentia a necessidade de estreitar os laços com a literatura, com a filosofia e a psicanálise, promovendo leituras de textos de Freud, García Márquez, Calvino, Castoriadis, entre outros. Ministrei curso sobre cultura e modernidade, em parceria com o professor Paulo Henrique Martins. Aproximei-me, mais ainda, dos escritos de Gilberto Freyre, e conheci parte da obra de Octavio Paz, com seu imenso poder de sedução. *O labirinto da solidão* se tornou, para mim, uma referência, pela sua magia e sabedoria. Paz é um poeta, seu texto surpreende e emociona, com muita lucidez. As reflexões sobre a modernidade continuaram me acompanhando.

Minha mudança influenciou as orientações acadêmicas. Havia, na nossa pós, muitos alunos das mais diversas

procedências. O interesse pela história das cidades crescia, como também as pesquisas mais relacionadas com o século xx. Discuti muito a minha tese nos cursos, junto com *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, uma leitura que encantava a todos com sua imaginação e sua síntese fabulosas. As obras de Calvino têm um feitiço marcante. O contato com as obras literárias provoca uma preocupação maior com a estética do texto. Era uma contribuição que trazia para o curso e para os alunos. A escolha de temas foi fugindo da chamada tradição historiográfica dominante. Comecei a orientar dissertações e teses voltadas para o estudo das cidades do Nordeste, com objetivos de entender as aventuras da modernidade, os diálogos do antigo com o novo, as tentativas de modernização. Surgiram trabalhos sobre João Pessoa, Campina Grande, Fortaleza, Teresina e outras tantas cidades, trazendo momentos desconhecidos das suas histórias. Abria-se um espaço antes inexplorado, com a descoberta de acervos, ressignificação das fontes e da historiografia tradicional, a retomada da leitura de obras literárias tradicionais e memorialistas, ricas na descrição dos cenários urbanos. A cidade, como a grande moradia dos tempos modernos, passou a ser um foco de interesse que ainda não se extinguiu.

Na pós-graduação, se firmou uma linha de pesquisa que permanece em plena atividade. Para mim, foi uma sucessão de descobertas, conhecendo histórias e realimentando questões teóricas. Voltava ao ponto de partida que me inquieta

sempre: as articulações do novo com o velho e sua importância para compreender a convivência social. Lugares e tempos se entrelaçam, e a linearidade não consegue dar conta de tantas relações. Quando enfatizamos menos a descrição do fato e do extraordinário, optamos por compreender as diferenças, sem estabelecermos hierarquias. Não há uma época superior à outra, as sociedades respondem às tensões que vão sendo construídas com sua capacidade de invenção. A nossa narrativa não esgota a multiplicidade, tampouco firma determinações definitivas. Aceitar sua incompletude não é capitular diante da complexidade, mas compreender que o inesperado compõe a vida, cheia de arquiteturas que não passam de esboços ou de traços assustados com os desafios do estar-no-mundo. O foco nas histórias das cidades nos aproxima do contemporâneo e das práticas do cotidiano que nos cercam. As cidades visíveis e as invisíveis, onde o mundo não finda nunca e os sonhos estão sempre acordados, não esperam a noite para acontecer.

As orientações tinham vários ritmos. Na volta do doutorado, passei a fazer parte do grupo de professores contemplados com bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Continuei minhas pesquisas sobre os anos 1920; mais estrategicamente, com o propósito principal de formar alunos, passar minha experiência e mostrar os muitos caminhos metodológicos, sempre destacando a importância da escrita. O ofício do historiador se aprofunda quando está entrelaçado com a reflexão sobre a vida, quando

a arte de contar não se esquece da arte de viver. Tenho como prática pedagógica principal o exercício da autonomia. Os bolsistas assistem às aulas na pós, apresentam seminários com os resultados das suas pesquisas e quase todos terminam no mestrado, seguindo a carreira acadêmica com entusiasmo. Dos bolsistas de PIBIC que tive, apenas um não deu continuidade aos seus estudos na universidade e uma parte expressiva está no doutorado. Há uma atenção com o trabalho de formação. Preocupo-me também em facilitar o convívio dos mais novos com os mais velhos, criando uma rede importante para o crescimento intelectual.

Minha inserção na universidade está acompanhada por interesses ligados ao ensino da História. Sempre participo de eventos e de programas de capacitação na rede pública. Quando da volta do doutorado, retomei as atividades de consultoria na Secretaria de Educação da Cidade do Recife, na segunda gestão de Edla Soares. Foram muitos os encontros com os professores, os textos elaborados para debates e para a construção de uma proposta pedagógica para as escolas municipais. Escrevi um texto que norteou a discussão, intitulado *A pedagogia instituinte*, em que coloco a discussão sobre a modernidade com base nas perspectivas de Castoriadis. Já se sentia quebra das expectativas políticas anteriores ou desconfiança maior com as utopias. A ideia de revolução, como mudança radical e instantânea, sucumbia. Meu texto, publicado numa coletânea organizada pela Secretaria, sintetizava as discussões desse momento;

expressando as dúvidas, especulava a possibilidade da reinvenção democrática e insistia em denunciar a distância, sempre constante, da teoria com relação à prática.

Na gestão primeira de Edla Soares, pedi demissão, solidário com ela, que não aceitou a mudança dos rumos políticos articulada pelo então prefeito Jarbas Vasconcelos, responsável por redefinições no grupo de poder na sociedade pernambucana presentes ainda hoje. Mas fiz, antes, um trabalho de coordenação de pesquisa sobre a história da cidade do Recife, juntamente com Marcos, Pedro, Luíza e Júlia, professores da rede municipal, que resultou numa publicação significativa para a divulgação de textos dos historiadores locais. Trata-se de uma coletânea para ser utilizada no ensino da rede sobre a história do Recife. Textos sobre os mais diversos temas, retirados de obras tradicionalmente conhecidas e de trabalhos mais recentes, como dissertações de mestrado, acompanhados de sugestões de atividade para sala de aula. Era uma publicação importante em dois sentidos: material pedagógico para estudo e registro, pela primeira vez, de uma pesquisa com a participação dos professores da rede. Rompia-se com práticas passadas, aproximando-se o saber acadêmico das dificuldades cotidianas de rede pública. Nesse processo, a história da cidade se tornou disciplina obrigatória na grade curricular do ensino fundamental e saiu mais uma publicação, intitulada *Recife: 100 anos de escola municipal*, sob a minha coordenação, que revelava aspectos desconhecidos

da instalação do ensino público, redefinindo interpretações anteriores. Ainda atuei na terceira gestão de Edla Soares, quando o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu a prefeitura, com a eleição de João Paulo. Fiquei responsável pela elaboração de um texto sobre a concepção de cidade e de um livro sobre as representações dos estudantes da rede municipal sobre a cidade e a escola. Neste último, contei com a participação de uma professora da rede, Zélia, e de alunos da pós-graduação em História da UFPE: Daniel, Lúcia, Tatiana, Artur e Lucas. O livro terminou sendo publicado em 2003, lançado na reunião nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), com desenhos dos alunos da rede e programação visual de Lailson Holanda.

Minhas contribuições anteriores abriram espaços para outras publicações. Fui convidado pela Fundação Yapoatan, em 1996, para coordenar uma pesquisa e para escrever um livro sobre a história do município de Jaboatão, componente da chamada Região Metropolitana do Recife, num projeto financiado pelo Ministério da Cultura. O tempo foi curto, mas contei com o trabalho de alunos da graduação e, assim, conseguimos um material expressivo, reunindo documentos e depoimentos orais. Foi uma equipe interdisciplinar, com profissionais da Arquitetura e da Geografia, pois foram exigidos também um levantamento das edificações e um ensaio fotográfico sobre o tema em foco. A publicação específica sobre História explorou a relação da imagem fotográfica com o texto, dividida em quatro partes: histórias

(multiplicidade e trajetórias), memórias (recordações e significados), patrimônio histórico (tradição e tradução), cenas urbanas (os lugares da História). Na mesma linha, em 2001, foi publicado um outro trabalho, dedicado ao município de Bom Jardim. A dificuldade de fontes prejudicou um maior aprofundamento da análise histórica, mas o livro trouxe imagens, depoimentos e sugestões de atividade para estudo em sala de aula. Além disso, financiado por uma bolsa do CNPq, escrevi um texto sobre *A presença dos ingleses em Pernambuco*, numa demanda da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de Pernambuco.

Comecei, no meio das atividades, a pensar em uma nova saída para realizar estudos; no caso, o pós-doutorado. Estava interessado em continuar minhas leituras sobre a modernidade e verticalizá-las com base em dois autores: Octavio Paz e Gilberto Freyre. Paz havia me encantado com *O labirinto da solidão* e Freyre continuava sendo uma referência importante para se pensar a sociedade brasileira, com suas ambigüidades instigantes. Formulei uma proposta de trabalho – *A casa-grande e o labirinto: tradição e modernidade em Gilberto Freyre e Octavio Paz* – e perguntei à professora Maria de Lourdes Janotti se ela queria ser minha tutora. Mais uma vez, fui bem recebido, e me organizei para uma saída, efêmera, porém decisiva para ter fôlego intelectual sempre renovado e inquieto. Em 1995, minha família cresceu. Chegou Marcelo, com sua meiguice e sabedoria, para alegrar a casa. Agora, com quatro filhos, dois meninos e duas

meninas, firmava meu gosto pela paternidade, me sentia privilegiado. Há relações estreitas entre ser pai e ser professor, e sempre me senti à vontade para vivê-las, fazendo do afeto meu ânimo maior. Marcelo tem uma singularidade marcante: é o filho fisicamente mais parecido comigo, é fácil confundir seus retratos com os meus. Muitos nos olham espantados com a semelhança. Além disso, há outro ponto de forte entrelaçamento: gostamos muito de música, com paixão especial por Astor Piazzolla, que aprendemos, emocionados, a escutar juntos.

O pós-doutorado

Minha saída para o pós-doutorado ocorreu em 1998. Iria sozinho para São Paulo. Tinha muita dificuldade de partir, deixando a família no Recife. Marcelo havia passado por problemas de saúde que me assustaram muito. Foram meses de intensa expectativa, com especulações médicas negativas. Fiquei dividido, sem muita concentração para investir nas leituras. Mas, felizmente, os diagnósticos mudaram e nada do anunciado se concretizou. Erros existem, atormentam e mostram a fragilidade de cada um. Obtive licença de um ano para fazer o pós-doutorado. Viajei para um primeiro contato e para estabelecer a programação de atividades. Maria Lígia Prado era chefe de departamento e foi muito atenciosa, me recebendo com afeto e distinção. Combinamos que eu tinha que oferecer um curso na pós

no segundo semestre, além de escrever um ensaio sobre o tema do projeto. Com isso, pude ficar mais um tempo no Recife, me dedicando a leituras, pois minha escolha estava relacionada com discussões teóricas, e não com pesquisa empírica. Já havia feito o programa do curso que iria ministrar, com a participação, nas aulas finais, da professora Maria de Lourdes Janotti. Portanto, iniciei minha trajetória, ainda marcado pelos problemas de saúde de Marcelo e sob o impacto de uma notícia que me abalou – a morte de Octavio Paz, ainda no primeiro semestre de 1998.

Meu plano de trabalho estava bem definido. Queria aprofundar meus estudos sobre modernidade, não me limitando aos cenários urbanos, mas preocupado com a formulação do conceito nas obras de Paz e de Freyre, dois autores com reflexões importantes sobre a América Latina. Não se tratava de um estudo comparativo nem de buscar o conceito mais verdadeiro ou coerente com a formação histórica das nações que viveram a colonização europeia. A relação entre tradição e modernidade me atraía, pois me dava condições de questionar a ideia de que a modernidade havia sido uma ruptura, uma descontinuidade, uma negação do passado de forma radical, por meio de revoluções políticas, culturais e econômicas. Continuava seguindo minhas formulações da época do doutorado, com foco na ideia de que a história se constrói no diálogo entre mudança e permanência, entre o novo e o velho. As leituras de Castoriadis e as afirmações dos

Annales estavam presentes, conduzindo as bases das minhas reflexões.

Organizei o curso com essa perspectiva. Primeiro, uma ampla discussão teórica, tendo textos de Jacques Le Goff e Hannah Arendt como ponto de partida. Le Goff investigava a construção histórica da ideia do moderno, desde o final da Idade Média, articulando esta perspectiva com o surgimento dos conceitos de modernidade, modernização e modernismo. Além disso, se preocupava com o tempo histórico, com as relações entre o passado e o presente. Seu percurso nos ajuda a visualizar, na longa duração, a historicidade do pensamento, o lugar e a importância que essa discussão tem na cultura ocidental, e mesmo sua influência na formulação das hegemonias políticas. Livra-nos da tirania do acontecimento, dos registros meramente factuais que fazem das revoluções industrial e francesa os marcos indiscutíveis de definição da modernidade. Há toda uma discussão anterior de quebra de paradigmas e de concepções de mundo, firmando contrapontos e, ao mesmo tempo, fazendo releituras das tradições clássica, judaica e cristã, que não podem ser esquecidas.

Há encantos e medos, utopias e saudosismos, momentos de crises mais visíveis, numa fusão de ideias que consolidam aberturas para o mundo voltado para a secularização da cultura, mas não de forma absoluta. O sagrado não morre, se discute sua inserção numa sociedade com outros valores, menos transcendentais, em que a razão e a ciência passam

a ter uma força definidora de ações e de comportamentos sociais. Le Goff destaca, nesse processo, o lugar da memória e das relações de poder na disputa pela verdade, por meio da qual o Ocidente desenha seus ambiciosos projetos de dominação que se estendem pela contemporaneidade. Nessa ampla trajetória, cabe uma diversidade de pensamentos que ora se complementam, ora se conflitam, e que passa por Santo Agostinho, Maquiavel, Descartes, Rousseau, Baudelaire, Freud e tantos outros.

No seu ensaio *O conceito moderno de história*, Hannah Arendt também busca os fundamentos, mergulha na filosofia e na história, desde os tempos iniciais da cultura grega. Sua reflexão sobre Heródoto e sobre os limites da concepção de história no mundo grego é marcante. Não havia encantamento com a história, como havia com a filosofia. Mesmo na obra de Aristóteles, não se nota preocupação com o cotidiano humano e com sua historicidade. Com a modernidade, aflora o debate sobre a história. Descartes, com sua crítica, lança princípios fundamentais da ciência moderna, mas não se aproxima da história, até mesmo duvida da validade do conhecimento sobre o passado. Mas funda uma outra tradição, na qual a razão tem um lugar de destaque, preparando espaço para a consolidação do pensamento científico, destronando o poder da verdade religiosa; sem negar, porém, a existência de Deus. Nos tempos modernos, o interesse pela história ganha outra dimensão. Há um projeto de dominação da natureza, um

crescimento da ação da cultura, um antropocentrismo que se estende pelas diversas esferas da vida social. O otimismo, trazido pela exaltação e pela crença no progresso, não evita olhares incrédulos e desconfiados.

Continuam a violência, as guerras, as desigualdades, apesar de todo o avanço da técnica e das articulações dos saberes. A ética submerge diante dos desejos de lucro e do consumo de bens materiais. Hannah Arendt traça um quadro das inquietações relacionadas com os totalitarismos e as guerras mundiais, lamentando a existência de uma solidão que toma conta da sociedade, dentro de um amplo movimento de massificação da cultura. O discurso de libertação, enfatizado pela modernidade, não se concretiza. Hannah Arendt traduzia os horizontes sombrios que se descortinavam. O forte humanismo das suas reflexões não se distrai com ilusões, mas denuncia, alerta e não silencia diante das muitas turbulências que atormentavam o seu tempo e se projetavam sobre o nosso.

Hannah Arendt e Jacques Le Goff deram consistência às discussões teóricas, acompanhados de outros autores como Perry Anderson, Marshall Berman, Henri Lefebvre e Italo Calvino. No entanto, o foco principal era a análise dos textos de Gilberto Freyre e Octavio Paz. Escolhi os escritos de Freyre dos anos 1920, fazendo o contraponto com um dos seus últimos livros, *Além do apenas moderno*. De Paz, fiz um novo mergulho n' *O labirinto da solidão*. Já havia realizado várias leituras anteriores, procurando as interpretações de

outros autores sobre sua obra, publicadas no México, as quais ampliaram minha análise. Freyre e Paz são autores marcados pela multiplicidade de ensaios com temáticas inusitadas, com textos que primam pela leveza, atentos à clareza da ideia, do ritmo de contrapontos surpreendentes, comprometidos com a forma e com a sedução. Os seminários sobre esses autores tiveram boa participação dos alunos, apesar de a maioria desconhecer a obra de Paz e de outros conhecerem mais as chamadas obras clássicas de Freyre. Os debates me ajudaram muito na formulação dos ensaios conclusivos. A turma tinha alunos de vários cursos e regiões do Brasil. Construimos uma relação próxima, e a última aula deixou saudades. Retornei ao Recife, também saudoso dos filhos e de Thereza, com a missão de escrever os ensaios. A primeira parte do pós-doutorado estava cumprida. Fui bem acolhido na USP, e tenho preciosas lembranças da minha passagem por lá, afetivas e profissionais.

O encontro com Freyre e Paz

O pós-doutorado levou-me à produção de três pequenos ensaios, como resultado das leituras e das reflexões feitas durante o ano de 1998. O primeiro é uma discussão geral sobre o conceito de modernidade, tendo como base autores como Le Goff, Calvino, Castoriadis, Arendt. Na compreensão dos significados da modernidade, é sempre importante o conceito de tempo. A leitura do presente como tempo de

síntese, a opção por visualizar a simultaneidade e pensar a memória como uma relação dinâmica entre esquecimento e lembrança são pontos importantes para analisar a construção dos conceitos de antigo e moderno. Além disso, a contribuição de Castoriadis de que a sociedade é um sistema de interpretação do mundo é indispensável. Qualquer ameaça a esse sistema de interpretação é uma ameaça à ordem instituída; portanto, às relações de poder existentes e consolidadas. A modernidade abalou tradições e práticas aparentemente inexpugnáveis. Foram muitas as reações às suas ideias e propostas de mudança social. A modernidade foi instituinte, dentro da perspectiva de Castoriadis. Embora não tenha rompido radicalmente com o passado, colocou outras formas de conceber o mundo, com a secularização da cultura. Assim sintetizo o debate que acompanha meu lugar teórico na compreensão da modernidade. Os tempos históricos se complementam, dialogam, existem mudanças, mas não podemos negar as permanências.

Essa discussão mais geral é a porta de entrada para analisar Gilberto Freyre e Octavio Paz, objetivo central dos meus estudos na época. Freyre é autor bastante polêmico, devido não apenas aos seus ensaios sobre a sociedade brasileira, mas, sobretudo, à sua vivência política e às suas afirmações conservadoras na época dos governos militares. Tinha também muitos preconceitos com relação à obra freyreana. Não lia e não gostava. Quando fiz minha tese de doutorado, resolvi mudar, me desfazer desses preconceitos que

não combinam com uma postura crítica diante das ideias. Senti-me atraído, inicialmente, pelo texto de Freyre, pela forma da sua escrita, efetivamente modernista, leve, clara e renovadora. Além disso, sua abordagem interdisciplinar e seu interesse por assuntos do cotidiano me lembravam os princípios da Escola dos Annales. Seus artigos de jornal eram singulares para a década de 1920, como também suas interpretações sobre a sociedade brasileira, seu saudosismo, sua crítica às invenções modernas, seu apego ao passado; a mistura entre o moderno e o tradicional que acompanhava suas reflexões ressoava como uma provocação aos bem-comportados, como Freyre gostava de repetir.

Procurei fugir dos caminhos conhecidos dos que elogiam ou dos que desmerecem, muitas vezes de maneira apaixonada, a sua obra. Aprofundei o que já havia feito nos tempos do doutorado. Retomei as leituras dos artigos e ensaios dos anos 1920, do seu controvertido diário de adolescência, e acrescentei o livro seu de título precioso já mencionado, *Além do apenas moderno*. Formulei uma metodologia e uma estratégia para a minha narrativa: pontuar as considerações do autor sobre ele mesmo, sua formação intelectual, seus juízos de valor, e construir um texto com o propósito de entrelaçar essas considerações, fazendo uma ponte com suas reflexões sobre a pós-modernidade, inegavelmente precursoras dos debates mais contemporâneos.

Escrevi um ensaio para dar conta dessas questões, sem esquecer de citar intérpretes das obras de Freyre, seus elogios e suas dissonâncias. Construí, então, minha narrativa, dialogando com seus artigos, suas memórias, suas opiniões, seus discursos políticos, não negando os contrapontos, considerando que ele próprio se nomeava como um homem paradoxal. Minha preocupação era não fazer das contradições um pecado mortal ou uma forma de aniquilar as contribuições de Freyre, a meu ver, significativas para a compreensão das particularidades da formação social brasileira. Suas perspectivas de análise teórica, tão de acordo com as ousadias do modernismo, se confrontam com suas escolhas políticas, com seu apego a tradições que consolidam injustiças sociais. Sua rica leitura das práticas do cotidiano e dos feitos culturais dos mais anônimos não se ajusta às suas saudades da sociedade patriarcal. Mas tudo não anula o mérito das suas interpretações e das suas ousadias. No *Além do apenas moderno*, Freyre nos traz questões até hoje marcantes e foco de inquietações: conflito de gerações, meio ambiente, tecnicismo, neorromantismo etc. Seu conceito de tempo tríplice é uma contribuição para compreender a simultaneidade, a possibilidade de visualizar o jogo das continuidades e descontinuidades, as máscaras que escondem os mecanismos de poder interessados em criar um discurso de renovação para disfarçar a prevalência da tradição. Essa leitura da obra de Freyre nos permite uma outra dimensão analítica: desconstruir por dentro o discurso,

sem, contudo, esvaziar o conteúdo da obra, mas revelando como o autor faz uso dos seus paradoxos para firmar sua identidade e seu espaço de poder entre os intelectuais mais conhecidos, formuladores de uma interpretação da sociedade brasileira. Não é sem razão a volta de Freyre aos núcleos acadêmicos, muitos preocupados em resgatá-lo e aproximá-lo dos temas atuais.

Octavio Paz levou-me para outras trilhas. Sua obra se espraia por um vasto território. É ampla e múltipla, com seus ensaios sempre marcados por uma poética que lhes dá leveza. Como poeta, Paz tem uma linguagem fundante. Sua intimidade com as palavras, suas metáforas e o jogo dialético da sua argumentação fazem seu texto possuir um grande poder de sedução. A escrita de Paz levita e envolve. Meu foco era o conceito de modernidade articulado com a concepção de história do autor, não desprezando sua dimensão poética. Procurei me cercar de leituras dos seus mais conhecidos intérpretes e críticos: Alicia Correa, Javier Gonzalez, Jorge Mora, Mario Santi, entre tantos outros. Quais seriam as fontes teóricas? Paz constrói sua obra na diversidade: Nietzsche, Freud, Roger Caillois, Marx, Breton, Unamuno e Ortega y Gasset estão presentes na elaboração da sua obra literária e ensaística. Minha leitura de Paz não é sistemática, não tem princípio organizador fixo, mas possui um ponto de partida fundamental: *O labirinto da solidão* e o *Posdata*, escrito como uma atualização das ideias colocadas n' *O Labirinto*, obra central do autor, voltada para a

análise da relação entre cultura e modernidade na história do México. Outros escritos de Paz também foram objeto da minha atenção: *Los hijos del limo*, *El arco y la lira*, *La llama doble: amor y erotismo*, além da sua obra poética.

As reflexões de Paz sobre a história estão próximas dos Annales. O diálogo entre permanência e mudança dá ritmo às suas análises. O seu conceito de modernidade traz uma contribuição renovadora. Para Paz, há uma insistência, sobretudo do modernismo, em enfatizar a ruptura que cria uma tradição inesperada: a tradição da ruptura. Com maestria, ele tece o manto, de desenho labiríntico, que aquece as aventuras da modernidade. Sua preocupação com a sociedade mexicana é central, como também sua releitura dos significados da solidão, para compreender o que ficou do moderno para as culturas que sofreram a colonização. Ele tem suas desconfianças com sua modernização e com a sociedade de consumo. Denuncia o desencantamento, se mostra, em muitos momentos, tomado por uma nostalgia que assinala suas ligações com o Romantismo. A arquitetura do pensamento de Octavio Paz lembra uma construção sempre inacabada, não por falta de envolvimento ou de imaginação, mas porque o ser humano tem a dimensão trágica da incompletude.

Magia e razão não são tão dissonantes, apenas foi inventado um discurso para afastá-las e não para escutar suas harmonias e complementos. Desfazer-se do mito foi um engano, como é um engano negar o poder instituinte da linguagem, como ressalta Paz em várias passagens dos

seus escritos. Os excluídos da modernidade se sentem sós, amargam a convivência com dificuldades, não conseguem se situar nas suas tradições culturais, são enfeitizados pelo poder hegemônico do valor de troca. Uma travessia histórica que está sintetizada n' *O labirinto da solidão*, obra dos anos 1950, ainda hoje uma referência para entender as sociedades latino-americanas. Para o poeta, não bastam as conjecturas cartesianas para captar o humano.

Os fios que sustentam a cultura são visíveis e invisíveis, não podemos mergulhar no real como o que tem concretude e materialidades definidas e daí compreender o que se passa na história, estruturar interpretações definitivas. As palavras aprisionam ideias e sentimentos, mas não os esgotam. A instituição imaginária da sociedade ultrapassa os limites do dualismo e da identidade imutável, para chamar a atenção para o efêmero, o lacunar, o provisório. Paz não perde de vista o mito, os símbolos da sua narrativa, o esconderijo dos seus significados. Afinal, não somos apenas Prometeu, mas muitos. Fica difícil negar o labirinto e a solidão, o cais e o oceano, a busca, sempre presente, da comunhão. Contraditoriamente, somos solitários e solidários. Na história, a incerteza do começo se mistura com a incerteza do fim.

O contato com as obras de Freyre e Paz foi mais uma abertura de espaços para meus estudos sobre modernidade. Continuo enfeitizado por essa temática, com outras perspectivas. Minhas leituras me aproximaram, mais ainda, da literatura. Octavio Paz e Italo Calvino se tornaram referências

fundamentais para a minha compreensão da cultura humana. Com a literatura, mantenho diálogo constante, atento às formas da escrita e às dimensões do texto. Me impressionam a capacidade de síntese e clareza de Calvíno e o poder de sedução de Paz. O historiador não deve perder seus laços com a literatura, tão presentes desde os primórdios, contemplados nas narrativas de Heródoto. *O labirinto da solidão* se tornou um livro sempre consultado. Seguiu trilhas que me levariam a procurar outras leituras da modernidade, relacionadas com a construção da afetividade, estreitamente vinculadas à psicanálise e, sobretudo, a uma obra de Freud – *O mal-estar na cultura*. O pós-doutorado foi importante para efetivar mudanças e para visualizar possíveis descobertas ou desafios teóricos. Não hesitei. Retomei minhas atividades na UFPE, redefini meus cursos, firmando as reflexões sobre a modernidade, renovando leituras, conhecendo outros autores e mantendo minhas orientações. O trabalho interdisciplinar facilita meu contato com outras áreas e enriquece meus conhecimentos. Estou sempre participando de eventos ou mesmo de bancas com muita frequência. Cheguei a participar, num ano letivo, de quase 20 bancas. Isso me ajuda a quebrar preconceitos e a compreender a universidade com outros olhos, distante do feudalismo acadêmico que ainda sobrevive.

Redefinições aprofundadas

A volta traz inquietações e desafios. O ânimo aumenta o fôlego para repartir o que foi aprendido. A experiência

como professor continuava sendo minha grande base. O contato cotidiano com os alunos me estimula. Gosto de participar da formação de cada um, converso muito com eles e sempre tive muitos orientandos. Não me restrinjo apenas às atividades na pós-graduação. Retomei minhas orientações de PIBIC, sempre com a quota de dois bolsistas renovada a cada ano. Assumi uma disciplina obrigatória, Metodologia da História, que ministro de forma alternada. Num ano assumo, no seguinte Montenegro encarrega-se de ensiná-la. Como temos pontos teóricos comuns, não há dificuldades. Trabalhamos com textos diferentes, mas sempre preocupados em discutir paradigmas e acompanhar as mudanças teóricas, privilegiando a contemporaneidade. No meu programa, utilizo textos de José Carlos Reis, Castoriadis, Geertz, García-Roza, Evaldo Cabral de Mello, Susan Sontag, Thomas Mann, Lowenthal, Calvino, Sevcenko, Hannah Arendt, além de filmes como *Amarcord* e *Entrevista*, de Fellini; *Morte em Veneza*, de Visconti, entre outros, construindo um diálogo da História com outras áreas do saber. A inserção do conhecimento histórico na modernidade é um dos eixos do debate que abrange reflexões sobre os conceitos de cultura, verdade, poder, imaginário, narrativa, importantes para que o aluno perceba os significados atuais do ofício do historiador, tendo como ponto de partida as contribuições trazidas pela Escola dos Annales.

Continuei na trilha da modernidade, mas cada vez mais próximo dos estudos da contemporaneidade, incorporando

outros autores às leituras básicas dos cursos que oferecia: Baudrillard, Beatriz Sarlo, Néstor Canclini, Terry Eagleton, Homi Bhabha, Perry Anderson... Estava interessado em ir além do debate sobre a modernidade, focando minha análise na construção do tão controverso conceito de pós-modernidade, bastante cercado de preconceitos teóricos. Conteí com o envolvimento dos alunos, sempre muito presentes nos meus cursos, como também de pessoas de outras áreas do conhecimento, não vinculadas formalmente à universidade. Um aprendizado coletivo, sem medo de enfrentar as contradições, que ampliou meu território de reflexão e a complexidade do desenho da minha programação de pesquisa. Sentia que buscava outros caminhos, não tão distantes dos que estava seguindo, porém estava claro meu fascínio pela desconstrução da modernidade e pela perspectiva de pensar que um novo tempo histórico se configura, pontuado por essa dinâmica dialética envolvendo o tradicional e o moderno. Não é caso de uma revolução nem tampouco do seu avesso, uma repetição monótona do que já aconteceu, um desvio das propostas iniciais da saga iluminista. É difícil para o historiador contemplar o que está sendo vivido e elaborar suas interpretações. Ele não deve, porém, olhar para o passado sem estar conectado com seu tempo e suas questões. Um ofício cheio de armadilhas, porque a vida corre. Entre ruídos e silêncios, lembranças e esquecimentos, temos que acompanhá-la, fazendo as leituras possíveis das travessuras da memória e do desejo.

As relações entre saber e poder se entrelaçam com as mudanças das temáticas de pesquisa. Há resistências, hegemonias, códigos de verdade. A academia não dispensa hierarquias e disputas. Meu campo de trabalho nunca foi muito ortodoxo, pois minha inquietude se articula com minha vontade de privilegiar a relação entre narrar e viver a história. Não consigo dissociar o conhecimento das experiências cotidianas da vida da necessidade que temos de alicerçar uma sabedoria individual e coletiva, para minimizar os tantos desencontros reinantes na sociedade contemporânea. Aproveitei a minha crescente curiosidade pela significação do afeto nas relações humanas e resolvi estudar a dimensão histórica da solidão e do efêmero. Escrevi um projeto, aceito na seleção do PIBIC, com o objetivo de estudar a solidão nos anos 1920 na cidade do Recife. Para facilitar o aprofundamento da discussão teórica, redefini os programas dos meus cursos na pós-graduação: um abordando o tema da sedução do efêmero, e o outro, as trajetórias históricas do amor e da solidão nos séculos XIX e XX.

Outras leituras foram incorporadas, sem desprezar as bases de sempre (Castoriadis, Freud, Calvino, Paz, Arendt). Era preciso visitar outros territórios, e os textos de Maffesoli, Comte-Sponville, Lipovetsky, Marcel Conche, Peter Gay me foram de fundamental importância, junto com uma filmografia sobre o tema: *Noites de Cabíria*, *O último tango em Paris*, *Cortina de fumaça*, *Clube da luta*. São costume, nas minhas aulas, as citações musicais, para reabastecer a sensibilidade,

em que os encantos sedutores das composições de Astor Piazzolla, Philip Glass, Wim Mertens, Villa-Lobos, Chico Buarque, Gato Barbieri estão sempre presentes. Também a literatura ampliou sua participação: Paul Auster, José Eduardo Agualusa, John Fante, Pablo Neruda e Drummond ajudam a decifrar os tão misteriosos códigos afetivos do mundo.

Os seminários e as aulas expositivas fogem do tradicional discurso de uma nota só e o diálogo prevalece. Os alunos se encarregam, com suas criatividades e ousadias, de ampliar as relações entre razão e sensibilidade. A dimensão lúdica da sala de aula ganha espaço e o conhecimento não se torna um fardo, mas um exercício de levitação. Sem perder conteúdo reflexivo e inserção na pesquisa acadêmica, buscam-se respostas para questões antes ausentes dos estudos da história, mas nunca ausentes do cotidiano da cultura. Cabe, então, tecer outras metodologias, estender as ligações da História com outros espaços do saber, compreender que as fronteiras são também moradias e não lugares vazios e inóspitos. Mais uma vez, a relação entre mudança e permanência me atrai. A afetividade é uma permanência, mas seu estar-no-mundo se modifica. Afrodite não é a mesma dos tempos de soberania do Olimpo, nem as melindrosas dos anos 1920 estão presentes nos becos dos *shopping centers* pós-modernos. O amor dos românticos não tem mais fôlego na modernidade líquida descrita por Bauman. Todos continuam falando de amor, se perdendo na solidão, desejando uma felicidade sem descontinuidade. É impossível compor a vida sem o afeto.

Escrevi o projeto e ampliei as reflexões num artigo intitulado “História, solidão e modernidade”, publicado na revista *Territórios e Fronteiras* do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Firmo, mais uma vez, minhas ligações teóricas com Castoriadis, ressaltando seu conceito de imaginário, *como criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens com base nas quais somente é possível falar de alguma coisa*. Amplia-se o espaço para interpretar a história, longe das amarras da lógica conjuntista-identitária. Um outro conceito trabalhado por Castoriadis é importante e acompanha minhas reflexões, o de autonomia, fundamental para a compreensão de modernidade, mas com sua construção articulada com a Antiguidade grega. A autonomia entendida como um projeto histórico e como capacidade de cada um de produzir suas próprias leis nos coloca a dimensão maior da sociabilidade: nada se constrói fora da relação com os outros; portanto, autonomia não é fechamento, mas abertura, possibilidade de repartir experiências e desfazer memórias. Apesar de a história não ter um sentido pré-determinado, não podemos viver sem procurá-lo, e o projeto de modernidade é um dos espaços históricos dessa procura constante, consciente ou inconsciente. A autonomia não é incompatível com a solidão, tampouco a solidão é a negação do outro. A solidão carrega ambigüidades. É, ao mesmo tempo, evasão e encontro, distanciamento e aproximação. A visita à construção teórica

de Castoriadis é acompanhada de leituras de Octavio Paz, Jurandir Freire, Jerrold Seigel, Peter Gay, Paul Auster, John Fante e García Márquez. A contribuição do filósofo André Comte-Sponville é também decisiva. Para ele, a solidão é regra, não acidente; faz parte do cotidiano das grandes cidades, e não significa aprisionamento, mas imprevisto, possibilidade, liberdade. Ela é instituinte e constituinte.

As teias da teoria não estão longe das experiências da aventura cotidiana. A pesquisa em fontes cria um diálogo que anima as reflexões, materializa, concretiza, dá visibilidade. Trabalhando com jornais e revistas da época, memórias, cartas, os impactos da modernidade vão sendo lidos numa cidade onde a convivência do novo com o velho é marcante. O Recife se define pela cultura de tradições, tomada por alguns como essência da sua história. Havia um certo des-caso com as outras histórias do Recife, com a hegemonia da política e do passado escravista, ficando quase inadmissível compreender a existência de processos de modernização. Muita nostalgia atravessando narrativas presas ao passado, com lamentações constantes sobre a sua perda.

Quando saímos do circuito de uma tradição historiográfica dominante e caminhamos por diferentes labirintos, há outras referências e tensões que estavam escondidas nos subterrâneos mais escuros da memória. A opção pelo estudo da relação entre o antigo e o moderno no Recife dos anos 1920, depois estendida para os anos 1930, é reveladora e surpreendente nos seus resultados. A minha trajetória de

pesquisa anterior já dava conta de muitas dessas questões. O Recife era o cenário escolhido para um olhar mais amplo sobre as mudanças e permanências ocorridas dentro de um quadro teórico preocupado com a construção da modernidade. Agora, há a verticalização sobre um ponto: a reação dos indivíduos diante das invenções e práticas modernas, com atenção para as relações afetivas.

O Recife não tinha uma travessia histórica tão diferente de outras cidades da época, mas tinha, é claro, suas singularidades e suas temporalidades. O antigo e o moderno estavam presentes, não como algo estático, mas convivendo na dinâmica social. Os medos, os amores, os desejos, os projetos, as propagandas, os lazeres e as escritas registravam as buscas, as definições, as incertezas diante de um mundo que assustava e encantava. O moderno tem um grande poder de sedução, sobretudo através do consumo e do uso das suas invenções. Há um feitiço na técnica que lembra os primórdios, uma permanência que parece reafirmar a possibilidade de se pensar na existência de um inconsciente coletivo. As tensões se mostram, as ambiguidades se anunciam. Automóveis mudam a paisagem e atemorizam pela sua velocidade, diante da paciente travessia dos bondes. Rádio, cinema, telégrafo, remédios, moda, *jazz band*, fotografia, sorvetes, tanta coisa ao mesmo tempo, como se uma invasão inesperada alterasse, sem cerimônia, o ritmo da vida, a sequência da história. Notícias de suicídios, de atropelamentos, de ousadias sexuais passam a ter destaque

na imprensa. Um novo vocabulário surge para acompanhar e narrar a presença avassaladora do moderno, numa sociedade antes, na sua base maior, escravista e patriarcal. Não se trata de revolução, nem de uma demolição radical dos hábitos tradicionais, mas da convivência com turbulências. Lembra a perplexidade geral diante da primeira audição da *Sagração da primavera*, de Stravinsky.

As mudanças nas análises teóricas foram estimulantes. Escrevia artigos e participava de eventos, muitos deles em outras áreas das ciências humanas, levando minhas novas reflexões além dos cursos que dou na UFPE. Continuei na linha de pesquisa Cultura e Memória, firme nas orientações acadêmicas para mestrado e doutorado. Meus orientandos trabalhavam com temas relacionados com minha área de pesquisa, com destaque para cultura, cidade e modernidade. Tenho, atualmente, duas coorientações no exterior. Na França, iniciei coorientação: uma sobre a relação do Cinema Novo com a questão de gênero e, em Portugal, na Universidade do Minho, tinha outra, sobre o ensino da História e sua perspectiva metodológica, na fase de preparação para defesa. Em 2003, estive na Universidade de Salamanca ministrando um curso sobre Cultura e Modernidade e, em 2005, em Portugal, participei de um evento internacional, no qual fui apresentar um texto sobre a obra de Octavio Paz.

As atividades de participação em bancas, junto com as de orientação, são frequentes, daí estar em constante contato com outros departamentos da UFPE, reforçando a

interdisciplinaridade que tanto aprecio. Sempre busquei articulações com o que se faz fora do mundo mais restritamente acadêmico. Trabalhei em três consultorias: uma para elaboração de um livro didático para o semiárido (ligada ao Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, o Irpaa, e à Unesco); outra, na área de ensino, com objetivo de analisar a proposta de História para a rede estadual de ensino em Pernambuco; e, com uma equipe interdisciplinar, elaborei também um texto sobre a história da cidade de Itabira, Minas Gerais, num convênio entre a Fade e a Diagonal Consultoria, com o patrocínio da Fundação Vale do Rio Doce.

Em 2004, minha vida afetiva passou por novas turbulências, profundas e avassaladoras. Terminou minha relação com Thereza, depois de 19 anos de convivência. Parece uma grande ironia do destino, como diziam os mais antigos: depois da opção por estudar as relações afetivas, tenho que conviver com o desmonte delas pessoalmente. Um momento de esforço incomum para reorganizar a vida e seguir adiante. Fui vice-coordenador do programa de pós-graduação em História da UFPE, além de atuar no conselho técnico-administrativo da Editora Universitária e em conselhos editoriais e consultivos de revistas, tendo inclusive integrado por três vezes o conselho da *Revista Brasileira de História* da Associação Nacional de História (ANPUH), na qual fui presidente da regional de Pernambuco. Fiz a atualização do *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, de Gilberto Freyre, e concluí a elaboração

de textos sobre a cidade do Recife, para uma exposição no Museu da Cidade do Recife.

A construção de muitos anos de profissão não significa exaustão ou falta de ânimo para enfrentar as repetições. Não sinto acomodação, mas desejo de formular novas trajetórias. O que me atrai e me estimula não é apenas a produção do conhecimento. A possibilidade de acompanhar a formação das pessoas, vê-las superando obstáculos com a nossa ajuda, faz com que os ruídos e os silêncios que possam aparecer sejam imagens nunca acabadas. Não há um cais definitivo e fixo. Todos são nômades e flutuantes. A vida é uma travessia, e não podemos nos omitir de contá-la, tampouco de afetivamente reparti-la. Cá estou navegando nos oceanos da história, novamente entrelaçado nos encantamentos do coração, ouvindo os sons sempre surpreendentes do *bandoneón* de Astor Piazzolla, sabendo que não cabem pontos-finais, quando se acredita que a vida se faz soltando pássaros, esticando o tamanho dos sonhos, apagando os desenhos das assombrações. Comecei a viver uma nova relação afetiva, com Mércia, que segue até os dias de hoje.

Impasses marcantes: um intervalo do inesperado

O tempo passa, as retomadas acontecem, os sentimentos se arrumam. Não conseguia ir adiante com as minhas progressões acadêmicas. Inquietava-me, mas não suportava a burocracia. Queria escapar, temia juntar declarações, perdia

espaços por causa de um trauma cuja origem não sabia. No entanto, há saídas. Surgiu um concurso para titular. Animei-me. Participavam do concurso dois professores do departamento, Marcus Joaquim e Antônio Montenegro. Havia uma banca, com pessoas de fora, e três etapas: um julgamento do *curriculum*, uma aula sobre o memorial e um texto histórico. Estava confiante, e contei com a ajuda de amigos. Era a oportunidade para assegurar minha ascensão. Não podia vacilar. Começava uma saga, nada tranquila e repleta de surpresas.

Cumprí as tarefas, não deixei de lado o cuidado. Fui com entusiasmo. Senti que meu desempenho me trazia boas energias. No entanto, penso as travessias da história com acordes diferentes do lugar-comum. As minhas travessuras não agradaram à banca. Não sei efetivamente o que existe por detrás de cada julgamento. Subjetividades, políticas, vaidades, disputas. Tudo corre aceleradamente. A vida nos traz surpresas e melancolias que pareciam distantes. Meu memorial está, em parte, no presente texto. Minhas concepções de mundo, meus tempos entrelaçados. O resultado trouxe o inesperado, contudo era uma escolha da banca, de suas concepções. Fiquei em terceiro lugar. As notas foram quase iguais. Na última sessão, um dos professores da banca comandou um desafio. Interrogou-me questionando se eu era um sedutor. Respondi com toda dignidade e não me subestimei. A dor vem e a coragem surge. Há muitas versões do que cada um pensa.

Havia uma vaga. Ficou com Marcus Joaquim. No entanto, abriu-se outro espaço, que ficou com Antônio Montenegro. Concurso é concurso, não brinque. Sobrei. A possibilidade não se realizou como desejava. Imaginei-me buscando uma aposentadoria. Criou-se um certo ressentimento, polêmicas, desencontros. No início, era uma vaga; depois, duas. Em outros departamentos, se fixaram outros critérios; fiquei na berlinda, mas não quis fazer dramas e nem pressões. Era a decisão do Reitor e eram suas intenções na formulação dos desenhos institucionais. Não tinha como apelar, e detesto ser vítima; sou professor respeitado, com dedicação exclusiva e democrático, porém não peço ajuda com apelos que me empurram para desenganos. Não fugi da luta. A universidade é minha segunda moradia. Nada como a volta por cima. Longe de mim a crucificação, o escândalo, mas perto de mim as referências, os afetos, a confiança. O tempo é mestre. Retomei minhas aventuras, coração ferido, desejo de sacudir a poeira e limpar as contradições e as fofocas sempre presentes.

Nada de aposentadoria, de fugas, o importante era me redefinir, manter minhas leituras, não me agarrar às críticas pejorativas. Não abandonei as orientações, a sala de aula trazia vibrações e contava com assistência, ambas bem marcantes, dos alunos e alunas. Por que se livrar de algo que me atraí, por causa de uma armadilha? Portanto, suspirei, não fui ingênuo; o poder e o saber inquietam e preparam curvas perigosas. Minha progressão se manteve lenta; no entanto, aticei reações. As dificuldades não se apagaram.

Enfrentei a burocracia. Lembrei-me de Kafka. Muita gente me empurrou, agitou meu ânimo e, em 2012, passei para a classe de Associado IV. Quanta ansiedade! Não cedia em muitos aspectos, mas dizia que jamais me envolveria em outro concurso. A mágoa percorria as veias, e vida é mesmo uma aventura inesgotável. O mundo é vasto, possui abismos e fronteiras fabricadas. Contudo, nunca me esqueci da paixão do beija-flor pela rosa vermelha. Por que não viajar no trapézio e riscar os desenganos?

A minha estratégia sempre privilegiou a educação. Discutir valores, desconfiar das armadilhas do capitalismo e fugir dos modismos. Andei nos ritmos de prestigiar a graduação e a pós-graduação sem firmar preconceitos. Há quem abandone as graduações, julgando ser uma tarefa menor. Não é o meu caso. Organizei um programa de Teoria II bastante reflexivo. Coloquei leituras de Êsquilo, Calvino. Radicalizei na avaliação, buscando mais liberdade individual. Não me prevaleci de provas mensais. Pedía textos sobre temas e promovía leituras coletivas. No final, uma avaliação; cada um expondo seu desempenho, desenhando suas críticas e apresentando suas sugestões. O mesmo fiz com as disciplinas eletivas. Procurei sacudir o ânimo. Dei cursos sobre Beatles e Pink Floyd, pós-modernismo e sociedade de consumo. Não houve problemas, a satisfação garantiu o movimento e queda de teorias ultrapassadas. Não deixei de assistir aos filmes de autores italianos. Muita emoção, e os mais jovens conheceram estéticas importantes. Mantenho o ritmo aceso

com entusiasmo. Novas ideias, excelentes narrativas, a história ganha formas e vê o mundo de outras maneiras.

Não desprezei a coerência, articulei os conhecimentos. A universidade não pode estabelecer hierarquias fixas, menosprezando pessoas e fortalecendo elites. O diálogo é fundamental, pois amplia a formação e foge das linearidades. É preciso visitar a literatura, compreender as sutilezas da escrita. Com isso, o ambiente do saber é outro, e não uma prisão que permanece secular. As tragédias não devem ser esquecidas. As ficções surpreendem e os documentos não são frios. Merecem interpretações, para que se lancem verdades definitivas. Essa é a trajetória para quem dá seus primeiros passos na academia. A troca, a solidariedade, o afeto. Nada de regras fechadas. As contradições existem e as ambiguidades inquietam. Por que negá-las? Por que utilizar arcaísmos? As ousadias tiram as inércias e chamam para sair de conceitos envelhecidos.

Nas curvas finais

Na última década, mantive as reflexões sobre a afetividade, presentes nos meus cursos da pós. Intensifiquei a ligação com a literatura. Os programas para cada curso buscavam a multiplicidade, não abandonavam a música, o cinema, a literatura, priorizando a participação do grupo nos seminários, incentivando as dúvidas, os confrontos, a narrativa cuidadosa com a forma e a beleza das afirmações. Não

afirmei modismos. É importante observar os entrelaçamentos dos tempos. Há idas e vindas na construção da história, permanências e mudanças e, muitas vezes, fortes nostalgias. Há quem insista na ideia de progresso, desfazendo o humanismo, carregando no materialismo das tecnologias. Publiquei vários artigos reforçando a necessidade de olhar os saberes na relatividade, sem dogmas sacralizados.

As redes sociais ganhavam espaço. Entrei no Facebook, fiz projeto de pesquisa para acompanhá-lo. Atrelei a pesquisa ao cotidiano, às intrigas contemporâneas e às novas linguagens, com a criação de um *blog* intitulado *Astúcia de Ulisses*, com leituras quase cotidianas. Abri o conhecimento para não ficar apenas na rememoração do passado, mas para também analisar o que reformulava os desejos acelerados que mostram desamparos e solidões. O diálogo inquieta e traz convivências históricas renovadas. O capitalismo não se cansa de aprontar disfarces para concentrar riqueza e marginalizar as maiorias. O populismo debochado subtrai, se veste de cinismos e empurra acontecimentos, cria notícias suspeitas, fecha portas e constrange a dignidade. Ele reina de forma miliciana.

No entanto, a escrita sempre me despertou paixão. Antes de o caos provocar desesperos, publiquei um livro, *Ruídos do Efêmero* (2010), com textos e ensaios com temas diversos. O livro se distinguiu pela multiplicidade ousada, refletindo a história na complexidade de um mundo que aceitou para o mito do progresso, porém acelerou as condições de desigualdade. Destaquei a cultura, seus artistas, a beleza

e as possibilidades de compreender a escrita com ritmo. Veyne, Freud, Auster, Billie receberam reflexões. Concretizava aspirações passadas. História e literatura se ligam, transcendem, fogem da linearidade. Por que não imaginar os desacontecimentos? Por que não afirmar a nomeação das coisas inventando subjetividades? Rumos tomados, leituras coletivas, participação no refazer dos conceitos.

Não fiquei preso às tarefas da UFPE. Viajei, não deixei de lado os eventos sobre cultura e memória. Foquei em atividades em faculdades menores, visitei o Sertão, sempre com o objetivo de socializar o conhecimento e retirar da História o estigma da soberania dos documentos. Narrar e viver. Soltar as nostalgias, firmar fantasias, não dogmatizar. Participei de bancas em outros estados, continuei as orientações (mais de 100), atuei em atividades ditas secretas. Durante quinze anos, fiquei encarregado de redigir as provas dos vestibulares da UFPE, da Universidade de Pernambuco (UPE), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e de outras faculdades. Tudo com muito sossego, aproveitando para apagar preconceitos e vícios acadêmicos tão comuns. Poucos sabiam das minhas andanças nessa área; para mim, fundamentais na reformulação do ensino.

Aprendi a não divulgar certos trabalhos e a não me expor nas vitrines. Era um desejo antigo, das travessias do ensino médio. Aprender é uma viagem no tapete mágico de Scheherazade. As portas estão entreabertas, os esconderijos invadem o planeta Terra. O tempo passa. Há mudanças,

alegrias, incertezas. Publiquei uma segunda edição de *(Des) encantos modernos*, revendo erros e melhorando a estética. Preparei uma edição de um novo livro, baseado nos textos do *blog*. Infelizmente, ainda não se concretizou. Esperamos um momento mais sossegado. Não abandonei teorias que entrelaçam os tempos e atizam debates entre os autores.

A universidade é campo de sentimentos e experiências políticas. Coordenamos um curso com a participação de sindicalistas, para compreender o momento político de 2016. A universidade não está ausente dos contratempos que a rondam. A sociedade faz a universidade provocar o reanimar de utopias. Sabemos das intrigas escandalosas, dos anos de prisões por corrupção e controvérsias, dos boatos e suspeitas de preparações de armadilhas. As repercussões foram imensas. Houve a famosa ocupação dos centros de estudos nas universidades. Muitas conversas, protestos, apostas em novas ideias. Participei ativamente desses momentos importantes. Uma aprendizagem que inquietou, com várias reuniões, choques entre professores, algumas cenas nada pacíficas. Organizamos, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), uma comissão para firmar alternativas. Houve comportamentos agressivos, mas a convivência ajudou a observar as faltas pedagógicas. Um outro tempo que exigia cuidar de temáticas que os valores e a sensibilidade das relações sociais tornavam evidentes. Muita emoção, reflexões, dissidências. Quem escutou, sem

preconceitos, analisou que mudanças próximas e questionamento de verdades únicas atacam os desejos dos mais jovens.

Tudo isso se passou no final de 2016. Sempre priorizei a gestão política, meus contatos com os alunos e professores, comportamentos que sacodem velhas práticas enfardadas. Nunca fui apegado aos cargos, mas quase sempre representei o CFCH nas reuniões importantes que definiam reflexões e abriam espaços para democratização. Quando se deu a última Estatuínte da UFPE, estava lá com outros colegas, navegando para descobrir caminhos e tentar definir bons encontros. Há pedras nas travessias, porém a coragem ajuda a transformá-las e a não desprezar a fraternidade. As ambições exibicionistas não me atraem. Sou da solidariedade e não das vaidades produtivistas. A dignidade é a base da educação, e se torna uma referência para ações profundas, qualificando a autonomia e demonstrando as hierarquias. Daí o cerne das convivências inquietantes seriamente envolvidas com o cotidiano, apesar das incompletudes. A história chama para analisar e quebrar os disfarces.

As surpresas surgem e movem as situações pessoais. Em 2019, tive fortes abalos. Meu pai faleceu, e, antes disso, soube que eu estava seriamente doente. Muitas indecisões, o obscuro carregando cada instante. Comecei uma saga que atravessou o ano de 2020. Descobri que eu possuía um tumor agressivo e raro. As controvérsias também tomam conta da medicina. É uma longa narrativa. Licença da universidade, tristeza no coração e apoio da família. Tudo

marcante. Foi montada uma estratégia para a cura. Deu certo: quimioterapia, cirurgia, radioterapia. Aqui estou, depois de tratamentos, exames, numa fase fragmentada, diante de tantas questões existenciais. Não faltam meditações e lembranças dos livros de Albert Camus. Sísifo simboliza o humano e usa de peripécias. Faz parte da memória entristecida por lembranças e esquecimentos. Temos astúcias, como saltimbancos vadios.

O mundo costura atropelos, mas a vida não para. Os malabarismos constroem soluções, as cores sombrias metem medo. Espero que minhas utopias me ajudem e que a história não se esconda. O corpo e o afeto ganham lugares que me animam; apesar dos desacertos, vou adiante. Quando chegará o ponto-final? Quem apagará as luzes dos cais? Não sei, apenas me encontro com o abraço que tatua minha imaginação. Existo, porque sinto e bordo sonhos.

Eis a história de *nosotros*. Sempre flutuando, navegando nas tempestades, suspeitando de abandonos. Há gritos suspensos no ar. Será que a respiração aguenta tantos devaneios e desigualdades angustiantes? O mundo das adivinhações se choca com a história, se cala diante das perplexidades e costuras para não desmerecer os deuses e os arcanjos. As veias movimentam o ressurgir do fôlego. Sem ele, a solidão nos coloca numa ordem dominada pela melancolia. Os olhos e os espelhos. Eu e os outros, nas travessias extensas, no colo das palavras. Espero a passagem da pandemia que nos atormenta, depois de turbulências fortes na saúde, que me

desanimaram. Tenho um livro pronto, para publicar, com os textos do *blog*. Quem sabe ainda neste ano. Ainda não está proibido abrir os olhos e festejar o horizonte azul, respirar com desejos abertos para a alegria. Viver é preciso. Enfim, dedico o texto aos netos (Pedro, João, Gabriel e Vinícius) e às netas (Laís e Luíza). Vou aprender com suas travessuras e ousadias.

The background of the entire page is a close-up photograph of water with numerous small, concentric ripples. The water is a deep blue color, and the ripples create a textured, shimmering effect across the surface.

PARTE II

ESCRITAS DO COTIDIANO
(CRÔNICAS)

Narrativas e histórias

As escritas das histórias, os ritmos do impossível

A escrita tem um ritmo. Não pense que a palavra não dança. Imagine. Ela está sempre viva, depende dos diálogos de quem a lê. É preciso não celebrar apatias quando as histórias estão sendo contadas. Quem se esconde, apaga o fogo da palavra. Portanto, é um erro desprezar seu movimento coletivo. Visitar Calvino, Mía, Paz, Drummond ajuda a compor seus ritmos. Um texto linear arruína o ânimo. A escrita se expande quando seu sentido coletivo cria recepções constantes. As leituras nunca devem ser únicas e solitárias. São incansáveis quando as palavras testemunham o inesperado da vida e a abertura da porta anuncia a possibilidade de não desfazer a coragem.

Cada desenho da escrita revela as saídas possíveis dos labirintos. Cabem escolhas para que as portas se abram. Os labirintos não possuem desenhos comuns. Lembram impasses, escuridões, mas as luzes podem aparecer. Nada é definitivo, as adivinhações espantam monotonias. O ritmo pede, às vezes, pressa. Há tristezas, olhares atentos. As

palavras são múltiplas nos seus significados. Nem todos conseguem compreendê-las. Muitos se perdem, menosprezam as ficções. Ditam exatidões que amortecem o desejo de ampliar espaços e viajar em tapetes mágicos.

Quem silencia nem sempre está ausente da escrita. Ela também faz suas moradias em lugares imprevisíveis. Nos sonhos, as escritas se reinventam, se vestem com alegorias. Ficam dúvidas. Não há escrita que esgote as histórias da vida. Surgem mundos que pareciam terminados ou mortos. Quem sente que as palavras não abandonam suas ousadias, se transforma. Cada minuto diz alguma coisa diferente, e o passado não sepultou todas as suas lembranças. Não há quem decrete o juízo final com certezas. As instabilidades são grandes; elas movem fatalidades e empurram o lixo para os abismos.

As brincadeiras retomam os mitos. Há sempre uma origem cogitada, um inconformismo que inquieta. Não é sem razão que as religiões não cessam de buscar o sagrado. Estão tontas diante de tecnologias que emudecem lendas e destronam deuses. A arte também sofre com as manipulações do mercado. Tudo se vende e se destrói. As escritas contabilizam números, inutilizam encantos, caem num ritmo mecânico. Não esqueça, porém, das brechas. Somos aventureiros do absoluto, com fragilidades inesgotáveis. Não sonegue o sangue que corre nas veias e se abraça com as palavras. Assim, a escrita foge dos pântanos e seus bordados arquitetarão os desenhos do circo que não se afundou para homenagear as alegrias. A metáfora torna a vida uma ilusão inexplicável.

A sociedade vive tensões programadas?

A figura de Moro ganhou espaços nas manchetes. Ele es-
corregou; sabe inventar histórias, mas se encontra numa
situação desagradável. A política cansa de repetir desgo-
vernos e assume medos de rompimentos radicais. Há quem
busque se mostrar amigo da neutralidade e se aproveita
dos fãs de redes sociais. Todos temos uma concepção de
mundo, optamos por valores, vivemos relações de poder.
Os devaneios fazem parte das histórias. Fingir não é fá-
cil, inquieta palavras, veste máscaras. Observe as danças
incríveis no circo das mensagens ditas fatais. Raivas que
parecem eleger dignidades. As dúvidas não adormecem e
se transferem para sentimentos obscuros.

As denúncias estão na crista da onda. Uma arena de
suspense se constrói com o reforço das manchetes e das
análises dos especialistas. A luta política não estranha as
armadilhas, os gritos, o óleo de peroba. Invento torcidas,
convive com jogo de vaías e aplausos. Talvez o abismo se

aprofunde com as intolerâncias crescentes. Quem sabe o caminho diante de tantas complexidades? A tecnologia provoca as razões instrumentais. Houve tramas, porém como esclarecê-las? As tensões invadem o cotidiano, como também as esquizofrenias que arrancam delírios familiares. Moro é ágil, joga para a plateia, fez curso para artes cênicas, precisa de textos mais seguros.

A política não é lugar de conversas sempre pacíficas. Resistem ao diálogo, querem silêncios servis. O assanhamento dos interesses não morre. Como negar a desigualdade e o privilégio? Existiu já um consenso que engrandeceu a convivência com flores divididas? Quem se esqueceu das perversões disfarçadas, das torturas nos governos totalitários, das bombas nas guerras mundiais, das falas mirabolantes de Jair? Ser animal social não significa eleger tranquilidades. A sociedade anda desenhando polêmicas, não abandona os pesadelos e gosta de fazer tremer os desesperos. Há quem se arrependa do passado sem revelar suas dores e suas síndromes. Conserva perdões íntimos.

O século xxi promete embates cheios de questões tresloucadas. Haverá namoros fortes com práticas fascistas, como também mudanças em comportamentos e valores considerados insuperáveis. Muito controle vai seguir cada passo da cidadania. A tecnologia não garantiu éticas sublimes, mas empurra para a banalidade. O embrulho é pesado. Basta olhar as controvérsias e as relações de poder. Como se organiza a Rússia? Quem é Trump? Quem concentra

privilégios com a globalização? A instabilidade habita cada cultura, imaginações flutuam e submergem. As ambições atacam e a moda comanda a forma de aparecer na vitrine. Portanto, cuidado com as luzes que cegam e com as escuridões que assassinam.

As travessias históricas do poder: diversidades

O poder não é solitário. Veste-se de relações. Possui seus dramas, mas avança pelo cotidiano. Não há sociedade sem choques, sobretudo de interesses e desejos de vingança. Criam-se utopias, prometem-se espaços de harmonia, mas as competições continuam deixando suas marcas. Nem toda relação de poder significa a saliência do mal. Na política, há quem jogue fora corrupções e arquitete projetos coletivos. Portanto, a complexidade existe, porque os valores se costuram e as tradições não são absolutas. Não há como remover instabilidades num mundo de desconfortos.

Lembre-se de Luís xiv. Pense na extensão do Império Romano, nas ambições de Hitler, nas astúcias de Vargas, nos colonizadores portugueses, nos exércitos dos países agressivos. Não faltam exemplos. Se há tempos em que a força física prevalece, em outros as sofisticacões disfarçam violências. Os anúncios consumistas divulgam fascínios que

mantêm relações de poder e trazem euforias fabricadas por especialistas. Analise as redes sociais. Não se empolgue com certas generosidades ou com declarações ditas neutras. Há quem puxe plateias; conheça as ondas do mercado e arme arapucas. O fascismo não se foi, apenas se redesenha nas suas invasões.

As relações sociais indicam que as multiplicidades aumentam. No entanto, a massificação banaliza e celebra a idiotização das pessoas. A tecnologia desfez preconceitos, mas também firmou manipulações. Nem todos conseguem estabelecer juízos críticos. Quem concentra poderes viaja por pântanos e agita fanatismos. Daí as grandes crises, a fragilização das utopias, a força da grana e do individualismo. A política se estrutura, muitas vezes, para consagrar o imediato e consolidar as minorias. É preciso estratégia e armar argumentos astuciosos. Não é fácil assegurar dominações.

Os significados mudam para mascarar permanências. Há golpes com novas formas de iludir. Sobram teorias, a sociedade se polariza, formam-se redes de poder. As amarguras ameaçam, os desamparos atingem os afetos, as relações de poder buscam configurações e identidades. Tudo se inquieta, mas os oportunismos estão presentes. Não esqueça que somos animais. Falam de racionalidades, de consensos, de imaginários. Muitas divagações estão acompanhadas de sofrimentos. O barco do poder pesa e nega ajuda aos mais próximos, quando exclui e massacra.

O inferno são os outros?

A convivência é fundamental. Alimenta a história, traz aprendizagens. Seria impossível haver uma solidão inatacável. A inquietude nos torna seres humanos envolvidos por aventuras. Ficar escondido mostra que a covardia impede a invenção e o ânimo de criar as sociabilidades. Não dá para apagar os espelhos. Como deixar de olhar para os olhos dos outros? Como naufragar sem gritar por socorro e receber ajuda? A convivência não existe sem as dúvidas. Surgem as dissonâncias, pois os conflitos e as diferenças não abandonaram a construção de cada época. Não é sem razão que existem inseguranças. Já se viu sem a embriaguez e dominado pela apatia?

As suspeições avisam que não somos seres acabados. Buscamos. Profetizamos. Desfazemos. A história não é resignação a destinos malditos. Sem o desejo de transformar, a desconfiança ganharia todos os espaços. Os outros nos

ameaçam e podem nos expulsar de seus territórios. Mas a multiplicidade nos acena para as curvas, os abismos, as calmarias, os desapegos. Portanto, nomear tudo é impossível. A ambiguidade está presente, não é apenas um maniqueísmo tolo que nos sustenta. Acusamos, mostramos violências. Elas intimidam. Ficam na memória. Quem esquece dos deuses do Olimpo? As intrigas viajam; estão guardadas nas memórias.

Os outros possuem seus projetos. Por que negar as discordâncias? A cultura sofisticada, transcende, porém não elimina comportamentos que habilitam injejas. Os fracassos se abraçam com as culpas e as identidades flutuam perdidas. Não é fácil arquitetar uma geometria sossegada, com visibilidade plena. Observe como Picasso desenhou, imaginou figuras, dançou com as cores e as formas. A convivência pede movimentos, apresenta pesadelos; daí os mitos, as fantasias, os infernos, os deuses enlouquecidos. Você sabe o que salvará o mundo?

Talvez tudo seja um grande delírio. As lacunas não param de nos assombrar. Há quem desista de elaborar respostas e morra na agonia das perguntas. Temos que navegar. As idas e as vindas surpreendem. Nada está definido. O sempre é uma palavra que evita certos resgastes. O tempo é desafio. Treme, se mascara, atíça. Os outros nos contemplam ou nos detestam? Parece estranho tantos quebra-cabeças. Lembre que as reações não são homogêneas. Imagine a sua ficção, o seu outro, seu abraço mais acolhedor. O caos e o cais formam um par eterno. Compreendê-lo é uma ousadia.

As utopias se arruinam ou se reinventam?

A busca do progresso fermentou projetos que prometiam felicidades eternizadas. Apostava, de forma articulada, que a sociedade fugiria das desigualdades. Acreditava-se numa grande revolução tecnológica. Houve euforias. Mas a ideologia do progresso pareceu frágil. Um festival de ilusões passou a desfilar e as explorações continuaram acontecendo. As falsificações mantinham divulgações nada saudáveis. A sociedade negava suas doenças mais agudas. As bombas atômicas alertaram para o peso de violência de uma crueldade assustadora. O stalinismo trouxe pânico. Muitos marxistas ficaram perplexos com os crimes, com as intolerâncias, com a sede de poder. Muitos liberais acenaram para o fim das utopias e cantaram o êxito da agilidade capitalista. Será que há lugar para mudanças bruscas, reformulação dos valores, paraísos de igualdades sublimes?

Dúvidas refizeram teorias, minaram partidos políticos, intimidaram rebeldes. Faltam olhares para o passado

e muitas profecias que encenam um futuro. As tecnologias ajudam o crescimento das riquezas concentradas. Não significam o reino do mal. Seria um erro destruir conquistas científicas, porém é preciso cuidado. O progresso manteve desgovernos. Arquitetou enganos no meio de uma sociedade repleta de fundamentalismo. Foge-se para o delírio das drogas; o desamparo se amplia, o velório dos sonhos ganha espaço junto com apocalipses radicais. Portanto, estamos na berlinda, atravessados de síndromes mortais. Não subestime o que parece mínimo. As ousadias surpreendem a quem se entregava ao fogo dos infernos.

Navegamos num barco de ruínas, sem mares parceiros, com estragos perversos e sereias que se foram para outros lugares. Não há, contudo, a morte da fantasia. Ela continua. Certas utopias se enfraqueceram. Voltam preconceitos, armadilhas danosas, governantes idiotizados pelo poder. Não analisar o passado é um escorregão que distorce alternativas. A crise não é uma cría da contemporaneidade. Visitaram as guerras religiosas na Europa? Lembram-se dos colonialismos modernos? O militarismo romano não dizimou culturas? O Iluminismo sacudiu pensamentos, o Romantismo tocou na sensibilidade, os anarquistas celebraram a força da autonomia. Houve agonias e respostas. Não cessaram as ambigüidades, nem os trapézios astuciosos.

As reinvenções não desapareceram. Não há história sem buscas, mesmo que as intrigas inibam convivências amistosas e o terrorismo invada cotidianos. Permanências

e mudanças devem ser avaliadas. A história não é uma travessia linear. Quem não se dá conta dos labirintos? Pinochet abalou a política que defendia o socialismo e lutava pela divisão das conquistas materiais. Não esqueçam de Freud, Picasso, Chaplin, Mia Couto... Se as crises inquietam e destronam otimismo, a capacidade de transcendê-las não desapareceu. O astral se encontra sobrevivendo, penosamente, e pulando abismos. Há ruínas. Elas não se firmam como absolutas. Há insatisfações e desejos. O desafio é suportar as contradições e compreender o saber da solidariedade que não se desfaz. Há ilhas e necessidade de ocupá-las, desde que a intolerância sucumba.

A palavra: seus enganos e suas cortinas

O mundo está repleto de imagens. É preciso compreendê-las. Quem as despreza se sente fora das espertezas do cotidiano. Mas tudo é confuso, pois os significados não cessam de usar disfarces. Não esqueça que as palavras ainda criam cortinas de fumaça. Não se iluda. As controvérsias existem, não há homogeneidade; as balanças pesam desigualdades, pois as saídas mostram desertos e as minorias continuam assanhando privilégios. As palavras possuem poderes, perturbam, atizam ingenuidades. Fugindo da autonomia, grupos sociais elegem porta-vozes e aplaudem sandices. Há um sagrado que se mantém para anular as críticas e fechar as portas.

Mas existem espetáculos em toda parte. Toda uma cronologia de datas que assinalam comemorações. Surgem palavras que procuram assegurar festividades. Falam de felicidade como se ela estivesse na praça vizinha ao mercado

mais agitado. As palavras adoecem, se intimidam, ficam sem sangue. Quantas vezes se repete que o mundo ganha novidades. Meras chantagens comerciais! Será que elas sobrevivem? Já ouviram os ruídos de quem se diz democrata e/ou outros que confessam amor pelo próximo? Eles permanecem e ampliam a cobrança de dízimos.

Há desperdícios. As farmácias juntam dicionários de saúde. Estão vendendo alternativas para tudo. As bulas lembram orações misteriosas. Observem as batas brancas, os perfumes, as gentilezas. Tudo tem um nome e aprisiona desejos. Portanto, as palavras estão escravas das espertezas dos negócios. Valem grana, atraem. Italo Calvino afirmou que não existe linguagem sem engano. Foi generoso, pois se esqueceu das tramas do capitalismo e das aberturas para multiplicar mentiras. Tudo gira como uma máquina apavorada. O medo não se ausentou.

Não é sem razão que muitos se acomodam. Compram uma poltrona, enchem a boca de sorvete e ligam as TVs. Deixam as imagens soltas e as atmosferas de fantasias sem restrições puxarem seus olhos. Cochilam, se iludem, chamam por sonhos. Difícil é dialogar, inventar reflexões, entender as multiplicidades. A massificação possui limites e pretensões imensas. Aliena com sutilezas e dubiedades. As palavras se apequenam, servem aos dominantes de forma estreita e mesquinha. A sociedade não ultrapassa seus lugares-comuns. Não sabe o tamanho da sua mudez oculta e o perigo de delírios fabricados.

O peso das utopias revolucionárias

As frustrações políticas trazem tensões. Busca-se inventar um messias ou se cai em populismos infantilizados. A sociedade vive momento de desequilíbrios dantescos. Não se estimula o diálogo, mas a intriga e a festa irresponsável nas redes sociais. Há perplexidades, pois não se discute o tamanho das mentiras. As palavras pesadas são utilizadas por governistas com administrações fragilizadas. Espera-se por um milagre? O esvaziamento intelectual é grande ou fabricado para causar negatividade? Tudo isso desperta memórias. Muita gente se esquece das singularidades do nosso tempo. Acendem utopias, apagam autoritarismos do passado como se houvesse paraísos no juízo final.

Ninguém pode anular a importância das revoluções modernas. Movimentaram novas ideias, agitaram desejo de transformar valores, cortaram preconceitos. Não houve, porém, continuidades que afirmaram definições solidárias.

Promessas de socialismo se burocratizaram. Amargamos totalitarismos violentos, enquanto se esperava a liberdade. Quem não se lembra das mortes nas guerras mundiais? Os imperialismos não se foram. Stalin ajudou, de forma clara, a derrotar o nazismo, porém a União Soviética conviveu com opressões epidêmicas. Portanto, sonhos se desfizeram e pessimismos se firmaram.

Hoje, o capitalismo se amplia, arma-se de sofisticações, conta com anúncios de felicidade promovidos pelos projetos de parte da imprensa. Fala-se numa reforma mágica, sem mostrar suas ligações com a concentração da riqueza. A revolução ganhou o território da nostalgia. Na prática, as sociabilidades atuais terminam amassando qualquer mudança solidária. A sociedade das massas delirantes se inquieta nas promoções comerciais. Elegem o reino da mercadoria. O reforço ao individualismo está em todas as esquinas e desfaz articulações sociais. Passividades vestem comportamentos e escolhemos lideranças para nos proteger, totalmente desconectadas. Tropeçamos, muitas vezes involuntariamente.

O limite está dado. Nunca a história passou por impasses tão drásticos, apesar da multiplicidade de invenções, das inúmeras descobertas científicas, das rebeldias que tentam furar as portas da desigualdade. Não é sem razão que o número de suicídios aumenta e as terapias alternativas se expandem e ampliam seus jogos de saberes. Mas há estragos que intimidam a coragem, soltam atmosferas nubladas,

deprimem. Será que há destinos que nos condenam a não fugir dos labirintos? Para alcançar outros tempos, a história precisa de navegar, talvez, em turbulências. O futuro não deixa de acenar com enigmas. Inquieta.

A história constrói o inesperado

Os mistérios que cercam nossa vida nos incomodam. É uma afirmação talvez absoluta e pouco crítica. Há quem não se ligue nas dúvidas e sorria diante das questões. Os que acreditam numa vida eterna possuem outra respiração. Há sempre o que dizer, pois a história não se esgota. O diferente aparece; uns observam, outros preferem se esconder. A massificação invade a cultura contemporânea com a ajuda dos meios de comunicação. A mesmice banaliza e idiotiza. No entanto, as surpresas são frequentes. Há quem esperte, sinta as dificuldades e pule do seu abismo. As teorias não dão conta de tantas acrobacias. Os saberes dialogam com ânimo diante de lacunas. Frustram-se, buscam movimento, empolgam acadêmicos, mas a sociedade não se cansa de visualizar ambigüidades.

Quando viajamos pela literatura, há um certo deslumbramento. Convivemos com a imaginação. Não esqueçam

Italo Calvino, Paz, Kafka, Baudelaire... Muitos se adiantam, formulam profecias, anunciam desastres e almejam realizar sonhos. O peso da incompletude traz possibilidades de não se fixar numa vida medíocre. A cultura é invenção, temos que soltar as amarras das neuroses cotidianas. Porém, é preciso não desconhecer as fragilidades. A razão não é senhora da verdade e a história não foge das permanências. Narciso ficou perplexo com sua beleza. É um mito. Será que não podemos encontrá-lo no comício de políticos salvadores da pátria? Quem será?

Os historiadores procuram acervos, sacodem a poeira, consultam pronunciamentos, cartas, discursos oficiais, provocam polêmicas. Os recursos tecnológicos abalaram certezas, no entanto abriram espaço para interpretações inusitadas. As experiências se modificam. Existiram Marx e Freud. Foucault consegue atrair debates fundamentais. Lacan desmontou reflexões antes consolidadas. Muitos abalos convivendo com manipulações profundas. Alegrias e tristezas, violências e afetividades, ambições e desgovernos. O mundo não tem uma forma definida e a história não é escrava do juízo final. Voltamos ao passado, notamos semelhanças. Festejamos as descobertas, lamentamos as ruínas. A sensibilidade anda pela história desafiando quem celebra o lugar-comum.

É preciso fôlego e cuidado com as idolatrias. As ciências prometem longas existências. Há quem se solte nas magias e se sinta um deus de carne e osso. A história é o território do

inesperado. Quem para é atropelado. Surgirão novas teorias, fases niilistas assumirão controles, ameaças de genocídio são constantes. Não uma fórmula para encerrar a aventura humana. As portas estão abertas, contudo os dismantelos não se foram. Luzes e sombras dançam nas atmosferas. Há instantes de sentimentos admiráveis e outros de armadilhas lamacentas. Escrever desenha geometrias para compreender as curvas dos mistérios. É um divertimento ou uma alucinação? As relações respondem a carências e espantam dores profundas. No entanto, elas possuem o vírus da ambiguidade. O inacabado nos abraça e atica o imaginário.

Somos aprendizes da história e do mistério

Quem se esquece das travessias malsucedidas não está preparado para as surpresas. O mito do paraíso é agradável. Deixa um espaço para o sonho. No entanto, a história não é homogênea. Fico traumatizado quando me lembro das guerras, dos refugiados, dos assassinatos políticos, da riqueza concentrada. Embora haja leis, os limites são derrubados. Há as competições nada lúdicas. A fúria da vitória existe. Nem todos se curvam diante da agressividade, denunciam e resistem. Mas observe os séculos vividos. Lá estão os genocídios, as intolerâncias, as armadilhas perversas. Portanto, esperar que tudo se componha é uma amargura desnecessária. E nós?

Nem sempre aqueles que estão próximos prometem afetos. Há arrogâncias que se formam com saberes e a promessa de ser vitrine se expande. Estamos numa eleição tensa. Os sustos são grandes, pois os gritos de dor atravessam o cotidiano. Não sei a rota de tanta mentira. Imagine que a

palavra da moda é *fake*! Há esquemas de fabricação de notícias que desafiam os mais espertos. Não se amedrontem. A história não possui ponto final, as reviravoltas acontecem, a sociedade busca sempre o diferente ou se congela. Negue a ilusão de que a sociedade de consumo dialoga com a felicidade. O *fake* é parceiro da industrialização da tecnologia do cinismo; formou um fã-clubê fanático.

O dualismo volta, o extremo ameaça, muitos se enganam com o novo. Torna-se quase impossível construir argumentos diante de dogmas consolidados. Esse é o ritmo da atualidade. A religião investe na política, muitos se escondem numa falsa neutralidade. No descompromisso. Fundam o riso da sabedoria especial. Pouco se importam com as tragédias do Jair. Ninguém está sozinho, os meios de comunicação garantem companhia. Se elas são medíocres, a questão é outra. O que vale é o egocentrismo, o sucesso do raciocínio que me faz especial. Assim, segue a lógica de muitos, fugindo e consolado com a fuga.

Instalam-se as siglas, os horrores, a negação de um passado. Era inocente e não sabia. Agora amadureci e desejo o supremo prazer. Que os outros me olhem com admiração. Nem todos opositores são fascistas, mas quem efetivamente se disfarça de fascista para poder justificar seus atos políticos? A história nos faz aprendizes, porém renunciemos aos ensinamentos. Temos o direito de inventar e empurrar as tristezas para debaixo do travesseiro. Quem usa o mesmo espelho? Se alguém comprou alguma certeza, que a coloque

no mercado. O Facebook oferece oportunidades inusitadas, mesmo que as dificuldades não firmem o nosso reinado. Rei morto, rei posto.

O descaso com a história

Há um certo desprezo pela história. Sente-se uma preguiça, um desconforto em falar de suas próprias histórias. Os meios de comunicação gostam de escândalos e denúncias. Não aprofundam. Promovem viagens curtas que não dialogam com a memória. É preciso criar contrapontos. Quando se deixa o passado de lado e vive-se o agora com muito entusiasmo, existe algo de torto no mundo. O imediato não deve ser sacralizado. Apagar as tradições é um erro. Elas merecem debates e conexões com os acontecimentos recentes.

Portanto, a história pede reflexão. Não é uma acumulação de fatos. Quem não a conhece, corre o risco de cair num abismo escuro e ficar fora das compreensões que ajudam a mudar o mundo. O excesso de tecnologia encanta, fermenta o consumo. Não seria importante saber a razão de tantos louvores aos celulares, computadores, carros? Seguir a trilha construída traz esclarecimento, modifica a sensibilidade, descongela teorias. O historiador desconfia,

busca confrontos entre as fontes, socializa caminhos, aumenta a capacidade de visualizar o múltiplo.

Quando se esconde alguma coisa, a política se tensiona. A História não é neutra. As relações de poder atuam, articulam controvérsias. Não é necessário ser acadêmico para contar a História. Assista ao filme de Tim Burton, *Peixe grande*, e observe as fantasias, os sonhos, os movimentos dos afetos. Tudo isso é História. Não fique paralisado. Inútil é a apatia, a falta de motivação, a escolha por um pessimismo avassalador. Nunca teremos um paraíso. Evitar certos descontroles é possível. Nascemos incompletos, porém inventamos a cultura e a rebeldia.

Apagar a história é uma tragédia. Há exemplos práticos na imprensa, nas universidades, nos confrontos familiares. A História nos acompanha. Somos seres que desejam, que se enganam, que perdem a lucidez; contudo, cada ato tem sua forma de se apresentar. Ninguém escapa das diferenças. Não aposte numa melancolia sem saída. Quem conta sua história inquieta os outros, assombra quem se nega a esticar suas aspirações. Afastar-se de si mesmo é uma renúncia perigosa.

As celebrações da vida: o aqui e o agora

Ninguém nega que o tempo passa. O mais difícil é saber a sua velocidade ou se ele pode ter alguma definição. Jogamos com o passado e o futuro, visualizamos distâncias, mas as incertezas não se apagam. A multiplicidade das interpretações nos deixam atordoados. Não há transparências, mas existe a contínua rapidez de misturas. O aqui e o agora nos aprisionam. O mundo chama para escutar suas dissonâncias, sem abandonar seus truques de harmonias programadas. Formam-se transtornos, desavenças, num calendário que exige mudanças sem apontar o sentido da vida.

Temos que navegar. O porto seguro talvez esteja num lugar a ser descoberto. Muitas histórias pelos mares interiores e os atos falhos lembram as teorias freudianas. Somos animais que não dispensam explicações, buscamos ritos e durações que limitem nossas inquietações. Porém, a navegação não possui uma cartografia definida. Há mares com

cantos de sereias, outros com tempestades frequentes. E as embarcações? Quem as inventa? Quem as afunda? O tempo não se vai sem atizar perguntas, sem fabricar mitos e pedir que os sonhos habitem lugares inalcançáveis.

Montamos um calendário para dialogar com as mensagens que se transformam em minutos. Estamos longe dos telefones pesados e lentos. As redes sociais não cessam de produzir informações. As verdades sofrem ataques constantes. Quem nos domina? Quem nos quer como servos? Qual é a ordem que mantém a soberania dos cinísmos? Não adianta se queixar. Na esquina, alguém grita oferecendo benefícios. Nos jornais, os políticos se digladiam e as pessoas suplicam por afetos disfarçados em corpos sarados. Fazer uma leitura do que acontece perturba e não esclarece.

As celebrações da vida tomam rumos da história que serão contados com outras escritas ou marcadas pelos desencantos de memórias. Quem adivinha que as rebeldias se estraguem e as máquinas comandem uma apatia sem fim? As tecnologias prometem espaços de convivência diferentes, no entanto não delimitam as aventuras dos sentimentos. Valoriza-se a quantidade. O calendário tem obscuridades. O ontem pode ser riscado e a vida talvez seja aprisionada pelo agora. O controle é estudado como uma forma de consolidar poderes e não eliminar privilégios.

Não desconheça a história, nem a mentira

Estamos numa travessia que parece não ter fim. Não é a primeira vez. Adão e Eva não ficaram acomodados quando desobedeceram às ordens divinas. A questão do pecado e da culpa é antiga, já vive dias de ruínas e desacertos. No entanto, não acredite que as religiões estão fulminadas. Elas prosseguem buscando adeptos e escolhendo salvaçãoes. São ardilosas, não optam mais por meditações. Gostam de ruídos, televisões, templos ricos, política e condenar os que defendem mudanças nos costumes. Não sei que transformações acontecerão. Vejo abismos, não consigo construir utopias e os sonhos estão de férias. Uma confusão nos valores distorce sentimentos. As raivas e as violências não cessam.

Nunca esquecer os balanços da memória é fundamental. O progresso não é visível. Os conhecimentos esclarecem, mas também consagram dominações. Preconceitos são retomados e ordens são revistas. Por isso, desconfie da ideia que o tempo é linear e existe uma escada que nos leva aos

céus. Não deixe de lembrar que há pessoas que possuem bilhões e outras que se perdem nas ruas da cidade. Somos animais sociais. É sempre importante resistir ou mostrar que a sociabilidade necessita de convivência, de afeto, de olhares coletivos. Construir a história é abrir possibilidade de reforçar o coletivo e não desejar destruir culturas.

Renegue o destino. Não temos vida determinada por um tempo exato. Apesar dos descontroles, não há uma natureza fixa. Há identidades que se multiplicam, que dialogam com o futuro e o passado. Vamos inventando, mergulhados em surpresas. A tragédia se move, os exílios são comuns, porém não custa avistar uma luz que parece tardia. Talvez a história seja um grande jogo ou uma brincadeira. Quem sabe? As dúvidas não se vão. Descartes, Freud, Hannah, Marcuse, Deleuze e tantos outros especularam. A resposta que sossega navega por mares anônimos.

A sensação de perda não é novidade. Aparecem acrobacias, os cansaços se escondem, mas de repente o fogo volta agitando os desejos. Os desequilíbrios nos tocam e nos acendem. A história nos acompanha, somos seus mensageiros e seus escribas. Portanto, mesmo que o desespero se espante, não custa refletir, imaginar que os fracassos não estão consumados. Por que se calar e achar que o fim está próximo? O desejo de gritar limpa o coração e solta as tristezas. As incertezas vestem as travessias. As perguntas trazem aflições. Será que a história não foi assim desde os seus primórdios? Não se engane, a mentira é um produto da cultura, não voa sozinha.

Você se lembra da história ou ela não existe?

Há tantas polêmicas que surge a embriaguez de palavras. Todos possuem especializações em alguma coisa. Entrevistas são dadas, surgem *fakes*, o passado sofre ataques, inventam-se escândalos e agonias. As questões abundam e confundem, a sociedade se vê diante de uma eleição surpreendente. Não há como defini-la; valem a esperteza, o jogo da mentira, a vontade de exercitar o deboche. Portanto, a reflexão desce, passeia nos pântanos, se esconde no abismo. Os conceitos rendem manchetes de leitores soltos na construção de desgovernos.

Não custa perguntar pela história. Ela está ameaçada. Não desejo legitimar uma única verdade. Isso leva ao totalitarismo. Interpretar traz a multiplicidade e mostra as diferenças. O pior é que se alertam para os comunismos, as agressividades fascistas, as astúcias do Estado, sem cuidado e com cinismo. É preciso denunciar, mas é preciso lembrar

que não há neutralidade. Se falo de democracia, de que lado estou? Estou me referindo a Mandela ou vejo as lutas feitas na Espanha de Franco? Por que consideramos os Estados Unidos tão democráticos? O que esquecemos?

Controlar o discurso e transformá-lo numa verdade é uma arma permanente. A sociedade fabrica ilusões. Nem tudo pode ser provado. Se registro episódios das guerras mundiais, a quem devo consultar? Há os extremos. Será que a versão de Stalin demonstra as manobras mais importantes? Será que Hitler escorregou nas suas estratégias? Não faltam divagações. Hitler sonhava dominar o mundo, tinha planos gigantescos. Stalin se atravessou no seu caminho, interrompeu suas megalomanias. No entanto, é sempre bom colocar as versões, não anular os interesses, observar as semelhanças, não mistificar.

Uma história que não consulta a memória sucumbe em diagnósticos oportunistas. Quando a política pragmática toma a cena, é necessário sacudir preconceitos e recordar que estamos numa sociedade cheia de buracos fatais. As eleições se dão numa sociedade que exalta a propaganda. Quem consegue viver sem consumir? Os negócios armam emboscadas. Portanto, dialogar com a história ajuda a esclarecer. Nada de declarar que há verdades insuperáveis. A desconfiança inquieta, a crítica é saudável. No momento, a política se ajusta com a religião. Por quê? Será que o *eu penso, logo existo*, se foi? Luzes e sombras se amam em noites de luar.

Levitações afetivas e memórias

Dos amores e das paixões: o mundo se desenha

Quem acredita em desenhos fixos? O mundo se refaz, embora não deixe de manter valores e buscar sentimentos do passado. O amanhã nem sempre é outro dia, pois há cotidianos ferozes que machucam as memórias. O tempo não pode ser definido com escritas marcadas. Há infernos agonizantes e paraísos que nunca chegam. Tudo possui complexidade. Configuram-se labirintos que fecham as portas para as paixões e acreditam que amores salvarão os passados mal resolvidos. Portanto, não se acanhe se tiver visões estranhas e se a chuva apagar todos os vestígios. Há moradias abertas para renascer o que parecia sepultado.

Os poetas sentem falta de muita coisa. O mundo apressado traz recordações apressadas. Como se agarrar aos amores se a rapidez exige reflexões e nega as magias? As escritas se debruçam em relatórios, com palavras pálidas. Os poetas lamentam a morte de um inesperado que criava

encantos. As tecnologias garantem lucros, mas empurram códigos. A mesmice não tem conexão com a poesia e termina confundindo os sentimentos. As paixões ganham cores violentas que ocupam imagens pesadas. Assim seguem manchetes que buscam assassinar as histórias.

É um desafio compreender os cercos que a vida monta. Não há como consolidar lembranças para aliviar as frustrações do presente. Valem as redes do trabalho, os interesses em grandes eventos, a ausências de sinceridade. Todos pensam que os fantasmas estão escondidos nos casarões coloniais. Porém, não custa observar as ruínas que se vestem de novidades. O amor aparece nas telas dos cinemas e os psicanalistas tentam salvar as neuroses mais estranhas. Resta contar sobre o mundo que ainda não nasceu. Já leu Mía Couto e conversou com as ousadias de cada personagem? Não se lança nas fantasias?

Se a sociedade se abraça com a velocidade, anula sentimentos e se diverte com os impulsos. Nada há de seguro, nem os deuses conseguem sair dos templos lucrativos dos pastores astuciosos. O mundo gira, nós sabemos medir certas loucuras, contudo o medo não se vai de quem desqualifica as diferenças e entra no mercado cheio de vitrines. É muito comum dialogar com os espelhos, anunciar êxitos nas redes sociais. O capitalismo inquieta simpatias e espalha epidemias de acumulação. O perigo é transformar o amor numa imensa contabilidade e navegar nos delírios constantes das paixões.

Não se compra o afeto nem se corta o corpo

Nos avessos do mundo, a vida corre, sem muita definição e com incertezas. Há estrelas apaixonadas, no firmamento, que conseguem firmar seus brilhos. Há travessias cheias de pântanos que assustam as crianças perdidas. Não pense que existe algo estático. O mundo pede movimento, mesmo quando o cansaço derruba o corpo. Talvez a morte evite balanços. Nada é garantia de nada. A sociedade quer vender tudo, mas esquece que as falsificações não consolidam todos os espaços. A desconfiança ajuda a não se defender das calúnias e a ler os significados da intuição.

Se tudo é mercadoria, temos que escapar, escutar a rebeldia e nos negar aos chamados da servidão voluntária. O afeto não deve ser uma mercadoria. Ele não tem dia marcado para multiplicar sentimentos. O capitalismo não sossega enquanto não fragmentar cada pedaço do mundo. Não desista. Há vestígios, memórias, mitos. Nem tudo está

completo e a imaginação não se apagou. Não corte seu corpo com raiva do inimigo nem considere no espelho a imagem mais nítida. A ciência veio, também, para confundir. Trouxe razões feiticeiras.

Desenhe seus sonhos, porque não é proibido sonhar. As regras enchem o mundo de burocracia, porém a indefinição deixa lugares de invenção. O abraço não deve ser frio, como cumprimento acidental. O corpo exige calor, para se livrar dos estranhamentos visitantes da vida. Os descuidos são constantes, a lucidez sempre volta e as paixões estão nas esquinas do coração. Quem nega que no corpo se fixam afetos ou se desmancham ousadias? Portanto, escreve-se para impedir o falecimento do mundo, salvar as estrelas, debater com os medos.

A história é a presença. Contempla o tempo, sem anular as perguntas. É um engano destratar o movimento, congelar a depressão para oprimir o ânimo. Saltar o momento transcende as mortes anunciadas. Por isso, a história se vai, planeja o impossível, desafia a lei da gravidade. Freud observou as neuroses, as infantilizações, as dificuldades de dividir o afeto. Converse com ele. A ligação com o outro não abandona as dúvidas. O sentir tenta superar as tecnologias positivas, exaltadas como salvação. Seu corpo possui vias de sangue e não alimenta chips. Não se despedace.

Construir as histórias, inventar as culturas, costurar a dignidade

A memória nos traz o movimento da vida. Pode reforçar nostalgias, se desencontrar com os acontecimentos. Ela é seletiva, não se deixa seduzir pela linearidade. Lembra e esquece. Não é simples, e ajuda a construir sentimentos. Portanto, não há como pensar a história sem a companhia da memória. Temos que olhar o fazer, o desmontar, o desconstruir. Apaga o ânimo da vida quem adormece em repetições e nunca acena para futuro. Morre em projetos cheios de poeira do passado. Tudo isso arquiteta culturas, fundamenta valores, desafia as ousadias. Como reinventar e não cair nos abismos? Como propagar a crítica e não se sentir inútil?

Quando o passado se mostra, ampliamos a compreensão do presente e superamos certas incertezas. Há perturbações recentes que apenas reproduzem ressentimentos. Há quem tenha silenciado, mas mantido seus preconceitos e seus ódios. O momento atual revela que existem polarizações

que não se foram, que idiotizam e desqualificam. As culturas se multiplicaram; no entanto, as permanências avisam que incômodos não se anularam: estão escondidos. O ser humano é indefinível. Não é à toa que o inesperado toma conta das notícias. É difícil prever, atizar o novo, quando as dualidades seguram seus lugares nos poderes. O vício da fragmentação se estica e as falas tortas empurram para o pântano.

Assumiu-se uma ideologia progressista que não consegue ir adiante. Engana e mascara planejamentos antigos, escravizantes. Não se vive sem utopias. Volta-se sempre para celebrar a democracia. É o reino do pragmatismo, pois a desigualdade se espalha e os conflitos são cotidianos. Como pensar em consensos? Como desarmar as vinganças? As mortes consagram armadilhas. A suspeição se apresenta, sem querer pacto com o sossego. Num mundo repleto de tecnologias e indústrias poderosas, as tensões parecem reviver guerras superadas. Há sociabilidades ameaçadas pelas certezas de que a grana salvará o mundo. Maquiavel ressuscita como auxiliar de governantes atordoados.

Fala-se do medieval, denuncia-se os dissabores das colonizações modernas, massacram-se saberes. Mas como está a vida contemporânea? Há instrumento de pacificação ou registra-se um desfazer de culturas? E as hostilidades, o culto à violência, as disputas religiosas? Será que a história tem o caminho da salvação? Os mecanismos de manipulação continuam ativos e sofisticados. Muitas imagens, divertimentos alienantes, seriados para esticar a insônia. Não

é lucido nomear épocas de paraísos. As contradições se afirmam, apesar das terapias e dos protestos. Silenciar não deixa de ser um perigo. Há elegias e recitais em cada esquina e multidões pisando no asfalto incendiário. Não adianta conhecer o resumo das idiotices soltas. Eles deprimem.

A memória não se aquieta

Fico pensando nas coisas que aparecem e depois se vão. Há teorias efêmeras, outras fazem sucesso e se fixam como decifradores das histórias. Portanto, a moda acompanha as trajetórias. Nem sempre é a qualidade que dita os rumos. Tudo tem uma complexidade que só aumenta. Muitas culturas se confrontando, muitas tradições sendo ameaçadas pela globalização. O debate sobre a memória assume um lugar especial. Quem lê, sabe que a memória está presente em quase todas as páginas. Na academia, é assunto polêmico, mas curtido. Surgem as perguntas, as travessias intelectuais, as rivalidades. Quem vou citar: Rancière, Foucault, Castoriadis, Freud?

Na vida, as lembranças nos colocam nostalgias incríveis. Uma conversa traz tempos que pareciam perdidos. Uma aventura de idas e vindas assustadoras e lúdicas. O passado é muito misturado. Há relações escondidas e um inconsciente misterioso. De repente, as cores se desbotam e uma carnaval de paixão antiga se desmancha. A memória

brinca, seleciona, distrai. Esquecer tudo é impossível. Há relações nada animadoras que se mantêm. Sou avisado sobre escorregões que levei. E os amores que se esgotaram? E as tristezas que não se foram?

O eu se inquieta. Muitas acrobacias atizam cada sentimento da vida. Os objetos são tocados, mostram vestígios. Ficam marcas, pois os afetos não são simples. Aquela camisa vermelha, aquele romance de Mia Couto, aquela menina travessa. Conceituar a memória não resolve. Quem escreve assume perigo quando formula saídas para definir situações. Há quem confunda, há quem estique sua fantasia, há quem apenas festeje as intrigas mais famosas. Não existem certezas absolutas, porém sem memória a história se arruína. Qual a estrada? Qual a encruzilhada? Qual o corpo? Qual a fascinação? Quem delira? E o perfume que se instalou no lenço azul?

Escuto quem se lança nas recordações. Sei que há terras para desenhar labirintos. Observo que a lucidez também é um jogo. As regras estão no mundo. Posso simplificar: a memória é uma dança que envolve o esquecer e o lembrar. Quando ela se veste para viver o drama de um tango? Deixar as perguntas flutuarem movimenta os projetos. Será que eles se impõem? Cultivar o vazio é renunciar às andanças necessárias para inventar o mundo. As palavras ajudam a multiplicar os significados. Por que se afogar nas aflições? O ponto-final incomoda. Mas o cais está iluminado, há barcos quebrados, velas rasgadas, ruídos vibrantes. A memória é uma navegação abraçada ao passado?

As memórias assanham dores ou escondem trapaças?

As interpretações históricas atizam reflexões. Não são uniformes. Multiplicam as fantasias ou requerem cuidados com a objetividade. Um debate complexo que nos remete a muitas armadilhas. Quem consegue abraçar os sentimentos que andam pelos nossos corações? Quem critica as ações totalitárias? Quem celebra as rebeldias como encantamentos superiores? Não há como definir as certezas e congelá-las. A busca da verdade incomoda, merece análise, inquieta e sacode a experiência. Hoje, vivemos cercados de dúvidas, porém mecanismos de manipulação existem, de forma quase opressiva. Produzem perplexidades, confundem lembranças, refazem enganos.

Atravessar a história sem observar as ambiguidades é um grande escorregão. Nada indica que houve sossegos perenes e dádivas indiscutíveis. Freud se assustou com a violência humana, Marcuse tentou saídas para nos livrar da unidimensionalidade e Adorno se frustrou com

os genocídios arrasadores. As mudanças esperadas não aconteceram, fecharam as portas da liberdade e inventaram censuras abrangentes. Fica a angústia de não compreender as razões de cinismos tão frequentes. Consulta-se a memória. As dores se formam e os pesadelos convergem para as distopias.

A história continua, com balas e governos de privilégios. Não há expectativa de desarrumar as violências, de acabar com a miséria ou de refazer as aventuras tristes dos refugiados. Temos que manter os afetos próximos, conversar, imaginar. Se entregar ao desespero não resolve. O absurdo não se apaga. Ha quem justifique a ação das milícias e quem se ache dono de poderes inacabáveis. Para isso, os disfarces sempre se ampliam. Observem como a imprensa se comporta, desfaçam os sensacionalismos e não apaguem a força dos interesses. Há enigmas treinados e mesquinhos. Os desejos são múltiplos, nunca serão decifrados de forma absoluta. A incompletude é ninho que desampara.

O jogo da memória é ousado. Quem o domina não deixa vazio para criar argumentos que empurram para um abismo sofisticado. Mesmo que a obscuridade permaneça, quem domina sabe da importância de controlar as emoções. O sistema de propaganda e anúncios é gigantesco, adoece as memórias. Chegam as depressões, as bipolaridades, o medo de enfrentar uma noite na rua. Refletir não significa que a moradia da história é um lixo, mas é preciso lançar suspeitas, não fixar regras inabaláveis. Perpetuar espertezas?

Fragilizar sonhos? Nunca se atrapalhe, pois as perguntas não cessam. A construção da história é inquieta como a rebeldia de Prometeu. Não anula as esquizofrenias soltas no mundo.

A memória manipulada: a perda do amanhã?

Não há como negar que, no mundo das informações, as notícias se multiplicam de forma assustadora. Desfilam versões que defendem astúcias armadas ou se inventam ídolos programados. O conceito de verdade, aliás, se estraga. Vale o sensacionalismo. Há assuntos que atraem e investem na possível nudez da vida privada. O compromisso com as provas não aparece, pois o espetáculo cultiva o efêmero. O importante é criar uma atmosfera que sustente novidades. Os jornais passam por uma situação difícil, e se comportam como desgastados partidos políticos, tentando fugir de uma falência anunciada.

Tudo fica confuso, pois a memória é desmontada. Não é sem razão. Muitos afirmam que Hitler era um socialista e Franco um grande defensor dos valores democráticos. A mistura não se esgota fácil. Os crimes religiosos são esquecidos, santificam-se figuras que mentem com habilidade. A

sociedade se agita e nem se preocupa em se responsabilizar pela canalhice. Quer o dinheiro solto, apesar das denúncias e do repúdio dos rebeldes. A história é crucificada e Cristo se torna um astro. Mas o que foi que ele trouxe para o debate histórico: o luxo ou a luta?

Entra ano, sai ano. O ritmo dos calendários gosta de burocracia. Continuam as violências, surgem políticos trapalhões, os Estados Unidos assanham suas ordens, a violência enche o cofre das milícias, os fogos assumem brilhos estonteantes. Há solidariedades, objetos são arrecadados, roupas, alimentos. No entanto, não se toca na estrutura, e os refugiados seguem suas aventuras nada dignas. Arruinar a memória é não observar que há lixos e que eles estão podres. Vocês acham que as revoluções só sinalizaram com generosidades? O que significa se congelar no agora? Cabe respirar para não se sufocar no pessimismo e consagrar a tragédia que se arrasta desde os tempos mais remotos.

O capital possui poder de sedução. Seus admiradores ficam perplexos com tantas especializações e correm para consumir. Quem ganha é uma minoria. Os monopólios não se vão e teorias justificam as desigualdades. Portanto, os dominantes reforçam seus lugares, desprezam certos problemas, usam de artimanhas sem limites. Conseguem o riso das hienas eletrônicas. A história não tem sentido determinado. É uma invenção humana. Seu peso depende dos projetos elaborados, das ousadias e dos interesses. Tudo

passa pelo coletivo, se ele buscar contrapontos e se descolar da aflição. Será que amanhã não será outro dia? Depende de quem sacudir fora a principal máscara. Os esqueletos também se movem e dançam com os ruídos resistentes.

Memórias políticas, redefinições históricas

Lembro-me de março de 1964. Era ainda muito pequeno para compreender o buraco que estava se abrindo. Mas observava frustrações, vinganças, desejos de manipulação e violências. A sociedade dividida, as radicalidades mirando as negociações. Havia perplexidades e, como sempre, ideias salvacionistas. Muitos falavam em uma revolução que transformaria o Brasil. Foi um movimento múltiplo, e não uma rebelião isolada de militares conservadores. As histerias, os boatos, as perseguições, as palavras de ordem nacionalistas ganhavam espaços.

Depois, chegaram os dissabores agudos. O autoritarismo não resolvia os grandes impasses. A sociedade exigia respostas, se aborrecia com a inflação, se sentia oprimida. Nas ruas, expressava descontentamento. Lideranças se formavam e os donos do poder perdiam força. Voltaram as eleições diretas. Ressurgiram projetos políticos, a busca por outros caminhos animava boa parte da população. Novas

atmosferas definiam a estruturação de partidos e os debates esclareciam contradições. A política gira com a história, movimenta-se, descontrola-se, reinventa-se.

A convivência com a crise faz parte da política. Os discursos mudam, como também a forma de anunciá-los. No mundo da tecnologia, é preciso ficar atento, pois as estratégias se diversificam rapidamente. A memória sofre com a derrubada de tradições. A crítica veloz anima os ansiosos. Criam-se tensões contínuas. As ruas não deixam de ser um cenário. Os apelos são, porém, outros; a mistura de projetos é inesperada e, muitas vezes, oportunista. A história se alimenta de ambições que, antes, se diziam impossíveis. Não se observa que o conhecimento do que foi vivido é importante para se redefinir as escolhas.

Os governos desprezam diálogos, retomam soluções, convivem com agonias, perdidos em busca de fórmulas. Os militantes se vestem com modas que lembram antigos ódios e preconceitos. Grandes confusões. Muitos não se tocam que a democracia tem sido um sonho e que é não há política sem lutas. Querer harmonias consolidadas é uma utopia desconsolada. Portanto, as instabilidades se casam com as polêmicas. Há sentimentos de raiva, formam-se grupos que não olham possíveis solidariedades. Quem acredita na “evolução” fica desenganado com as repetições. Reforçam-se os olhares fragmentados e exclusivistas.

Transformar a sociedade deveria fixar-se no cotidiano. Nem todos, contudo, se preocupam com o coletivo. A

miséria não descontinua e a exploração não deixa de produzir vítimas. Tudo leva a inquietações quando as alternativas batem em nuvens sombrias. No mundo das mercadorias, as pessoas se acostumaram com o consumo e com uma relação vaidosa com os objetos. É o jogo aberto nas disputas de cargos e no cinismo. É o caos ou uma diversão com o acaso? Quem sabe? Os traços da política são sinuosos e a coisificação firma seu mundo mesquinho.

O fogo da memória, a memória do fogo

A cultura não desaparece como um cometa. Ela se guarda na memória. Sua força é incomensurável. São tradições que se tocam, anos vividos, solidariedades, tristezas, descuidos. Somos cultura. Nosso corpo possui registros dos anos passados. Não dá para riscar o tempo da história. Seria um absurdo, um suicídio. Por aqui, os incêndios são comuns. Há os que derrubam prédios, acabam vidas. E os simbólicos? Não quiseram derrubar os vestígios da escravização? São podres os poderes que governam um Brasil tão extenuado.

O fogo indica transformação ou significa o juízo final? Ele pode ser manipulado ou o resultado de desgovernos cínicos. O Museu Nacional sucumbiu. Faltou água. Faltou atenção. Faltou tudo. Sacudimos fora o que parecia inesgotável. O desastre não tem tamanho. Dói como um delírio inacabado. O Rio de Janeiro se sustenta no grito. Suporta maldições, serviu de moradia às espertezas de Cabral. Tudo

está sob ameaça. Será que estão lembrados da Biblioteca Nacional? Há algum projeto para protegê-la?

No meio de um processo eleitoral esquisito, a sociedade é inundada por promessas. As dívidas serão quitadas? Os bancos estão lucrando menos? Como vão os hospitais? Mas o debate é ridículo, e a mídia ganha dinheiro produzindo escândalo, abrindo espaços para agressões e *fake news*. O fogo, aqui, não queima as impurezas, porém destrói as possibilidades dos sonhos. O sombrio Temer não se abala e o Supremo não deixa que a grana se esconda. Afundam os que pretendem salvar a ética. Brincam de acumular privilégios.

Se torna raro ouvir notícias animadoras. O cotidiano surpreende de forma cruel. Padecemos de esquecimentos que destroçarão as utopias ou o direito a pensar na revolução. São os sustos, sempre doentios. Fala-se que o país tenta a redemocratização. Mas quando houve momentos de ausência do autoritarismo? Os preconceitos são mínimos? Os sofrimentos da maioria se foram? É tolice cantar a democracia quando o capitalismo corrói até o desejo de ir às ruas. Olha-se para a política, observa-se a hipocrisia, não se sabe se a travessia é curva. O fogo mata até o anônimo. Por dentro, a subjetividade pede ajuda para poder imaginar.

Desfazeres avulsos

Ninguém pense numa montagem definitiva. A história conta que há travessuras e povos com culturas diferentes. Portanto, as invenções andam soltas e os planos se inventam. Existem semelhanças. Os amores, as amarguras, as tragédias circulam em todas as épocas. Há acasos, mas as permanências não se esgotam. O bloco dos mascarados é animado, embora nem todos curtam as mesmas ideias. Há frustrações quando se analisa ânimos disfarçados. Quem acredita que as verdades não mudam de lugar? Os mistérios crescem como as nuvens de uma tempestade. Experimente sentir a força do vento.

De repente, se foge das pessoas. Usa-se a comunicação remota. A sociedade se sente ameaçada por mentiras de especialistas em propaganda política. Porém, os enganos se multiplicam. A globalização sacode medos e as disputas acirram informações nada agradáveis. É a solidão pedindo espaço e lutas das gerações por sonhos desmanchados.

Quem imaginava a revolução, o saber científico neutro, sem lucros, comete um erro inesperado. As visões dependem de sábios escondidos em labirintos.

O capitalismo não se escondeu, tampouco buscou acidentes geográficos. Suas garras são ferozes e não temem a aridez das rochas. Ele quer agigantar-se e assustar, como um boneco disforme. A perplexidade acompanha a história e a sofisticação não nega o luxo. Desfazer as manipulações é o que muitos desejavam. Não faltam utopias, no entanto se percebem fragilizadas. O balanço do trapézio é estranho, não há desenho mais incomum do que o voo sem sincronia. Portanto, as narrativas se despedem de compromissos com o passado quando se afastam das profecias indefinidas. Atravessam abismos e valorizam celebrações de fantasmas. Consagram os deuses do Olimpo com rituais festivos.

Todos contam suas histórias. As memórias não abandonam os olhares do mito arcaico e o calendário das suas vidas. As travessias são cheias de pedras e de cristais. Os poetas misturam palavras e deuses. Lembram sempre a beleza ou uma tristeza que inquieta a finitude. Há brisas e barcos navegadores conduzidos por piratas. A história se estica e se retrai. A medidas se perdem, a exatidão é impossível. Quem não observa as incompletudes riscando os espelhos e brincando com os espantalhos? Não se despeça do seu próprio circo. Seria o fim do mundo ou o seu, numa respiração lenta e poluída.

Galeano: a memória companheira da história

Os livros de Galeano são provocantes. Sua escrita é bela e poética. Desmente aquela rigidez dos que dormem nos documentos oficiais e exaltam o fato positivista. Conta histórias com simplicidade, sem esquecer o compromisso coletivo. No seu coração, bate o ritmo da rebeldia contra as desigualdades. Galeano nos mostra os avessos e os contrapontos. Quem leu *Dias e noites de amor e de guerra* observa outras dimensões, foge dos cinismos e das opressões que tanto contaminam o cotidiano. É fundamental que a história sinta o perfume forte da memória. Nos pequenos diálogos se descrevem experiências que trazem aprendizagem inesquecíveis.

Nos tempos dos exageros cientificistas ou dos delírios religiosos, é preciso não esquecer que a vida possui muitas travessias. O sistema de dominação é envolvente. Imagens soltas embriagam, ressaltam o vencedor. Os historiadores não se engrandecem quando apagam os sentimentos e se perdem em estrada racionalistas. Quem fica preso em

verdades intelectuais, considerando-as inquestionáveis, massacra dizeres da memória. As mudanças devem ser escutadas, a heterogeneidade não é uma mentira. Não é necessário multiplicar quantidades, o que ensina está, muitas vezes, em pequenos parágrafos.

Galeano constrói uma relação fascinante entre o contar e a vontade. Não se aprisiona às regras nem renega a beleza do texto. Denuncia as ditaduras e as violências. Elas nos perseguem, destruíram esperanças e fecham a busca por espaços. A história também é composta de permanências que se cansam, políticas mensageiras de manipulações. Grana e poder sepultam utopias. Arrogância e individualismo quebram o coletivo. Os textos de Galeano nos alertam para sermos cuidadosos e olharmos o sumiço dos valores. A sociedade se congela sem consultar referências e obscurecendo os discursos que se insubordinam contra a mesmice. Desconhecem as astúcias de Ulisses, fundadoras da cultura.

Amor e guerra. A humanidade não tem sentido ou está correndo para o juízo final? Quem sabe? Leituras nos aproximam de desejos e inquietações. Se escorregamos sempre, fica difícil estabelecer possibilidades. Ora estão canhões nas ruas, ora os serviços de espionagens estão agindo, ora sopra vento de alívio. Tudo isso nos deixa confusos, nos chama para conversas, para a crítica, para o afeto. Eduardo Galeano marca o aprofundamento das memórias afetivas. Quem se cerca apenas da dita magnífica realidade acadêmica pouco consegue tocar na complexidade da história. Ir além sempre é um adeus à mediocridade.

Quem compra a vida e não mede a dor?

Aceitar as fragilidades é desafio. Queremos fixar memórias cheias de glória. Criam-se discursos que não dispensam as mentiras e buscam inventar ilusões. Desde as lendas do paraíso que a história não é, apenas, travessia linear, mas uma fuga de dificuldades crescentes. A capacidade de trabalhar, de formular uma sociedade com ordens estabelecidas não cessa de formar as lacunas. No entanto, não se ousa compreendê-las. É mais fácil mostrar heroísmos, esconder limites. A ficção nos atrai, os mitos existem e são poderosos. Portanto, a dor é negada, o narcisismo se expande com o ruído dos cartões de crédito. Ter é um mandamento. A posição privilegiada deslumbra, embriaga, futiliza.

Se Freud analisou tantas pulsões, atos falhos, infantilizações, outros procuram argumentos salvadores e mergulham nos mares da vaidade. Permanecem os que manobram com as fraquezas, trazendo a vida para as idas e vindas dos

consumos. O cerco é grande, pois não há como se desfazer de tantos desenganos. A guerra não se explicita, apenas, no culto às armas. Observe o jogo da imprensa, o interesse em ficar na vitrine, as colunas sociais, a venda de produtos inúteis, a cabeça baixa enfeitiçada pelo “zap”. A marca da novidade é festejada, a precariedade fica perdida nos labirintos. Édipo não deixou seu reino e Zeus se encontra nos quartos palacianos. Quem usa a palavra que desmonta? Apolo fechou sua moradia iluminada pelos excessos, saudoso das criatividades das sombras dançantes.

A pesquisa histórica busca esclarecimentos. Surgem as interpretações. Os acervos se multiplicam com a expansão dos feitos culturais. Os historiadores perguntam, dialogam, exibem saberes. As dúvidas não são eliminadas. Porém, há quem sossegue e aposte nas saídas individuais. A economia traz debates, e os liberais estão na crista da onda. Derrubam passados, reclamam das irresponsabilidades de governos ideológicos. A mistura se faz com objetivos de gerar tumultos. A guerra dos conceitos é uma ameaça. Muitos a subestimam. Já vi conceitos arrepiantes. Os ataques ao comunismo são confusos, revelam má intenção, contudo possuem seus seguidores. Quem assume a responsabilidade de repensar o mundo? Muitos preferem as telas aos olhos dos outros. Banalizam-se.

É interessante como o capitalismo se veste de todas as cores. Veja a China, explorando, sepultando seus antigos ideais. Será que Mao estremece com sua alma repleta de

pecados ou ele abriu espaço para que a China entrasse numa contemporaneidade obscura? Tudo virou um amontoado de disputas. A lógica do capitalismo prevalece. Os historiadores tentam outros caminhos. Por que tantas ambiguidades? As fontes não decifram certos mistérios. Deus está morto? O mal-estar é permanente? A grana agrada aos desejos humanos de forma definitiva? Estuda-se a subjetividade, consulta-se Sartre, Deleuze, Lacan, Certeau, e os argumentos inquietos não conseguem ultrapassar as angústias. Há limites. Eles passam e retornam. A cultura devasta? Quem a sente se incomoda com as suas feridas?

As “origens” do mundo: o caminho de Adão e Eva

Quem desconfia da história de Adão e Eva? Muita gente consegue manter firme a fantasia de que houve um pecado original. Reivindica a tradição bíblica, evita discussão. É um dogma poderoso que se arrasta desafiando tempos e reflexões. O pecado não anda sem a culpa. Tudo isso nos acompanhando, justificando, intimidando ousadias. Não adianta afirmar que há tecnologias que questionam verdades, que a ciência atiza dúvidas e formula hipóteses revolucionárias. Adão e Eva possuem um lugar garantido, trazem a permanência de lembranças primordiais, asseguram o equilíbrio das pessoas que não se soltam das divindades e dos sonhos do juízo final. Há um apego à explicação das origens, como uma busca de sossego e sentido para vida.

A travessia dos mitos e das histórias é universal. Mudam os nomes, mas não as necessidades. Quem não se incomoda em especular, em desfazer palavras para organizar

as inesperadas relações humanas? Temos inquietações incansáveis. Estão lá dentro do coração, arranhando a razão. Reduzir tudo a articulações claras, como um discurso do método perene e infalível, não satisfaz. Muitos tentaram. Há verdades que ultrapassam culturas e não se fixam em geografias determinadas. A complexidade dialoga com a incompletude, portanto não há como esperar, sem suspenses, que haja uma serenidade que aquiete.

Por isso, a linearidade não dá conta da compreensão do mundo. Ela a torna pequena, sem imaginação, encerrada em regras. *Eu adormeço às margens de uma mulher: eu adormeço às margens de abismo* (Eduardo Galeano). As metamorfoses marcam cada dia. Podem ser lentas, invisíveis. Mas há toques que só serão percebidos numa manhã que parecia desprovida de significados. De repente, uma luz ou um labirinto. As portas se trancam e as chaves perdem-se em águas turvas. *Arranque-me, senhora, as roupas e as dúvidas. Dispa-me, dispa-me* (Galeano).

A nudez ajuda a nos livrar dos preconceitos e do medo do outro. A travessura de Adão e Eva serve como exemplo, não interessa se cultivava mentiras ou estigmatiza comportamentos. Nada mais sábio do que interrogar por quem foi inventada, a quem ela agrada ou seduz. A vida é a arte da simulação. Quem apertou o botão da origem? Será que a resposta nos deixaria acomodados, iluminando nossas interioridades, controlando nossas insônias? *Assovia o vento dentro de mim. Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém,*

nem mesmo dono das minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a contravento, e sou vento que bate em minha cara.

Esse jogo de palavras de Galeano brinca com as astúcias do tempo, com os enganos das ordens. A navegação é, sempre, vacilante, como a de Ulisses. Se os mitos ganham um lugar de desprezo, a vida fica comum e se transforma numa forma estranha, totalmente desprovida de transgressões. Adão e Eva podem não ser símbolos de um pecado sufocante, mas de um desejo de negar a validade dos limites. Eles existem para ser renovados, nunca para aprisionar. As interpretações do mundo comportam histórias, e não uma versão única, cheia de peso. A culpa é um sinal de aventura.

E a memória de Deus: morreu ou descansa?

Pensar a eternidade é um desafio. Não sei quando a história começou ou se existe a possibilidade de se estabelecer o acaso. A magia não sai da história, apesar das desconfianças. Ela atrai e se mistura com as objetividades frias de alguns. Há quem não suporte a adivinhação e se entregue aos rigores da ciência. Não ri nem dança. Elogia a seriedade e se guarda isolado com medo de alguma traição. Daí, a fé desmedida de certos protegidos por suas orações, vestidos de santidades definitivas. É o lugar do messianismo e de se colocar ao lado da salvação. Será que ela existe?

Deus é uma invenção fabulosa, uma tentativa de buscar uma saída para tantas ambiguidades. Há muita fantasia, paraísos perdidos. Não faltam nostalgias. Não esqueçam de Octavio Paz. Seu texto final, *n'O Labirinto da Solidão*, é uma preciosidade. Os mitos são valores poéticos, nos chamam para os sonhos, assanham desejos, assim Paz nos avisa que

é preciso soltar a imaginação. A solidão é um passo para a criação ou quem sabe um desamparo surpreendente e destruidor. Há deuses vingadores e incomodados com os humanos. Conhece a tragédia grega?

A cultura traz espaços para suprir as incompletudes. Porém, as lacunas são importantes e estimulam ousadias. Deus seria a eternidade. Depois das mudanças provocadas pela modernidade, o sagrado viveu afogamentos. Nietzsche mostrou que os valores se diluem, se desfazem. Era fundamental construir uma outra cultura, transformar, ir além. Não cabe apenas um materialismo seco. E a arte, a sensibilidade, o raro, o invisível? Apagando os cinismos, nos livramos da mesquinhez e de soberanias impositivas e determinantes. E o relativismo não toca suas sinfonias?

O desejo da utopia inquieta. Não dá para desprezar as transcendências. Um fazer uniforme pode gerar um autoritarismo religioso ou celebrado por fascistas. O perigo é a servidão, é arquitetar privilégios. Castoriadis citava a autonomia como base. Nada mais significativo. O imaginário é uma construção coletiva anônima. Quem sente a escravidão não contribui para desfazer tradições avarentas. Deus é, para alguns, energia, ânimo. Para outros, o silêncio da submissão. Fortalecer a solidariedade talvez seja uma estrada que ajude a emudecer as incertezas. Será que a dialética se casa com um ponto-final? Ou passearemos pelo mundo voando nos trapézios?

Mandela: as experiências ensinam e desenham memórias

Não se faz a história elegendo o silêncio e se negando a acompanhar o vaivém da vida. O silêncio nunca foi um pecado capital. É preciso reflexão para movimentar ideias e desfazer compromissos autoritários. Mas é importante que as rebeldias apareçam, que os ruídos tenham eco e persistência. As diferenças existem e alimentam as culturas. Mandela compreendeu, com sabedoria, a complexidade que envolve a história. Num mundo marcado pelo utilitarismo, a competição rascunha o cotidiano e fermenta tensões. Há situações em que as crises ganham espaços incontroláveis e as aparências de desenganos se movem como fantasmas poderosos.

Não é apenas a morte que dignifica ou agita as lembranças. A vida se estende pelos tempos e pede escolhas. Muitos se abraçam às apatias e naturalizam as desigualdades. Seguem fortalecendo as omissões. Mandela não optou pelo olhar parado e ausente. Sofreu com a violência, mas não jogou no

lixo a serenidade. Sentiu que o diálogo é sinal de possíveis reviravoltas. Não adianta somente o discurso repleto de sonho. Ele não é, radicalmente, desnecessário. A experiência, a ação, o incômodo, o desejo de transformar e a solidariedade, contudo, firmam princípios e reinventam a política.

As manifestações estão em toda parte. Observa-se uma insatisfação global. Não é apenas a tecnologia que embriaga as ambições e fortalece o conteúdo da sociedade do espetáculo. Há quem denuncie. Há desconfianças, e a exploração não merece aplausos de todos. Não se pode negar que as expectativas revolucionárias não se fixaram. Os desânimos sepultaram afetos e desafiaram sociabilidades. A dominação é sofisticada, a felicidade não sai dos projetos e enche as propagandas de ficções doentias. Nem por isso as portas estão fechadas e as chaves perdidas. A morte de Mandela atrai símbolos, porém mostra que a história sem contrapontos é uma navegação sem volta. A mídia celebra os chamados grandes acontecimentos com pompa colorida.

De repente, aparecem heroísmos, santificações, lamentos, melancolias ensaiadas. Mandela não é o espelho da mídia. Suas ações políticas ultrapassam as imagens, relativizam o que se julgava impossível. A sedução das notícias também paralisa, porém toca e desenha alternativas. Muitos exaltarão Mandela como um anjo raro. Muitos verão em Mandela a luta que derrubou preconceitos, vestígios de otimismo que sacodem os sentimentos. Nas misturas, o passado subverte o presente e a memória não desaparece no meio

dos pesadelos. A velocidade tumultua as percepções, mas desistir é se subordinar.

Logo outras novidades substituirão o que se discute e o que dói. Ninguém esquece a soberania do descartável. No entanto, a história guarda seus encantos e eles não se perderam. Nem todos se deslumbram com as manipulações. As imaginações se multiplicam. Os territórios possuem abismos e planícies. Kafka tinha suas razões. O mundo tem sombras, porém há cores e sons que destoam do lugar comum. Mandela acreditou neles e se mantém na história. As chaves das portas estão abandonadas ou escondidas na mesquinhez do individualismo? Alguém responde, e a história continua.

Poderes
políticos e
cotidiano

Invente-se: a competição afasta e oprime

A sociedade acelera suas demandas. Os deslocamentos são grandes e afugentam os acomodados. Eles pedem rapidez. Criam opressões, para aumentar corridas e estimular o apego ao sucesso. Portanto, o outro pode se tornar um obstáculo, numa estrutura de competições. Não se assuste com as ilusões de empregos maravilhosos. É o jogo para amortecer os danos da luta para punir quem se coloca como rival. Aquela festejada sociedade do ócio parece que se foi de vez. Era uma promessa que invadiu planejamentos e nostalgias. Sossegava quem se sentia massacrado pelo trabalho e buscava adormecer amarguras. Não se apaixone por quem desprezou o desejo de socializar a generosidade.

As quedas constantes das oportunidades, para superar impasses sociais, se multiplicam. Quem monopoliza não se cansa e distribui discursos para ampliar os territórios do capital. Fique alerta. Observe quem se guarda para sofisticar armadilhas, engrandecer o consumo das armas e enaltecer

as drogas que inibem as rebeldias. É preciso considerar que o poder está concentrado. Há lacunas nas alternativas que tumultuam as hierarquias. A política se veste com o luxo de teorias especializadas em consolidar propagandas e desfazer ativismos. Daí o combate aos saberes inconformados com os números e provocadores de novas solidariedades. Há quem se torne parceiro das repressões.

Não é sem razão que os disfarces capitalistas se aproximam de paraísos. Mudam as imagens, porém mantêm a inibição, se articulam com espetáculos que domesticam multidões. Não pare nem se entorpeça. Medite e se estique. A rapidez mobiliza quando desconfia do que se repete. As depressões não visitam apenas os consultórios dos psiquiatras. Analise os grupos de convívio e traga suspeitas para fermentar debates. Há marginalizações, intrigas, subornos afetivos. O mundo não gira se a acomodação filtrar transcendências e fixar o congelamento artificial das diferenças. As ambiguidades estão espertas sempre. Sono e sonho se entrelaçam com os efeitos dos psicotrópicos. No entanto, a velocidade dança com ousadias e fantasmas sedutores.

Estabelecer muros é uma forma de produzir afastamentos. Há muros invisíveis, perigosos, feitos para evitar que a sociedade substitua a lógica da acumulação. Pense que as celebrações são constantes. As séries da Netflix causam espantos e fantasiam. Geram perplexidades incomuns. A miséria é escandalosa, mas a tv chama atenção para o celular vermelho que pertence a um ídolo de barro. Esqueceu de

alguma coisa? Deixou o presente no banco da praça? Cuidado, pois os fiscais das alegrias e dos afetos organizam regras e limitam a espontaneidade. A cultura problematiza, atíça perguntas e incomoda os dinossauros. Nem sempre ela desmonta artifícios de controle. A manipulação nunca é ingênua. Ela se localiza na vitrine mais próxima. Já abriu sua janela? Ilumine-se.

As informações moram nas ordens dos poderes

Não é possível derrubar todos os diálogos. É importante decifrar mensagens e agitar a reflexão. Somos animais sociais, apesar das divergências e dos conflitos violentos. O jogo da vida exige controle, porém não faltam excessos. A história é o inesperado que acorda sossegos e promete sacudir memórias. As redes de comunicação existem e são necessárias. Há tensões, escritas agressivas, plateias excitadas. Corre o narcisismo, com textos que pedem aplausos e se sentem senhores da verdade. Quem pode negar a força da propaganda, um lugar singular que garanta bons negócios, os abraços que estimam amizades passageiras? Para que se aplaude o fluxo do capital? E as conversas mascaradas prometem o juízo final?

As polêmicas frequentes não tiram o mérito dos apelos múltiplos e, por vezes, obscuros. Alguns adotam concepções de mundo ditas renovadoras, outros acham que o óbvio é um encanto. A sociedade não se cansa de inventar aventuras,

e as transformações acompanham grupos conspiradores. Quem analisa as andanças dos tempos não deixa de olhar as contradições. Muitos fazem ruídos, afirmam opiniões extravagantes, se valem de sapiências jurídicas. Consultar o espelho envolve as tarefas do cotidiano, elege escolhas e fermenta narcisismos. O uso da tecnologia atíça ambiguidades velozes e traiçoeiras. Não há carência de sustos.

Nunca houve a consolidação de homogeneidades. As diferenças persistem e o circo se anima com as fantasias. Há espaço para o riso e para a irritação. A complexidade abraça as lutas sociais e mostra a dificuldade de serenar as rebeldias. Fugas, atritos, arrogâncias. A sede de poder invadiu espaços profanos e escraviza desejos. Isso é visível. Os danos são inegáveis. No entanto, há deboches na comunicação, descobertas inusitadas de segredos intrigantes. Julgar traz suspenses e mostra que a sociabilidade brinca de se esconder. Não é fácil definir valores e montar alternativas sadias. O trapézio balança com informações globalizadas e mentiras programadas nas moradias arquitetadas por doutores.

O testemunho inesperado se costura e alerta para o caos. Não esqueça que as manipulações não apagam as nostalgias fascistas, porém diminuem as astúcias da transformação. Não existe o absoluto. Os celulares tocam, os Facebooks tremem, os piratas não adormecem nos mares pós-modernos. Acertar as profecias é o maior desafio. Diante de tantas idas e vindas, os fantasmas se espalham. Há os salvadores, os

tenebrosos, os cultivadores de inovações. Definir regras fixas talvez seja uma ingenuidade imensa. Não se pode subestimar os desmanches. Expulsar a vaidade das configurações humanas é uma missão impossível. Viver lamentando o fracasso dói e atormenta. Mas como negar que o desamparo se consolida diante de privilégios opressores?

A luta anarquista, a desigualdade histórica, o livro de Hans Magnus

O anarquismo não conseguiu as vitórias que imaginava. Possui, ainda, uma visão otimista das possibilidades de superar os impasses sociais. Mas nada garante mudanças. As travessias da história não fogem da exploração. Muita violência, competições sofisticadas, dureza nos negócios. O espaço para igualdade diminui, em alguns aspectos, apesar das manipulações feitas para naturalizar preconceitos e agressividades. A sociedade é cenário de lutas. Não há sossego. O anarquismo defende uma utopia: a igualdade. Outros também quiseram transformar o social, jogar fora o lixo das sociabilidades perversas. O mesquinho anda solto e as convivências tensas persistem. Há quem acredite que enganar é vital. Cogitam a democracia criando um espetáculo sem ponto definido.

Hans Magnus escreveu um livro fundamental: *O curto verão da anarquia*. Talvez um romance, ou quem sabe um relato

das astúcias que regem o humano. Se localiza na Espanha, passando pela Guerra Civil e os escorregões dos desequilíbrios dos anos 1930. Hans inova na escrita, traz reflexões inesperadas e toca na sensibilidade. É uma obra que atrai e inquieta. Até onde se constrói a possibilidade de desfazer os ressentimentos e sepultar as disputas cotidianas? É preciso ter cuidado. Não basta sonhar para evitar os dismantelos que nos angustiam. Há dramas no conviver e labirintos desocupados, com esfinges espertas. Sobram incertezas em desertos quase infinitos. Hans navega na diversidade, multiplica fontes, dialoga com o leitor. Desmascara, fere, desvenda.

É impossível analisar o anarquismo sem observar os limites das condições humanas. Hans lembra-me Camus. Já leu *O Mito de Sísifo*? Arquitetar paraísos não é nada estranho. Porém, a história mostra assaltos, desconfortos e crueldades constantes. Eles são inesperados? Há permanências ou as revoluções sacudirão as sujeiras e reinventarão os sentimentos? O livro nos coloca agonias existenciais. Quem pensa que a história é apenas o desfilar de cronologias e a celebração de acontecimentos? As teorias dançam nas profecias ou simbolizam regras salvadoras? Quem ilumina as bipolaridades de Narciso ou as rebeldias de Prometeu? Os anarquistas queriam desmontar as injustiças, maldiziam os poderes, enfrentavam oposições até mesmo dos comunistas. Eles nunca se articularam bem. Se detestavam, na surdina. Discordavam quanto às estratégias de dominação e armadilhas da violência.

No livro, a figura mítica de Durruti compõe ruídos avassaladores. Todos sabem que os franquistas venceram seus opositores com ajuda de Hitler e por causa das vacilações de outros grupos que poderiam fortalecer a luta dos anarquistas. A escrita de Hans nos leva a um território povoado de incertezas. A cerimônia da morte de Durruti, anarquista radical, é um anúncio de que há contradições e que o poder produz descontroles frequentes. Forma-se um complexo imaginário. Não há história sem pedras no meio do caminho, nem os poetas sabem o que fazer com elas. Desenhos, sepulturas, horizontes? As pedras são espelhos. Olhem-se nas páginas do livro, na precariedade dos sonhos que subestimam as impossibilidades. O humano é ousadia anônima. Para quê? Para bordar a pedra nos seus delírios inconformistas.

O trabalho: a exploração desmonta a vida

O trabalho ajuda a animar a vida. Envolve-se com a cultura. Nada como inventar o cotidiano, desfazer impasses, conversar com as descobertas. Restam dúvidas. O mundo não é o território do absoluto e as ilusões do carnaval trazem alegrias fugazes. Não adianta construir paraísos em lugares onde armadilhas são criadas. O trabalho está, hoje, submisso às manobras do capital. Não está fácil imaginar sonhos, pois se acirram as disputas e as instituições financeiras ajustam suas manobras. Preste atenção. Mais uma se prepara, com a chamada Reforma da Previdência.

A sociedade mudou. Seu ritmo busca outras regulações. O trabalho está ligado à circulação da grana, à luta pela sobrevivência. Desconfie. O mercado é um cenário nada neutro. Quem controla o poder? Quem elogia as medidas tomadas pelo governo? As enganações são muitas e os banqueiros vibram. Observe como anda o Chile. Pense

nas possibilidades futuras. A tecnologia transformou as necessidades. As máquinas resolvem impasses antigos. Mas e a qualidade de vida? Com quem dialoga sobre as suas aflições? Qual é valor da vida?

O mito da felicidade é perigoso. Alimenta anúncios, inquieta expectativas, apaga dificuldades. Quem controla os meios de produção dita as normas. Não é à toa que a sociedade passa por conflitos. A globalização não desfez diferenças. Assegurou a força das grandes corporações, aumentou o número de refugiados, fortaleceu o monopólio. O capitalismo se reanima. No Brasil, as experiências políticas recentes envolvem debates e consolida ressentimentos. A complexidade assalta as tomadas de decisões e a profissionalização crescente da política é algo cercado de jogos predatórios. Já se fala em acordos no Congresso, promessas de cargos e milhões...

A sociedade se movimenta, a história não se congela. Não custa visualizar a memória, visitar o passado. O trabalho já enfrentou escravizações. Elas nem se foram de vez. Mascaram-se. O negócio é feito para a satisfação das minorias. Se a exploração marca a ordem social, nada será construído com generosidade. Houve eleições, vitórias, escolhas. Tudo virou um espetáculo que as imagens comandam. Há quem não se toque e nem acredite em conchavos. Estimulam vinganças, se desligam da dignidade. Quem domina não quer perder centavos. Coloca cores onde a palidez escondida mostra tempos perdidos e desamparos profundos.

Incertezas contemporâneas: o lixo e o luxo se completam

Muita gente enxerga um mundo desenhado por uma sucessão de ruínas. Uma rápida olhada nos jornais ou mesmo nas redes sociais mostra que há pessimismo exaustivo e pesadelo nas expectativas. As análises frequentes observam o momento tenso e incerto. Fatigam como nunca. Há disputas armadas e invejas opressivas. O que parecia ser o caminho da salvação se tornou um lugar de cinismo feroz e desnutridos sentimentos. As religiões procuram lugares de poder privilegiados, não se envergonham de dividir os horrores. Francisco não é bem-visto por defensores dos autoritarismos. Há deboches constantes que esvaziam a crítica e confundem a clareza nas opções. Portanto, interesses são simulados e balões de ensaio são soltados. Cada ato é infantilizado, para fragmentar o compromisso.

A insegurança invadiu o cotidiano. As verdades são fugazes ou mesmo produtos da contabilidade do mercado.

Instáveis e pálidas. A busca é por incentivos materiais. Quem se engana? Quem registra a coisificação ou a destruição dos afetos? A legitimidade está suja de dizeres curtos e rasos, dançando seus ritmos monótonos. Não é exagero. Há quem curta violências, estimule preconceitos, queira sufocar as maiorias. As ideias revolucionárias se sentem adoecidas. A lógica do capital agiganta a concentração de riqueza e anula a reflexão de quem duvida. Isso alicia, desmonta, açoita quem se abraça com a solidariedade.

O futuro se balança. Ele sempre foi lugar de incertezas. O pragmatismo fechou a porta para o sonho e abriu o espaço para o utilitarismo. Ser um animal social encantado com o infortúnio do outro é dantesco. Sobram minorias lutando para denunciar e desnaturalizar violências assombrosas. Será que a exploração cabe apenas nos países marcados pela desigualdade? Quem domina escolhe suas vítimas e não se cansa de bordar máscaras para aumentar sua invisibilidade assassina. Não é à toa que vestimentas da insensatez se espalham como modas para ações macabras. O lixo e o luxo estão em cada esquina e não cessam de costurar seus disfarces.

Quando Nietzsche anunciou a morte de Deus, a cultura ocidental ganhou uma nudez polêmica. Certos paradigmas caíram nos pântanos mais tenebrosos. As guerras, os fascismos, as bombas atômicas, os imperialismos deixaram uma suspeição permanente. Quem se beneficia? Quem trama? Quem se esconde? As incertezas povoam a sociedade

acompanhadas de perversidades que empurram para o abismo. Não se faz um silêncio absoluto, porém a perplexidade se multiplica. O mundo das incertezas difere do mundo das utopias. Os deuses não conseguem teatralizar o juízo final. Sem a invenção de novas brechas, continuaremos atormentados pelas travessuras das culpas e massacrados pelas incertezas. Escraviza-se com sofisticação e tecnologia acesa para o apocalipse.

Quem aposta na política?

Se o escândalo ganha espaço no mundo, a história se torna parceira do inesperado. As instituições criam regras, mostram que existem limites. No entanto, há agonias marcantes. O movimento não dispensa as transgressões. A cultura busca equilíbrios. Eles são passageiros. Como fica o medo do inesperado? Vivemos a política numa sociedade que fermenta disputas. Ela não se livra da violência, tolera preconceitos e gosta de consumir. Portanto, cultiva novidades, ganha o território da superficialidade, brinca de sacudir a responsabilidade no lixo.

A política se envolveu com corrupções imensas. Prisões, julgamentos, acusações, surpresas. Muita irritação, divisões e falta de projetos. Não conseguimos visualizar diálogos, soluções, encontros. A tensão está presente em tudo. Simulam matar quem havia, antes, falado de armas e torturas e destacado o privilégio dos mais ricos e o tumultuar das intrigas e das farsas. O perfil do possível assassino é incrível.

Parece que tudo acontece sob o efeito de um feitiço. Não esqueçamos que a violência não está, apenas, na política. Ela apodrece possibilidades e ameaça esperanças, invade moradias e planejamentos.

A sociedade consumista atíça performances. A sua mídia é extravagante. Tudo se transfere para uma competição sofisticada. As obscuridades arruinam reflexões. Como debater ideias, traçar planos, mover sentimentos? Ganham o interesse e a grana. Quem está a serviço de quem? Muitos desacreditam que haja saídas. Preferem carregar no pessimismo. Muitos desempregados ouvem o desespero tumultuar sua loucura. Portanto, as inimizades prosperam junto com as hipocrisias. O retorno é a suspeita. A mesquinha empurra para a desconfiança. A imagem é a sedução.

As eleições estão aprofundando uma dissonância que se espalha pela história. As ideias fascistas se consolidam em determinados grupos. A inquietude se firma e a insegurança se amplia. Não é à toa que as eleições se tornam um cenário de fantasmas e assombrações. Os acontecimentos agudizam os destroçamentos da reconstrução. O Brasil é sufocado por autoritarismos. Seu ídolo Vargas fundou o Estado Novo. A censura não se foi e sinais evidentes de escravizações não abandonaram as relações de trabalho. Como respirar a dignidade poluída cotidianamente? Mais além do atentado, há tiros no ar, raivas reprimidas, curvas traiçoeiras.

Ocupar as ruas, refazer o lúdico, entender a diversidade

As multidões ocupam as ruas, não apenas visando desfazer propostas políticas. Há uma forma de se organizar, um grande encontro afetivo, muitas conversas, mudanças na formulação das estratégias. Anima, traz força, mostra a heterogeneidade. A movimentação é um registro da sociedade em que vivemos. As imagens estão nas redes sociais, as pessoas gostam de marcar presenças e desfrutar da presença das tantas seduções. Portanto, a política ganha cores e fantasias. Diverte, inquieta, desenha suas vitrines. Um dia de sol, muito azul e protesto contra os abusos conservadores fazem um espetáculo que comove, mas há nuvens no ar que não podem ser banidas.

Imaginamos que as utopias podem ressurgir, mas tudo é muito efêmero. Há poucas reflexões e muitas individualistas buscando afirmações. Fica difícil dialogar. Nos debates, há dissidência por milímetros. Infelizmente, estamos subordinados à lógica do consumo. Mesmo quem critica não

consegue ultrapassar certos limites. Observe o Facebook. É uma fábrica de ambiguidades. É difícil escapar dos modelos. As passeatas repetem o que repercute; não acontecem na Lua, porém em cidades governadas por homens e mulheres. Não estamos soltos no infinito. Há alguém livre de qualquer contradição? Portanto, as vaidades acompanham e tripudiam sonhos.

A política ganha, assim, uma complexidade incomum. Muitas novidades descartáveis, desafios, apatias, cansaço e o reino dos celulares. Mais do que a luta, muitos preferem fantasias, exposições, motivos para festejar suas ações. Cada tempo com seu ritmo; não estamos em maio de 1968 nem passeando pelas ruas de Atenas. Apagar a rebeldia é um erro. Não vamos sacralizar o profano. Olhe os religiosos defendendo o fascismo! Quem esperava outra coisa nada entende? Não se esqueça das artimanhas dos pactos da Igreja Católica com a burguesia. Qualquer dúvida, assistam aos programas dos pastores. Vende-se tudo. Os interesses não se foram e nem irão.

Ser ingênuo não resolve muita coisa. Rasgar a memória é um suicídio político. O importante é articular a consciência, dialogar, não cultivar perfeições ou purezas. Há desperdícios. As manipulações mudam e possuem ajuda da tecnologia. Vargas utilizava o rádio. Hitler explorou teorias científicas. O manipulador autoritário não perde de vista o ressentimento político para usá-lo. As relações de poder são escorregadias. No entanto, é preciso não se

esconder. Quem se nega como responsável, adormece. A história passa, pode assumir desenhos esquisitos e assustar. Somos seus sujeitos. O drama existe e a comédia também.

O fascismo marca a política

O autoritarismo não se foi da história. As relações sociais são fundamentais para mover as transformações, porém marcam períodos com violências e juntam grupos ressentidos com derrotas no passado. O fascismo busca memórias para justificar governos baseados em intimidações crescentes. Não confunda com o socialismo. O fascismo tem suas ligações com o capitalismo, sobretudo em situações de derrota. Analise o século passado, as travessias políticas da Itália e da Alemanha.

O corporativismo era intenso, fortalecia as polícias secretas, enchia a sociedade de ideais militaristas. Assim, Hitler traçou o imperialismo e quis ser senhor do mundo. Deixou herdeiros, montou genocídios, disciplinou para matar. Recuperou a economia, mas perseguiu grupos, se sentiu capaz de tomar conta da Europa. Usou conhecimentos científicos, reuniu obras de arte, comemorou batalhas

com comícios monumentais. Ousou, enganou, encenou com êxito impressionante, mas não fugiu de tropeços e ilusões.

O tempo passou. Fascismos persistem com consolidações de ditaduras e massificação de preconceitos raciais. Mesmo com as tecnologias ditas modernas, o jogo do capital não desiste de juntar riquezas com armamentos, extrapolando as manobras da desigualdade, se balançando nas bolsas de valores. Quem não se recorda de Salazar e Mussolini? Os exemplos continuam. Observem os deboches de Jair e de sua família. Um fascismo tosco que risca os saberes e faz alianças com os milicianos. Quem esperava tanto descompasso?

No mundo da pandemia, absurdos se espalham, as instituições se desencontram, há isolamentos culturais e provocações frequentes. Pensa-se nos poderes das máquinas, e a dor das perdas é escondida. Limites, descontroles, ironias e uma agressividade que se inspira em guerras com comportamentos estranhos. A questão assusta e confunde, porque se mistura com a globalização. Talvez a sociedade tenha se tornado um campo de concentração. Quem não olha as ameaças e os delírios das mentiras?

A rebeldia e a repetição não se largam do cotidiano

Nas festas especiais do consumo, de tudo acontece. Os *shoppings* ficam marcados pela avidez da grana, mas também se sente a ameaça das multidões ausentes do fluxo maior dos bens materiais. Há silêncio sobre os descontroles. A imprensa divulga os êxitos, o maior poder de compras das chamadas classes C e D, as últimas novidades vindas dos descartáveis chineses. Tanta coisa se revira. Termina prevalecendo a euforia. As mensagens omitem as violências, e as fantasias de fortuna esquecem a fome. O mundo agigantado das drogas e das depressões. A gangorra da vida não descança nem sob as luzes das vitrines. Nosso estar-no-mundo continua sinuoso, apesar das promessas dos políticos que não apagam seus arranjos pouco éticos.

Os conflitos não se descolam de cenários que pareciam voltados para reencontros com o sossego. No Egito, os combates de rua denunciavam que a democracia está distante. A famosa

primavera que iria florir no Oriente Médio possui fôlego curto. É difícil redefinir tradições, assombrar autoritarismos. Os fantasmas fascistas percorrem passados, querem permanecer como identidades firmadas. O diálogo entre judeus e palestinos não se expande. As populações sofrem, nascem condenadas a conviver com armas e ódios. Não sentem o tilinguagem dos sinos, adormecem inseguras com medo das bombas.

Há uma fábrica de ilusões que atua, distorce fatos e intimida críticas. Não pense, no entanto, que a ordem dominante se sente cercada de certezas. As desigualdades sociais geram vacilações e convocam as instituições repressoras a organizar suas ações. Há ameaças de invasão a *shoppings* que atordoam comerciantes e minimizam lucros. Isso acontece, circula em alguns jornais, é tema de reportagens nas TVs, porém de maneira discreta e quase invisível. O inconformismo não fica nos heróis das novelas nem nas revoluções do passado. Todos querem ter acesso aos bens materiais, tão anunciados como portadores da boa vida. Não é uma provocação manter um sistema que reproduz desacertos e joga a maioria na lata do lixo?

Pois é. A ordem vencedora não convence totalmente, embora se cerque de artifícios sofisticados. O salário mínimo aumentou, respiram-se outros ares; no entanto, as hierarquias não diminuíram e milhões enchem cofres de uma minoria. A concentração de riquezas é agressiva. Ela se agudiza nos momentos de exacerbação do consumo. As praças públicas estão iluminadas, com moradores pedindo

refeição e crianças buscando água para lavar suas roupas. As generosidades são passageiras, explicitam bondades localizadas, pintam gestos que pouco mudam os desconfortos gerais. As igrejas oram, muitas vezes de portas fechadas, não ligadas nos que, fora, choram a dor do desprezo.

É importante não esquecer que as ambigüidades não residem apenas nas especulações dos filósofos nem nos lamentos agudos dos profetas. O mundo é vasto na distribuição das rivalidades e das competições, não só na multiplicação dos saberes e na renovação do estoque das mercadorias. As continuidades não se largam do cotidiano. As formas variam, as utopias se redimensionam. Os simulacros de paraíso merecem ser expostos. Os ruídos ajudam a refazer a história e a não emudecer as rebeldias.

Esquisitos poderes

Ali. Dobre a primeira esquina à direita e encontrará uma praça. Não se assombre com as luzes apagadas. Existe falta de cuidado. A praça segue servindo de lugar de descanso e de manobras inesperadas. Há pessoas que não saem dos bancos sem fazer uma longa meditação. É preciso assistir à natureza. As árvores não se entregam e são companheiras dos namorados mais pacientes, mesmo que os ruídos de automóveis incomodem. Não ligue. Foque naquilo que atraí.

A praça pode parecer melancólica. Há quem não goste de ficar parado. Corridas mostram que as pressas também se incorporam aos ânimos. Ninguém sabe os espaços mais dignos num mundo cheio de máquinas e oportunismos. Portanto, não estranhe que haja mendigos ou cachorros bem-cuidados, perfumados pelos donos. Tudo é esquisito, se você buscar uma análise profunda. A humanidade inventa maravilhas, mas não foge das ruínas. Uma confusão incessante. Uma roda-gigante sem desenho definido.

Não faltam contradições, desde os tempos do paraíso. Estupidez, dismantelos, violências habitam lugares anônimos. Se as maiorias se encantam com os consumos desproporcionais, pense que há grupos que cultivam o afeto e desfazem as intrigas. Os vestígios de solidariedade alimentam desejos que inquietam em instantes que lembram passados. A praça poderia ser um paraíso? Talvez. Merece olhares contemplativos. No entanto, as paradas de ônibus assustam quem trabalha e está atrasado. Tiram a poesia e atijam os intolerantes.

Sei que os danos são frequentes, pois os espaços públicos se deterioram. Não perco o equilíbrio nem julgo de forma definitiva. As cidades se alargam e sacodem desigualdades. Há lixo e luxos. As medidas arbitrárias vestem políticas populistas. Como se infantilizam fanáticos delirantes! Negar que a praça me traz uma passagem de contraste seria uma loucura. É esquisito que a vida desfile no asfalto quente e que demônios urbanos façam das praças um canto comum e inútil. A aridez faz parte da história. Alguém conhece seu caminho sem curva?



Sobre o autor

Antonio Paulo de Moraes Rezende é professor emérito da UFPE, aposentado em 2021, e atuou no departamento de História. Fez bacharelado em Direito, na UFPE; Mestrado em História, na Unicamp; e Doutorado e Pós-doutorado em História, na USP. Participou, como assessor, da Secretaria de Educação do Recife. Publicou vários livros, entre eles: *História do movimento operário no Brasil*; *Todos contam sua história*; *Ruídos do efêmero*; *A Revolução Praieira*; e *Rumos da História...* Escreveu artigos, publicados em coletâneas e revistas especializadas, sobre temas relacionados à cultura, à modernidade, à afetividade e à política; orientou trabalhos de Pós e de Graduação, fazendo parte de bancas de defesa e de concurso. Foi membro do Conselho Universitário da UFPE e da Estatuínte. Pai de quatro filhos e avô de seis netos. Torcedor de futebol do Santa Cruz, do Barcelona, do São Paulo, e do Manchester City. Curte também a poesia

e contribuí para as redes sociais sistematicamente, com postagens e textos. Durante quinze anos, fez as provas do vestibular em História da UPE e da UFPE.

Título Das histórias vazias e outras levitações
Autoria Antonio Paulo de Moraes Rezende

Formato E-book (PDF)
Tipografia Albertan Pro
Desenvolvimento Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea, Recife-PE
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397
editora@ufpe.br | editora.ufpe.br

